

Paola de Carvalho Buvolini Freitas

Efeitos dos estereótipos no teletandem

São José do Rio Preto
2020

Paola de Carvalho Buvolini Freitas

Efeitos dos estereótipos no teletandem

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES
Orientador: Prof. Drº João Antônio Telles

São José do Rio Preto
2020

B088e Buvolini-Freitas, Paola de carvalho
Efeitos dos estereótipos no teletandem / Paola de carvalho
Buvolini-Freitas. -- São José do Rio Preto, 2020
192 f. : il.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do
Rio Preto
Orientador: João Antônio Telles

1. Linguística aplicada. 2. Mediação. 3. Estereótipo
(Psicologia social). 4. Tutores entre pares estudantes. 5.
Interpelação. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados
fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Paola de Carvalho Buvolini Freitas

Efeitos dos estereótipos no teletandem

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.
Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof. Dr^o. João Antônio Telles
UNESP - Assis

Prof. Dr^a. Rodrigo Borba
UFRJ - Rio de Janeiro

Prof. Dr^a. Glenda Cristina Valim de Melo
UNIRIO - Rio de Janeiro

Prof. Dr^a. Solange Aranha
UNESP - São José do Rio Preto

Prof. Dr^a. Suzi Spatti Cavalari
UNESP - São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
06 de dezembro de 2019

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, a qual agradeço muito porque entendi o que é ser pesquisadora e como posso contribuir socialmente através da ciência.

Agradeço imensamente estar neste processo acadêmico, para isso, tantas pessoas trilharam este caminho comigo e agora é o espaço de agradecê-las.

Em primeiro lugar, agradeço às incontáveis orientações do meu orientador, Prof. Dr. João Antônio Telles, que em todos seus pronunciamentos me fez refletir sobre formação docente, formação humana. Nas nossas orientações sempre uma interpelação a ver o outro na sua subjetividade, sem padrões, sem limites, com o teletandem. A experiência foi fantástica!

Também, um obrigado especial às professoras convidadas para a banca de qualificação e defesa, Prof. Dr^a Solange Aranha e Prof. Dr^a Suzi Spatti Cavalari. Que aprendizagem ouvi-las e poder aprender mais. Agradeço toda a enorme competência que tiveram em cada detalhe desse dia. Muito obrigada!

Prof. Dr. Rodrigo Borba e Prof. Dr^a. Glenda Melo, agradeço o pronto aceite para fazerem parte da banca de defesa de doutoramento e os preciosos apontamentos realizados. Foi uma aula, foi instigante e provocante realizar um debate além da Linguística Aplicada com vocês. Agradeço a vinda, mesmo com dificuldades, e as contribuições acadêmicas, pedagógicas, sociais. Muito obrigada!!!

Agradeço os professores suplentes, Prof. Dr^a. Ana Salomão (também avaliadora no SELin), e Prof. Dr^a Mônica Mayrink, muito obrigada! Nesse trânsito de saberes em contato, vejo o quanto profícua é a área da Linguística Aplicada. Vocês são valiosos e muito respeitados.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) à qual agradeço muito, pois assim pude entender, realmente, o que é fazer pesquisa, empenhar nas leituras e coleta de dados e, assim, estar envolto no teletandem e na academia.

Em segundo lugar, agradecer minha família que no coletivo é representada por tantos que deram suas contribuições de várias formas. Ao Helder Luís de Freitas que ao aceitar caminhar comigo nesta jornada, também passou a entender os processos de interpelação e alteridade que tanto nos constitui em tudo. Muito obrigada!!! Minha mãe, Carmen Lúcia de Carvalho, que foi meus primeiros olhos e ouvidos com os livros, inaugurou-me nesta vida letrada e, na sua antropofagia, passou-me valores primorosos. Muito obrigada!!! Aos meus irmãos, Maita, Lucas e Bárbara, cunhados, Jefferson, Michelle e Roseli agradecer a compreensão de estar em falta em diversos momentos, por um desejo de formação maior que foi/é respeitado.

Agradeço as minhas queridíssimas sobrinhas, Maria Eduarda, Laís e a mais novinha, Alice, por me encherem de amor e coragem. Elas são meu fôlego, com seus sorrisos singelos, verdadeiros e carinhosos, além dos discursos impactantes do crescimento.

Também agradeço minha tia Vera e primo Leonardo pelos cuidados com meu tempo de pesquisa e atenção a como tudo caminhava. Aos demais familiares um obrigada pelo laço afetivo.

Aos meus companheiros de trabalho, por tantas trocas no espaço da educação. Em especial, aos meus coordenadores e gestores do UniSALESIANO, a minha diretora Lucimeri Rizzo Parra e minha coordenadora, Marici Cagliari Rizzo, do colégio LC Anglo pela compreensão da ausência para esta produção, pela confiança na minha formação processual e respeito às minhas necessidades. Muito obrigada!

Agradeço a atenção de todos os funcionários da seção de pós-graduação da UNESP de Rio Preto, em especial para Silvia Emiko e Mauro Miasaki que tanto me ouviram e, pacientemente, esclareceram todas as dúvidas. Que competência e respeito vocês têm. Muito obrigada!

Às amigas do grupo do Teletandem de Assis e São José do Rio Preto que me receberam afetosamente: Máisa, Ludmila, Micheli, Gabriela, Queila, Laura, Carol, Milena. Vocês são exemplares e admiráveis.

Agradeço às queridas e competentes professoras da graduação e pós de Assis e São José do Rio Preto: Rozana Messias, Anna Elstermann, Kelly, Karin, Suzy, Solange, Douglas, Fernanda Galli por muitas trocas. Muito obrigada!

Agradeço aos professores e alunos de mestrado e doutorado do grupo de pesquisa *Teletandem e Transculturalidade* pelas reflexões, encontros e risadas no nosso percurso acadêmico.

Existir é ser chamado à existência em nome de uma alteridade.

Bhabha H., O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

El mundo que queremos es uno donde quepan muchos mundos.

(Excerto da 4ª Declaração do movimento Ejercito Zapatista de Liberación Nacional em janeiro de 1996, pelo fim da marginalização dos povos indígenas descendentes dos Maias)

RESUMO

Teletandem é um contexto virtual, autônomo e colaborativo de aprendizagem de línguas estrangeiras. Neste contexto, pares de aprendizes ajudam um ao outro no processo de aprendizagem da língua-alvo. Esta tese está contextualizada na área de ensino e aprendizagem virtuais de línguas estrangeiras via teletandem. Durante as interações nesse modo de telecolaboração (teletandem), ocorridas em Assis com brasileiros e estadunidenses ou indivíduos de outras nacionalidades que viviam nos EUA, assumimos que os alunos fazem uso de vários estereótipos à medida que interagem interculturalmente para aprender o idioma um do outro. A tese que norteou o estudo é que esses estereótipos podem ser caracterizados e que seus efeitos podem ser usados para a construção de uma mediação crítica da sessão de teletandem pelo professor de língua estrangeira. Dentro desse contexto telecolaborativo de aprendizagem linguística e intercultural, os objetivos do estudo foram: a) verificar os efeitos dos estereótipos no contexto do teletandem. Nosso argumento, aqui, é que o estereótipo se apresenta como um símbolo da cultura nacional do participante de teletandem. O estereótipo é a representação metonímica da identidade nacional do aluno. Por serem recorrentes, os estereótipos tornaram-se evidentes e começamos a pensar em como eles poderiam ser abordadas pelo professor-mediador durante as sessões de mediação teletandem. Assim, nosso segundo objetivo surgiu: (b) descrever uma prática crítica de mediação que incentive os participantes e outros interagentes a não sedimentar estereótipos excludentes. Essa prática é apresentada através da Cartografia das Identidades que é um dos efeitos pedagógicos da recorrência dos estereótipos no teletandem. Teoricamente, fundamentamo-nos em (1) os estudos realizados por Telles (2015), Vassallo e Telles (2009), Andreu-Funo (2015, 2018) com notas sobre teletandem, mediação, identidades e performatividade; (2) na Teoria da Performatividade de Butler (1990, 1993, 2004, 2015), com foco nos processos constitutivos de citacionalidade e

iterabilidade do discurso dos interagentes e indicadores de interpelação de Althusser (1970); (3) nos estudos sobre estereótipos de Lippmann (2008), Pereira (2002), Mazzara (1999), Baccega (1998), Cabecinhas (2017) e Franco & Rampazzo (2016). Para a delimitação de instrumentos de geração de dados, adotamos a definição de tarefa de Nunam (1989), de Gonzalez-Lloret & Ortega (2014) e Rampazzo e Aranha (2018). As teorias que sustentam a prática pedagógica crítica da mediação trazida nessa tese são de Freire (1996), Pennycook (2004), Liberali (2012). A metodologia está fundamentada no paradigma da pesquisa qualitativa. Utilizamos o Estudo de Caso e a Teoria Fundamentada nos Dados de Charmaz (2009). A partir dos dados coletados, chegamos a parâmetros plausíveis de uma prática de mediação no teletandem. Os participantes da pesquisa foram 8 estudantes brasileiros e 8 estudantes estadunidenses, participantes frequentes das interações e mediações. As tarefas foram usadas como instrumentos de coleta de dados. Foram dois questionários, diários semanais, gravação de uma mediação após a interação, a mediação com os interagentes brasileiros no final das sessões de teletandem e outra mediação de Zoom com os interagentes estrangeiros. A partir dos dados analisados, concluímos que (a) os participantes do estudo usaram estereótipos nacionais para aproximar os parceiros no contexto da comunicação transcultural e (b) os efeitos dos estereótipos afetam a concepção de língua que permeia a interação, o binarismo Eu – Outro dos parceiros na constituição identitária e subjetiva dos interagentes e mediadores e a aprendizagem pela *differánce*. O Outro precisa ser diferente para cumprir o objetivo da aprendizagem em conjunto, que é a aprendizagem pela *differánce*.

Palavras-chave: Estereótipo. Mediação. Performatividade. Interpelação.

ABSTRACT

Teletandem is a virtual, autonomous and collaborative foreign language learning context in which pairs of learners help each other in their process of learning the target language. This thesis is contextualized within this area of virtual teaching and learning of foreign languages via teletandem. During the interactions in this mode of telecollaboration (teletandem), we assume that learners make use of multiple stereotypes as they interact interculturally to learn each other's language. The thesis that guided the study is that these stereotypes can be characterized and that their effects such characterization can be used towards building a critical mediation of the teletandem session by the foreign language teacher. Within this telecollaborative context of linguistic and cross-cultural learning, the objectives of the study were: a) to verify the characteristics of the use of stereotypes in the context of teletandem. Our argument, here, is that the stereotype presents itself as a symbol of the teletandem participant's national culture. The stereotype is the metonymical representation of the learner's national identity. Because they were recurrent, the characteristics of the stereotypes became evident and we began to think about how they could be approached by the teacher-mediator during teletandem mediation sessions. Thus, our second objective emerged: (b) is to describe a critical mediation practice that encourages participants and other interactants not to sediment exclusionary stereotypes. This practice is presented through the Cartography of Identities, which is one of the pedagogical effects of the recurrence of stereotypes in teletandem. We are theoretically grounded on (1) the studies conducted by Telles (2015), Vassallo and Telles (2009), Andreu-Funo (2015, 2018) with notes on teletandem, mediation, identities and performativity; (2) on Butler's Performativity Theory (1990, 1993, 2004, 2015) with focus on the constitutive citationality and iterability processes of the interactants' speech, and interpellation indicators of Althusser (1970); (3) on the studies about stereotypes by Lippmann (2008), Pereira (2002), Mazzara (1999), Baccega (1998), Cabecinhas (2017) and Franco & Rampazzo (2016). For the

delimitation of data-generating instruments we adopted Nunam (1989), Gonzalez-Lloret & Ortega (2014) and Rampazzo & Aranha (2018). The theories that support the critical pedagogical practice of mediation brought in this thesis are from Freire (1996), Pennycook (2004) and Liberali (2012). The methodology is grounded on the qualitative research paradigm. We use the Case Study and Charmaz's Grounded Theory (2009). From the collected data we arrived at plausible parameters of a teletandem mediation practice. The research participants were 8 Brazilian students and 8 US students, frequent participants of interactions and mediations. Tasks were used as data collection instruments. They were two questionnaires, a weekly diary, the recording of a mediation after the interaction, the mediation with the Brazilian interactants at the end of the teletandem sessions and another Zoom mediation with the foreign interactants. From the data analyzed, we concluded that (a) the participants in the study used national stereotypes to bring partners closer in the context of cross-cultural communication and (b) the characteristics of this use affect the partners' binarism *I - the Other*. The *Other* needs to be different to fulfill the goal of tandem learning, which is learning by the difference.

Keywords: Stereotype. Mediation. Performativity. Interpellation.

Lista de quadros

Quadro 1: Pesquisas de aprendizagem em tandem	29
Quadro 2: Pesquisas de aprendizagem em teletandem	32
Quadro 3: Eixos temáticos e perguntas gerais do projeto	34
Quadro 4: Diferença entre os modos de estudar cultura	56
Quadro 5: Síntese dos paradigmas de pesquisa	89
Quadro 6: Instrumentos de coleta de dados	96
Quadro 7: Ações da coleta de dados	101
Quadro 8: Participantes do teletandem	105
Quadro 9: Respostas da questão 1 do 1º par	118
Quadro 10: Respostas da questão 1 do 2º par	120
Quadro 11: Respostas da questão 1 do 3º par	122
Quadro 12: Respostas da questão 1 do 4º par	123
Quadro 13: Respostas da questão 2 do 1º par	124
Quadro 14: Respostas da questão 2 do 2º par	126
Quadro 15: Respostas da questão 2 do 3º par	127
Quadro 16: Respostas da questão 2 do 4º par	128
Quadro 17: Respostas da questão 3 do 1º par	131
Quadro 18: Respostas da questão 3 do 2º par	133
Quadro 19: Respostas da questão 3 do 3º par	134
Quadro 20: Respostas da questão 3 do 4º par	134
Quadro 21: Respostas da questão 1 do Q2	140
Quadro 22: Respostas da questão 2 do Q2	141
Quadro 23: Respostas da questão 3 do Q2	143
Quadro 24: Questões culturais nos diários de Laís	146
Quadro 25: Questões culturais nos diários de Renata	148
Quadro 26: Questões culturais nos diários de Julia	149
Quadro 27: Questões culturais nos diários de Tati	150
Quadro 28: Fala de Gustavo, mediação com os estrangeiros	154
Quadro 29: Fala da Professora, mediação com os estrangeiros.....	154
Quadro 30: Fala de Ruby, mediação com os estrangeiros	155

Quadro 31: Fala da Professora, mediação com os estrangeiros	156
Quadro 32: Fala de Gustavo e mediadora, mediação com os estrangeiros	156
Quadro 33: Fala de Gustavo e mediadora, mediação com os estrangeiros	157
Quadro 34: Fala de Gustavo e mediadora, mediação com os estrangeiros	159
Quadro 35: Fala de Rhys, mediação com os estrangeiros	159
Quadro 36: Fala de Cris e mediadora, mediação com os estrangeiros	160
Quadro 37: Fala de Gustavo e mediadora, mediação com os estrangeiros	161
Quadro 38: Falas da mediadora	164
Quadro 39: Fala da Professora, mediação com os estrangeiros	164

Lista de figuras

Figura 1: Bicicleta representativa da atividade de tandem	25
Figura 2: Conexão teórica da tese	41
Figura 3: Desenho da tese	108
Figura 4: Charge 1 para atividade do questionário 2	137
Figura 5: Charge 2 para atividade do questionário 2	138
Figura 6: Charge 3 para atividade do questionário 2	138
Figura 7: Charge 4 para atividade do questionário 2	139
Figura 8: Charge 5 para atividade do questionário 2	139

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Justificativa.....	19
Organização da tese	21
Capítulo 1: TANDEM E TELETANDEM	24
1 Aprendizagem de línguas estrangeiras em tandem e teletandem: o conceito e seus pilares	25
1.1 Breve histórico sobre os <i>estudos</i> acerca da aprendizagem em tandem...27	
1.2 Histórico do Teletandem: suas origens e desdobramentos	29
1.3 A mediação em teletandem e sua relação com a formação de sujeitos e professores de línguas para o século XXI	35
Capítulo 2: REFERENCIAIS TEÓRICOS	38
2 A conexão entre as teorias dessa tese	39
2.1 Teoria da performatividade.....	42
2.2 O dizer no Teletandem – ato performativo	47
2.2.1 A performatividade em pesquisas do Teletandem	50
2.3 Cultura e suas facetas no teletandem	53
2.4 Nacionalismo e Identidades.....	59
2.5 Estereótipos.....	61
2.5.1 Estereótipo em pesquisas do teletandem e de aprendizagem de línguas	68
2.6 A interpelação.....	71
2.7 Antropofagia e cartografia	76
Capítulo 3: METODOLOGIA DE PESQUISA	80
3.1 Inquietações que levaram aos instrumentos geradores de dados.....	81
3.2 Os quatro paradigmas de pesquisa qualitativa na contemporaneidade ...	86
3.2.1 O Construtivismo.....	87
3.2.2 Teoria Crítica.....	88

3.2.3 Esta tese e os paradigmas de pesquisa	89
3.3 A Teoria Fundamentada nos Dados	92
3.4 Método.....	94
3.4.1 Instrumentos da coleta de dados	95
3.4.2 Procedimentos de coleta.....	97
3.4.3 Procedimentos de análise	102
3.4.4 Participantes da pesquisa	103
Capítulo 4: ANÁLISE DOS DADOS	106
4.1 Estereótipos nas mediações transcritas	109
4.2 Estereótipos no questionário pessoal (Q1).....	118
4.3 Estereótipos no Questionário das charges (Q2).....	137
4.4 Estereótipos nos diários	145
4.5 Estereótipos na mediação com os estrangeiros	152
ANTROPOFAGIA DO DIZER - RESULTADOS	162
REFERÊNCIAS	173
GLOSSÁRIO	182
Glossário de termos	183
APÊNDICES.....	184
APÊNDICE A: Questionário pessoal.....	185
APÊNDICE B: Atividade com as charges.	186
APÊNDICE C: Questionário “Estereótipos em charges”	187
APÊNDICE D: Quadro diário	188
ANEXO.....	189
ANEXO A - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).....	190

INTRODUÇÃO

Na fotografia social que temos hoje, a comunicação mediada pela tecnologia ganha destaque. Mais que se comunicar constantemente na própria língua, comunicar-se com um estrangeiro passou a ser uma atividade possível a mais pessoas. É um critério de ascensão profissional facilitado pelos mercados globalizados, pelas universidades atentas à internacionalização, pela demanda fluída de diálogos profissionais e pessoais como características da formação e constituição dos sujeitos desse tempo.

Como veículo da comunicação, as línguas, nativa e estrangeira, também ganharam espaço. Cursos de língua estrangeira na escola básica, na universidade e em redes particulares hegemônicas a ideia de que crianças e adultos devam aprender para experimentar, para se ter mais conhecimento e ser mais amplo pelo próprio movimento de se aprender línguas estrangeiras: ampliar fronteiras constituídas pela relação eu-outro.

Nesse movimento de expansão geográfica e, conseqüentemente, cultural, a língua estrangeira é o navio que vai para o além mar. É por ela que nos constituímos, aparecemos, identificamo-nos e vivenciamos a vida. Nesse contexto, o teletandem é criado: “um novo contexto virtual, autônomo e colaborativo de aprendizagem de línguas estrangeiras, o qual traz as imagens por *webcam* como a característica mais inovadora para unir-se aos trabalhos de conversação, a leitura e produção escrita” (VASSALLO e TELLES, 2009, p.41).

No berço da ideia de se ensinar e aprender línguas pela troca com outrem, a modalidade do tandem possibilita este contato face-a-face. Contudo, este contexto da aprendizagem de línguas estrangeiras em tandem presencial só chegava a quem tivesse a possibilidade e/ou recursos financeiros para estar territorialmente em outro país ou para realizar um intercâmbio com custos. A fim de viabilizar o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras sem custo, de forma democrática, mediado por tecnologias que quebravam as barreiras físicas e territoriais, o teletandem foi implementado como projeto pedagógico e se fez como uma atividade e modalidade de telecolaboração. Pessoas inseridas na UNESP, seja aluno e funcionário, podem participar desse espaço de troca de línguas por um tempo estipulado, por meio de ferramentas tecnológicas gratuitas.

O teletandem foi o espaço que dimensionou minha pesquisa de Mestrado sobre os dizeres de interagentes que, ora marcavam suas identidades nacionais, ora

deslocavam-nas, (re)construíam-nas nas interações. Por exposição e vivência nesse espaço, a proposta do Doutorado veio como uma continuidade e aprofundamento do pesquisado na fala dos interagentes para observar o que o interagente traz de sua vivência para as sessões de mediação com atenção especial às ideias/imagens nacionais-culturais.

No presente estudo, parto de dois pressupostos: (a) o elemento estereótipo chama atenção porque aponta para identidades nacionais e (b) o estereótipo é enunciado várias vezes por participantes de teletandem em interações e por professores desse ambiente. Tendo em conta esses dois pressupostos, o foco inicial desta tese é *verificar os efeitos de estereótipo no contexto de telecolaboração online do teletandem*.

Portanto, esta tese coloca o conceito de *estereótipo* sob escrutínio. Assim o faz, particularmente, no contexto de comunicação transcultural do teletandem. Uma vez verificado os efeitos de estereótipos no teletandem, minha intenção é *delinear alguns parâmetros para uma mediação crítica¹ a respeito de estereótipos*. Esses parâmetros serão mostrados através de tarefas no que chamamos de Cartografia das Identidades.

O estudo foi realizado a partir de minha própria prática como mediadora de sessões de teletandem, das quais eu coletei os dados junto aos alunos delas participantes.

Os dois objetivos, acima, se justificam por três razões: a primeira diz respeito a nossa percepção de que, no contexto das atividades do teletandem, recorrências de *estereótipo* forçosamente esbarram na ideia de referência a fatores culturais e nacionais dos grupos em contato. A segunda razão diz respeito ao fato de que tais recorrências de *estereótipo* tendem, constantemente, a produzir noções generalizantes e questionáveis de valor cultural das nacionalidades. Por fim, a terceira razão para se colocar o conceito de *estereótipo* sob escrutínio nesta tese foi o fato de que parte de nossa equipe de pesquisadores estava incomodada quanto ao uso de estereótipos nacionais como generalizantes e simbólicos da nossa

¹ O adjetivo crítica acompanhando mediação crítica é para reforçar o caráter crítico proposto na Pedagogia crítica de Freire (2001), na Linguística crítica de Pennycook (2006) que sustentam a formação dos sujeitos proposta nesta tese de parâmetros para uma prática mediadora consciente das diferenças do contexto de comunicação transcultural online. A tese de Andreu-Funo (2015) já dimensiona esse caráter pedagógico e também crítico da mediação, mas não deixa essa adjetivação explícita.

nacionalidade brasileira. Tal incômodo dos professores-mediadores e interagentes de teletandem gerava neles a sensação de exclusão e desrespeito.

Com esse enfoque, relacionamos esta pesquisa com o segundo momento do teletandem, o qual vislumbra maiores estudos com relação às culturas em contato. Esse segundo momento será descrito no primeiro capítulo “Contextualizações”. Estudar práticas culturais ou diferentes modos de vida entre os dois países incide na força que tem a linguagem para mostrar suas culturas. Esta tese, portanto, parte dos pressupostos que tal força seja carregada de poder (Vassallo, 2009) e seja interpeladora, além de ser performativa (BUTLER, 1990, 1993, 2004, 2015).

Nessa atividade interativa, o uso da língua estrangeira se arquiteta, se mostra. Tal uso organiza a percepção do outro e da cultura que este outro enuncia. É na percepção dos interagentes, sobre as coisas do mundo, sobre as nacionalidades, que reside o conceito básico de estereótipo.

Nas reuniões do grupo de pesquisa sobre teletandem, os professores-pesquisadores e professores-mediadores apontavam para o fato de a recorrência da nacionalidade brasileira, principalmente, e as outras virem estampadas, resumidas e categorizadas por estereótipos. Tal fato chamou minha atenção. Passei a olhar para além das cores das bandeiras dos países cujas línguas são ensinadas em centros de línguas, para além das estampas do material didático, das paredes tematizadas pelas características nacionais desses espaços e dos cartazes de eventos de línguas que trazem imagens do país da língua-alvo. Por exemplo, é comum um evento específico da língua espanhola vir anunciado com a imagem de touros, de castanholas, de *paellas* e da bandeira da Espanha, quando o foco é o espanhol da Espanha. Caso o evento abranja língua e cultura estadunidense, é frequente vermos as cores da bandeira dos Estados Unidos ou a Estátua da Liberdade.

As falas desses professores e mediadores do teletandem traziam descontentamento por tal categorização metonímica. Elas também refletiam uma estratégia de contato intercultural. Era, portanto, uma estratégia de contato intercultural usada para que a interação entre nações e sujeitos diferentes acontecesse.

Por falas dos professores de línguas, participantes do grupo de pesquisa de Assis (em 2013), como “o brasileiro adora feijoada” e “eles (os estrangeiros) querem falar sobre futebol”, a noção de estereótipo enunciada nas interações, tanto entre os

alunos quanto entre os professores-mediadores de teletandem se mostrou relevante para pesquisa. A relevância de tal noção pode ser justificada no maior número de trabalhos cuja temática era a cultura no ensino e aprendizagem de línguas online e na criticidade do que se troca como “cultural” de cada país. Ou seja, o uso da língua tematizando a cultura nacional dos interagentes evidencia parte da constituição identitária e subjetiva dos mesmos. Esse uso promove uma compreensão pedagógica e crítica sobre o porquê usar o estereótipo como um elemento, um indício cultural que ao mesmo tempo: a) diferencia culturas e línguas, podendo se identificar com a noção de estereótipo excludente, valorativo, metonímico, noção bastante disseminada comumente e b) noção de referência cultural-nacional aproximadora dos falantes na interação, sem demarcar negativamente as culturas em contato. Assim, o uso de estereótipo vai se caracterizando como orientador da interação transcultural online.

Diante do exposto, nossas perguntas de pesquisa são:

- 1. *Quais efeitos dos estereótipos emergem no Teletandem?***
- 2. *Quais tarefas usar na mediação para se problematizar o uso dos estereótipos?***

A explicação sobre a formulação das perguntas está na próxima seção.

Justificativa

O sujeito que participa das mediações - momento seguinte ao da interação, junto a um professor ou aluno de Pós na área de ensino e aprendizagem de línguas - de teletandem é o foco desta tese. É por sua fala e escrita, interpeladas ou não por estereótipos, que poderemos verificar na diferença de língua e cultura os efeitos de estereótipos para e na comunicação transcultural. Como os interagentes são de nacionalidades diferentes, a identidade nacional tende a ser evocada e usada, seja como forma ou como estratégia de interação dos envolvidos.

No dizer do aluno de língua estrangeira durante as sessões de teletandem, a identidade nacional é comparada e confrontada, de modo implícito ou explícito, para discutir assuntos que são específicos para cada sujeito e para cada lugar (Buvolini, 2015). Curiosamente, fruto da natureza do contato transcultural online em

teletandem, um processo muito recorrente neste tipo de contato é a comparação (frequente, superficial e via senso comum) entre os dois países dos participantes. Tal comparação é feita por meio de *marcação de diferenças* (Woodward, 2013; Telles, 2015) entre os dois países, ou entre esses e outros. Como conclusão da dissertação de Buvolini-Freitas (2015), desse processo de comparação via marcação de diferenças têm-se dois claros movimentos performativos: (a) movimento de pertencimento com valorização de estereótipos e (b) fragmentação de estereótipos que constrói outros valores culturais, mais plurais, como consequência da globalização e da tecnologia.

Assim, é importante trazer esta temática para escrutínio, em particular sob a perspectiva das pesquisas em comunicação transcultural online. Isso porque se trata de um passo educacional da área de pedagogias de línguas estrangeiras do século XXI. Para se compreender os sujeitos envolvidos, precisamos observar o movimento de constituição subjetiva e identitária de si mesmo, em confronto com outro, o “estrangeiro” – aquele estranho em valores, em costumes, em visões de mundo e em língua, já que um dos efeitos de estereótipos é a ideia de essência que está fragmentada pelo hibridismo (BHABHA, 1998) e pela forma de perceber o sujeito pela Teoria da Performatividade (BUTLER, 1990, 1993, 2004, 2015).

A justificativa para o embasamento teórico se dá porque a Teoria da Performatividade concebe o sujeito pelo seu dizer, por sua ação performativa. Entendemos no termo sujeito: identidade e subjetividade. Tal ação performativa tende a romper a norma, a normatividade, o estereotipado, por meio das ações do dizer e de seus múltiplos efeitos na sociedade.

A presente pesquisa de doutoramento pretende ser uma contribuição para o movimento contemporâneo na área acadêmica² de respeito e acolhimento do diferente, sem dicotomizar as questões culturais como boas ou ruins. A abertura das fronteiras, o contato com outras culturas que chegam aos alunos e funcionários dos campi da Unesp podem ampliar suas visões de mundo. Elas contribuem para uma constituição identitária e subjetiva crítica, essencial para os jovens professores de

² A especificação da contribuição desta tese para o respeito e acolhimento das diferenças na área acadêmica se dá porque no cenário político, macrossocial, há uma crescente valorização do nacional, deixando a diplomacia com as diferenças distante dos agenciamentos políticos, econômicos e linguísticos. Mas, no contexto do teletandem, seus princípios interpelam o participante a estar aberto para o diferente como forma mínima de participar desse contexto de aprendizagens de línguas.

línguas estrangeiras do século XXI, já caracterizado pela oferta, multiplicação e expansão das tecnologias e das redes sociais virtuais.

Por fim, desejamos que a tese auxilie a constituição de olhar menos sedimentado a respeito dos estereótipos nacionais para a aprendizagem de línguas e seus espaços de oferta no contexto atual que vivenciamos e no contato transcultural estimulado cada vez mais como proposta coerente à globalização e culturas híbridas dos povos (BHABHA, 1998).

Por isso, a problematização do uso de estereótipos nesse contexto do teletandem fomenta problematizar também noções de língua, linguagem, sujeitos, identidades e sobre a aprendizagem de línguas pela *differánce*. Com essas problematizações há a pertinência de buscar em Pennycook (2006) sua Linguística Aplicada crítica (LAC) e transgressiva como forma de compreender os processos linguísticos realizados no teletandem, indicativos de um uso da língua transgressor, discursivo, singular, político (PENNYCOOK, 2006).

Organização da tese

A tese será apresentada a partir de quatro capítulos após a introdução, justificativa e organização da mesma.

O primeiro capítulo é intitulado *Tandem e Teletandem* e tem por objetivo aclarar as teorias desse contexto de pesquisa e suas características. Iniciamos pela descrição do contexto da aprendizagem em tandem e seu enfoque na aprendizagem de línguas por pares (ou parcerias). Este primeiro contexto, do tandem, possibilitou a criação da modalidade de aprendizagem de línguas mediada pelo computador, aplicativos de voz e escrita e webcam, conhecido por *teletandem*. Dimensionar os dois momentos do teletandem é singular, também, para apontar pesquisas com as quais dialogamos e para onde seguimos na segunda perspectiva do projeto (Teletandem: Transculturalidade na comunicação on-line em línguas estrangeiras por webcam).

O segundo capítulo, *Fundamentações teóricas*, elucida as teorias elencadas a partir dos dados coletados no estudo piloto. As teorias serão: teoria da Performatividade de Butler (1990, 1993, 2004, 2015), com foco nos processos de citacionalidade e iterabilidade constitutivos da fala dos interagentes e indicadores de

interpelação de Althusser (1970). Na fundamentação teórica sobre o contexto da pesquisa trazemos estudos de Telles (2015), Vassallo e Telles (2009), Andreu-Funo (2015, 2018) com apontamentos sobre o teletandem, identidades e performatividade. Para os estudos acerca de estereótipos, dialogamos com Lippmann (2008), Pereira (2002), Mazzara (1999), Baccega (1998), Cabecinhas (2017), Franco e Rampazzo (2016). Para a delimitação dos instrumentos geradores de dados usamos a definição de tarefa Nunam (1989), na qual tarefa é um trabalho de interação na língua-alvo com foco no sentido, a partir de tarefas reais. Para o contexto do teletandem mediado pela tecnologia somamos a definição de tarefa de Nunam com as de Gonzalez-Lloret & Ortega (2014) e Rampazzo e Aranha (2018). Para as autoras, a junção de tarefa com/através da tecnologia é um campo em ascensão porque é praticado cada vez mais através do TBLT (ensino de línguas baseado em tarefa) mediado pela tecnologia. As teorias que sustentam a prática pedagógica crítica da mediação trazida nessa tese são de Freire (1996), Pennycook (2004), Liberali (2012).

O terceiro capítulo, *Metodologia*, descreve os procedimentos metodológicos, os objetivos, natureza e características dos instrumentos de coleta e análise dos dados, o contexto e os participantes do nosso estudo.

Para a análise dos dados, reservamos o quarto capítulo intitulado *Análise dos dados*. Este capítulo trará seções intituladas o estereótipo mais os instrumentos geradores de dados, como são cinco, teremos cinco seções.

O último capítulo é intitulado *A antropofagia do dizer - resultados*. Esse último capítulo trará os *Resultados dos Dados*, os parâmetros para uma prática mediadora de teletandem após a análise dos dizeres que aconteceram pela antropofagia do contexto do teletandem e da própria situação atual: países globalizados, tecnológicos, mas que tentam se identificar como nação singular, por isso, buscam contatos evidenciando suas diferenças. Esse último capítulo também mostrará as lacunas que não puderam ser respondidas por esta tese, além de apontamentos decorrentes do trabalho que servirão para pesquisas futuras a partir do que, aqui, foi evidenciado.

As últimas páginas serão destinadas às *Referências Bibliográficas* e ao *Anexo* com o *Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) enviado ao CEP e assinado por todos os interagentes* e ao *Apêndice* o Questionário 1 – Questionário

peçoal - (com situações sobre estereótipo), o questionário 2 chamado *Estereótipo nas Charges* e o Quadro diário enviado ao interagentes brasileiros.

Capítulo 1:

TANDEM E

TELETANDEM

Este capítulo pretende descrever o tandem (base para o teletandem) e teletandem como contextos de ensino e aprendizagem de línguas. Esses contextos favorecem estudos sobre a constituição dos sujeitos, uma vez que essa constituição se dá na relação eu – outro, formativa da alteridade humana (Butler, 1990, 1993, 2004, 2015) e presente na interação e mediação do teletandem, nosso foco.

1 Aprendizagem de línguas estrangeiras em tandem e teletandem: o conceito e seus pilares

O termo tandem surgiu na Alemanha, final dos anos 60, da necessidade de pessoas aprenderem outra língua com um sujeito estrangeiro que estava vivendo lá. Ou seja, os encontros entre duas pessoas aconteciam presencialmente com o objetivo do nativo (ou mais competente na língua alvo) auxiliar o parceiro na aprendizagem desta e vice versa. Os encontros se caracterizavam a partir de sessões bilíngues, com aprendiz e tutor alternando papéis como explica Telles (2009).

Os objetivos iniciais da troca de línguas eram ajudar um ao outro a melhorar a língua-alvo, conhecer mais sobre o país do parceiro, entender sobre um aspecto cultural específico. Isso acontecia face a face e recebeu o nome de *tandem* pela representação da atividade de interação vista na bicicleta com dois bancos e dois pedais. A bicicleta reflete a atividade realizada em dupla, pressupondo colaboração e responsabilidade, assim, constituindo a natureza da interação como individual e social ao mesmo tempo.



Figura 1: bicicleta representativa da atividade de tandem. Fonte: página do Tandem Language Café at Yale,

https://www.google.com.br/search?q=tandem&num=20&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjn4dOS-JffAhVJPJAKHSCMB08Q_AUIDigB&biw=1536&bih=723#imgrc=b4dnHSfiMYgf8M:

Esta forma de aprender a língua estrangeira ganhou proporções que culminaram na diminuição de cursos bilíngues na Alemanha e a saída dessa modalidade para outros países (VASSALLO E TELLES, 2009).

Na Espanha e Alemanha, a aprendizagem em tandem trouxe muitos adeptos pelo formato autônomo, sem a figura consolidada do professor de línguas, com a grande perspectiva de usar a língua, não ensiná-la. Houve, inclusive, a formação da Rede Internacional de Tandem (International Tandem Network), segundo Brammerts (2003).

Como a interação do tandem se constituiu como um modelo diferente do que se tinha em torno de ensino e aprendizagem de línguas, estudiosos da área se debruçaram a entender, via estudos de caso, como o auxílio na aprendizagem acontecia durante a interação linguística.

Para isso, Brammerts (2003), Estévez Coto *et al* (1983), Müller, Wertenschlag e Wolf (1989), Rosanelli (1992), Brammerts e Little (1996), Delille e Chichorro (2002), Rost-Roth (1995-5) elencaram princípios norteadores da interação em tandem. São eles: (1) separação de línguas, a fim de assegurar que os dois parceiros serão beneficiados com o mesmo tempo com as línguas em interação, tal como vemos na figura da bicicleta; (2) reciprocidade, princípio da negociação das necessidades e objetivos dos envolvidos diante da aprendizagem de língua estrangeira, sugerindo provável e possível equidade entre esses e (3) a autonomia, princípio que dimensiona os objetivos e gerenciamento da aprendizagem de línguas de cada interagente. Com esses três princípios o tandem e teletandem são utilizados pelo mundo.

Para o praticante/aprendiz/interagente no tandem, a atenção ao conteúdo e a forma são ações de responsabilidade para com a aprendizagem do outro, constituindo a autonomia e a reciprocidade entre o par e não um mero bate papo com um amigo estrangeiro. Esta atenção remonta ao caráter também pedagógico que vemos no tandem e no teletandem.

Atualmente, a aprendizagem em tandem é vista e praticada como uma soma, um complemento do ensino e aprendizagem de línguas em escolas, institutos e universidades (públicas ou particulares). Essa característica se dá pela estrutura da

interação acontecer *um para um* ou em grupos. Embora alguns estudiosos ressaltem o ensino como consequência e/ou completude da interação em tandem, o foco maior está para a aprendizagem, segundo a quantidade de estudos realizados no Brasil e no exterior.

1.1 Breve histórico sobre os estudos acerca da aprendizagem em tandem

Para entender a constituição do teletandem é necessário conhecer a história da aprendizagem em tandem e traçar sua cronologia. Cabe ressaltar que há variadas formas de se referir a este contexto pedagógico, inovador e atual de usar a língua materna e a língua estrangeira com a finalidade de aprendizagem, aprimoramento, uso. As menções são: “regime tandem”, “relação tandem”, “modalidade tandem”. Todas evidenciam o que conceituamos na seção anterior.

O início dessa modalidade de aprendizagem de língua estrangeira, baseada no uso da língua, deu-se no fim dos anos 60. Naquele momento, o termo foi se constituindo como maior e “guarda-chuva” para ramificações que viriam dele como é o caso do teletandem, contexto que envolve esta pesquisa.

Já nos anos 70, na Espanha, a ideia de dois falantes de línguas diferentes se juntarem para aprender, usar, aprimorar suas línguas sem a mediação da sala de aula e do professor ganhou espaço.

Nos anos 80, estar sem a mediação do professor era inusitado e incitou pesquisas nas universidades acerca da autonomia desses parceiros que se encontravam regularmente. Os primeiros teóricos sobre autonomia no tandem são Brammerts, Calvert e Kleppin (2002, 2003).

No teletandem, há muitos pesquisadores que se debruçaram no estudo deste princípio. Na última subseção desta primeira seção de contextualização teórica, trataremos os enfoques teóricos das pesquisas realizadas no teletandem.

Nos anos 90, essas pesquisas sistematizaram os três princípios do tandem e a criação da Rede Internacional de tandem, dando suporte e estabilidade para sua difusão.

Na sua constituição, a modalidade de aprendizagem de línguas em tandem se constituiu de três maneiras: (a) o tandem face a face como a primeira forma de contato e prática, mostrado acima, (b) o e-tandem, forma de interação através de e-

mails trocados cujo foco estava na aprendizagem via escrita, não na oralidade e (c) teletandem, interação com foco na oralidade e escrita (chat) mediadas pela internet com utilização de imagens dos parceiros via webcam, sem a presença face a face dos interagentes, ou seja, à distância. Usaremos a sigla TTD ao mencionar teletandem.

Mostrado o percurso histórico, suas características e princípios, cabe nomear os pesquisadores da aprendizagem em tandem para evidenciar o objetivo e objeto dessas pesquisas chegando até as pesquisas realizadas hoje. Faremos isso através do quadro abaixo. Ele apresenta o pesquisador, delimita o objeto de pesquisa no contexto da *aprendizagem em tandem* e o ano de publicação do que foi pesquisado. As informações do quadro foram retiradas do primeiro capítulo (“Ensino e aprendizagem de línguas em tandem: princípios teóricos e perspectivas de pesquisa”) do livro de apresentação dos trabalhos do Teletandem intitulado *Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI*. Segundo Vassallo e Telles (2009), os pesquisadores do regime de aprendizagem em tandem são:

Pesquisadores	Foco da pesquisa em tandem	Ano de publicação
Rosanelli; Baumann et al; Macaire;	A concepção do tandem na Alemanha	1992; 1999; 2004;
Wolff; Rosanelli; Herfurth; Brammerts.	O uso do tandem na Espanha	1991a; 1992; 1992; 1994; 2002
Rosanelli; Brammerts, Jonsson, Kleppin e Santiso Saco.	Forma de uso do tandem – institucional, complementar, com ou sem sessões de aconselhamento e a duração das interações.	1992:9; 2002.
Pelz; Hansmeier; Herfurth.	Tandem em grupos intensivos com mudança constante do parceiro (tandem binacional)	1995; 1997; 1992, 1996
Macaire	Tandem em grupos na Alemanha	2004
Estévez Coto et al; Brammerts; Brammerts e Calvert; D’Atri e Szymanski.	Tandem individual (um para um – par)	1983; 2002; 2003; 2003
Müller, Wertenschlag e Wolff.	A autonomia na aprendizagem em tandem	1989
Rosanelli; Brammerts e Little; Delille e Chichorro; Hehmann e Ponti Dompè	Princípios do tandem	1992; 1996; 2002; 2003.
Brammerts	Aconselhamento do tandem, projetos institucionais e estudos de caso nesta modalidade.	2005

Rost-Roth	A divisão das línguas (bilinguismo), análise da conversação para a aprendizagem em tandem e da sala convencional	1995
Gassdorf	Tandem Institucional e seu currículo	2002
Ehnert	Tandem Independente e seus níveis	1987
Souza	O aprendiz escolhe o conteúdo da interação	2006
Banelli; Souza	A prática do tandem no contexto de comunicação natural caro para a área de aquisição de LE e LA	2002; 2006
Wasson e Morch	Aprendizagem colaborativa e autônoma no contexto natural de uso da língua	2000
Cziko	Junção de contexto natural e instrução formal para interação	2004
Cadamuro	Estilos de aprendizagem e autonomia	2004
Paikeday; Rampton; Phillipson; Medgyes; Kramersch	O especialista na língua-alvo diferente do professor	1985; 1990; 1992; 1994; 1998.
Rosanelli	Os papéis dos praticantes de tandem e seus poderes	1992
Herfurth; Rost-Roth	A alternância dos papéis como forma de evitar constrangimentos, timidez, medos	1992; 1991

Quadro 1: Pesquisas da aprendizagem em tandem. Fonte: Elaborado pela autora – 02/2018.

1.2 Histórico do Teletandem: suas origens e desdobramentos

O teletandem é uma modalidade do tandem a distância, pensada por dois professores que realizaram o tandem presencialmente. Por conta da distância entre eles que aconteceria após o regresso de um a seu país, idealizaram realizar a sessão de tandem com o auxílio da internet que, em meados de 2006, ganhava amplitude de contato com o uso de webcam e aplicativos como o antigo Windows Live Messenger. A partir de testes entre João Antônio Telles, brasileiro, e Maria Luiza Vassalo, italiana, (Vassallo & Telles, 2006a; Telles & Vassallo, 2006b), praticantes do tandem face a face quando Maria Luisa estava no Brasil, idealizaram a modalidade de aprendizagem colaborativa via tandem mediada pela tecnologia. Por isso, o teletandem começou a ganhar contornos e nome.

Como os envolvidos eram professores, rapidamente, o interesse pedagógico pelas ferramentas que passavam a sustentar esta forma de aprender, aperfeiçoar, auxiliar/ensinar línguas norteou a divulgação desta modalidade, já que usar a língua no contexto de comunicação entre estrangeiros através da tecnologia significava facilitar o contato com a língua estrangeira, com o próprio estrangeiro e,

consequentemente, com a cultura alvo, tratar do foco de aprender e auxiliar o outro na aprendizagem da língua estrangeira sem sair de sua cidade, nem do país a custo quase zero. O próprio contexto do tandem e também teletandem estão permeados por noções sedimentadas de língua, língua-alvo, estrangeiro, cultura. Essa sedimentação se fez necessária para a consolidação desse contexto de aprendizagem e pelas pesquisas pode-se ter uma reconstrução, inovação conceitual dessas noções. Abordaremos isso no capítulo de Fundamentação Teórica.

Ressaltando, para o contexto visto por Telles, professor de uma universidade pública do interior do estado de São Paulo, esta modalidade possibilitava o contato translinguístico e transcultural com um estrangeiro com o foco de aprender e ensinar língua estrangeira a partir de encontros virtuais com comunicação síncrona (ZAKIR, 2015). Era a forma possível e plausível, naquele momento, de dirimir a grande dificuldade de viagens ao exterior e intercâmbios pelo público-alvo, alunos com baixa renda, em sua maioria, moradores de uma cidade afastada da capital e futuros professores de línguas estrangeiras que relatavam a vontade de usar a língua em situações reais, aproximarem-se de um estrangeiro e de suas vivências e visualizar o país da língua estudada. Esses alunos, geralmente de graduação em Letras, tinham a oportunidade de entrar em contato com estrangeiros somente em regiões turísticas ou na própria universidade, por meio de programas de internacionalização que estavam ganhando recursos a passos lentos na primeira década do século XXI.

Usar a tecnologia a favor da educação de línguas, de sua democratização, constituiu-se um ato encorajador, político e humano por parte destes dois professores que passaram a divulgar e estudar estratégias de ampliação dessa prática linguística e cultural aos alunos.

Diante desse contexto impulsionador, a forma de tandem com a mediação da internet e webcam, favorecendo contato linguístico e cultural por conversação, leitura e escrita denominou-se *teletandem (TTD)*.

Segundo Telles e Vassallo (2009:25), no TTD, durante o tempo combinado de interação, os parceiros têm como atividade comum a conversação livre. Também, podem realizar atividades específicas para a aprendizagem da língua-alvo ou mesmo fazer todos os encontros com fins específicos. Por exemplo, alguém que é da área de negócios, compartilha o que vivencia nesta área com o parceiro que também é da área.

A quantidade de interações é flexível aos objetivos dos parceiros e das instituições que ofertam esta modalidade. O que já vimos foram uma média de 16 encontros, com duração de, no máximo, 2 horas e mínimo 45 minutos de duração para cada sessão.

A consolidação do teletandem aconteceu através do Projeto *Teletandem Brasil: línguas estrangeiras para todos* (Telles, 2006), junto ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP de São José do Rio Preto. A citação abaixo vislumbra sua definição e abrangência.

Além de ser um projeto pedagógico e social, que visa ao ensino e à transformação das condições sociais de acesso da população economicamente desprivilegiada às línguas e culturas de outros países, o Teletandem Brasil é um projeto de pesquisa. Ele visa (a) ao aprofundamento da compreensão dos modos pelos quais os parceiros de teletandem fazem uso do computador para aprenderem línguas estrangeiras; (b) ao aprofundamento de nossa compreensão sobre a natureza e os processos de interação intercultural no ambiente virtual de teleconferência e (c) às redefinições no papel do professor de línguas estrangeiras ao trabalhar com o teletandem". (TELLES, 2009:69)

Hoje, o segundo e sequente projeto norteador das pesquisas realizadas em teletandem é *Teletandem: Transculturalidade na interação on-line em línguas estrangeiras por webcam*. Este atual projeto reflete resultados e considerações das últimas pesquisas realizadas no primeiro projeto, *Teletandem Brasil: línguas estrangeiras para todos*, e amplia seu escopo de pesquisa para a cultura, tematizada com extrema frequência nas interações.

As pesquisas sobre o teletandem acontecem com os pesquisadores da pós-graduação da UNESP de São José do Rio Preto (da qual faço parte) e Araraquara. Nossas pesquisas realizadas em São José do Rio Preto debruçam-se nos instrumentos de aprendizagem de línguas como interações, chat e diários, seguindo a modalidade do teletandem institucional integrado (ARANHA & CAVALARI, 2015).

O teletandem institucional integrado (TTBii), como acontece na Unesp de São José do Rio Preto, aqui no Brasil e em muitas universidades estrangeiras, é uma modalidade na qual as atividades do teletandem estão vinculadas ao currículo de uma disciplina. Por exemplo, em São José do Rio Preto, segundo Aranha & Cavalari (2014), a participação dos alunos da disciplina de Língua Inglesa (dos cursos de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor ou Licenciatura em Letras

diurno) no teletandem é obrigatória tal como na disciplina de Língua Portuguesa, nas universidades estrangeiras. Por isso, nesse contexto, ser integrado significa que o aluno-participante terá atividades que serão avaliadas pelos envolvidos além da interação de teletandem.

Outra modalidade do teletandem é a semi-integrado, definido por Messias e Telles (mimeo). Nessa, as parcerias do institucional semi-integrado acontecem nos campi de Assis e Araraquara com as universidades estrangeiras. Recebe tal caracterização porque uma das universidades tem a prática de teletandem vinculada ao currículo da disciplina de língua estrangeira e a outra não, tendo voluntários que recebem uma declaração de participação. Explica-se, dessa forma, a ocorrência das interações ser na instituição, no laboratório do centro de línguas ou laboratório de informática com a presença do mediador.

O quadro abaixo dimensiona as pesquisas realizadas nos dois projetos, desde seu início em 2006. A importância de trazer os quadros, estampando os focos de pesquisa, salienta e justifica o tema desta tese.

Os pesquisadores no contexto do teletandem se preocuparam com os seguintes temas de pesquisa:

Pesquisador	Temas de pesquisa em Teletandem	Ano de publicação
Marta K. Kaneoya	Formação inicial de professores no contexto mediado pelo computador	2008
Suzi Spatti Cavalari	A auto-avaliação no tandem via chat	2009
Maria Luisa Vassallo	Relações de poder nas parcerias de teletandem	2010
Daniela Nogueira de Moraes Garcia	Acordos e negociações no teletandem	2010
Viviane Furtoso	Desempenho oral do português para falantes de outras línguas	2010
Lidiane Luvisari-Murad	Aprendizagem de alemão e português no teletandem baseada na Teoria da Atividade	2011
Ana Cristina Biondo Salomão	A cultura e o ensino de línguas no teletandem, formação continuada. Práticas pedagógicas na mediação.	2012, 2008
Aline de Souza Brocco	Avaliação de produções escrita de português para falantes de outras línguas. A gramática em teletandem e nos livros didáticos de PLE	2014, 2009
Ludmila Belotti Andreu-Funo	Identidades culturais e sessões de mediação da aprendizagem. Teletandem e formação contínua de professores da rede pública.	2015, 2011
Leila da Costa	Performatividade e gênero nas interações de teletandem	2015
Máisa Zakir;	Cultura e(m) telecolaboração. A dimensão cultural	2015; 2015

	no teletandem em Salento	
Micheli Gomes de Souza	Mal-entendidos na comunicação intercultural. Primeiros contatos de professores de LE no teletandem.	2016; 2012
Anna Elstermann; E. P. B. Luz; M. V. Bonfim	Autonomia e mediação	2017, 2008; 2009; 2014
Gerson Rossi	Características da interação. Aprendizagem de línguas na perspectiva da Intersubjetividade.	2008, 2017
Patrícia Fabiana Bedran; C. M. Mendes	A formação inicial de professores no contexto virtual. Crenças dos interagentes e mediadores. Crenças sobre a língua inglesa	2012; 2008; 2009
A F. Mesquita	Crenças e práticas avaliativas na interação e mediação	2008
C.M.C. Kami	Motivação na aprendizagem de LE no teletandem	2011
J.M. Silva	Comunidades virtuais, discursivas e de prática no teletandem	2012
D. G. Rodrigues	Articulação língua-cultura na coconstrução da competência intercultural	2013
Paola C. Buvolini Freitas	Características das identidades nacionais na interação do teletandem	2015
Gabriela Rossatto Franco	Aspectos linguísticos observados via Conscientização da linguagem	2016
Karin A. H. P. Ramos; Kelly C. H. P. Carvalho e Rozana A. Lopes Messias	Teletandem e formação de professores de espanhol	2017
Ana Cristina Biondo Salomão, Leila Costa e Maisa Zakir	Teletandem transcultural e transcontinental para aprendizagem de línguas	2018
Laura Rampazzo e Solange Aranha	Estrutura retórica do gênero sessão de interação	2018, 2019
Suzi Marques Spatti Cavalari e Solange Aranha; Suzi Marques Spatti Cavalari	Teletandem institucional integrado e suas ações.	2018; 2019
Solange Aranha e Queila Lopes	Banco de dados e corpo compartilhável do teletandem.	2019
Laura Rampazzo; Laura Rampazzo e Solange Aranha	Telecolaboração e gênero. Telecolaboração e comunidade.	2019
Paola Leone e Solange Aranha	O desenvolvimento do DOTI (Data of Oral Teletandem Interaction)	2017, 2016

Quadro 2: Pesquisas realizadas no teletandem. Fonte: Elaborado pela autora – 03/2018.

A sequência dos dados está em ordem crescente para evidenciar as fases que constituem o teletandem na sua prática em três campi da Unesp, no Brasil. Como dito anteriormente, estamos no segundo projeto de pesquisa, o qual concebe o teletandem como um programa e abarca teses e dissertações com enfoque maior sobre a dimensão cultural das práticas de teletandem. O uso de ponto no objeto pesquisado separa-o de outros que foram pesquisados pelo mesmo pesquisador. O uso de ponto e vírgula separa pesquisador e ano de publicação³.

Trazer a contextualização do tandem e teletandem como contextos de ensino e aprendizagem de línguas com os mesmos princípios, mas usos distintos justificam-se para mostrar o contexto de pesquisa, seu formato e características.

Pontuando, essa pesquisa faz parte do teletandem semi-integrado, com coleta de dados realizada na UNESP de Assis, considerando o segundo momento do teletandem.

No segundo projeto *Teletandem: transculturalidade das interações on-line em língua estrangeira por webcam*, elaborado em 2010, Telles (2011) anseia estudar os modos de compreender a *cultura* do parceiro e seus impactos sobre a aprendizagem. Conseqüentemente, contribui-se com a educação do aprendiz para sua relação com o mundo.

Por isso, no quadro 2 - *Pesquisas realizadas no teletandem*, acima, evidenciamos as pesquisas de Salomão (2012), Rodrigues (2013), Anfreu-Funo (2015), Zakir (2015) que trazem a *cultura* como tema de pesquisa dentro da perspectiva de Telles (2011). Essas pesquisas dialogarão com os objetivos dessa tese.

Explicitando as preocupações de Telles (2011), no segundo momento de pesquisas e atuação do teletandem, expomos o quadro abaixo.

<p>1. Modos de se compreender o estudo, a aprendizagem e a prática das línguas estrangeiras.</p>	<p>(a) Que representações os parceiros de Teletandem trazem a respeito de currículo, dos processos de aprendizagem e da importância do estudo e da prática online de uma língua estrangeira? Que impacto têm essas representações sobre as relações construídas durante o processo de Teletandem e quais referências são criadas por cada um dos parceiros?</p>
---	---

³ Para informações mais detalhadas e integrais acesse o site oficial do teletandem: www.teletandembrasil.org.br

2. Modos de compreender a cultura do parceiro e seus impactos sobre a aprendizagem e sobre a relação com o mesmo.	(b) Que representações o praticante de Teletandem traz de seu próprio país, de seus próprios hábitos e dos seus próprios modos de vida, assim como aqueles de seu parceiro? Como essas representações afetam o estabelecimento das relações online e quais referências são produzidas a partir dos encontros transculturais?
3. A contribuição do Teletandem para a educação do aprendiz para se relacionar com outros povos.	(c) Que relações são estabelecidas pelos participantes, por meio dos contatos intercontinentais, culturais, linguísticos e acadêmicos, via Teletandem? A partir dos contatos online via Teletandem, quais referências são produzidas que possam contribuir para o desenvolvimento das habilidades dos jovens de se relacionar com outros povos do planeta?
4. Diferentes visões de implementação institucional do Teletandem.	(d) Diante de diferenças contextuais, culturais, educacionais e curriculares encontradas, como os pesquisadores e administradores do projeto estabelecem contato com os colegas pesquisadores e administradores no exterior? Que novas referências são produzidas a partir do contato transcultural entre eles?

Quadro 3: Eixos temáticos e perguntas gerais do projeto. Fonte: TELLES, 2011, p. 12 apud ANDREU-FUNO, 2015, p. 23.

De acordo com os eixos temáticos do teletandem, a partir de 2010, e suas perguntas gerais, demarcamos o lugar desta tese no segundo e terceiro eixos. O terceiro eixo é uma consequência do que se objetiva através do segundo eixo – Modos de compreender a cultura do parceiro e seus impactos sobre a aprendizagem e sobre a relação com o mesmo. Estudaremos essa consequência - a contribuição do Teletandem para a educação do aprendiz para se relacionar com outros povos – através da mediação.

1.3 A mediação em teletandem e sua relação com a formação de sujeitos e professores de línguas para o século XXI

O momento da mediação do teletandem (ANDREU-FUNO, 2015) é singular para discutir o que se aprende e como se aprende com o parceiro. Mais especificamente, é singular para verificar efeitos do aprimoramento da língua e cultura estrangeiras, do contato transcultural e dos estereótipos “trocados” durante as interações.

Na mediação, os aspectos interativos são suscitados pelo professor-mediador para não ser uma simples descrição das interações, um espaço de relato de experiências, perpetuação de estereótipos e concepção generalizada do outro. É, exatamente, *pela e na* mediação que a promoção da criticidade pode se construir *pela e na* língua. Por isso, é possível vê-la como um momento de ações pedagógicas, principalmente ações ancoradas na Pedagogia crítica (FREIRE, 1996).

Na mediação, o mediador parte das experiências vividas dos interagentes para problematizar, também, ideias culturais e valores que exprimem a nacionalidade do outro.

Isso é possível porque, estruturalmente, a mediação das sessões de teletandem acontece após as interações, ou seja, o interagente vivenciou trocas linguísticas e culturais e por isso tem o que relatar. Ela tem o tempo estipulado de 30 minutos para discussão entre os interagentes - alunos das duas línguas envolvidas e o professor-mediador (instrutor ou professor de línguas) e pode ser flexível, acontecendo também por grupo do whatsapp, reunião via zoom. Os interagentes estrangeiros não realizam a mediação assim porque realizam a interação durante o tempo de aula, portanto terminam a interação no momento do fim da aula. No Brasil, a mediação tem esse formato de ocorrer após a interação, em torno de 30 minutos, no campus de Assis. Em São José do Rio Preto e Araraquara ela é adequada a cada turma e seu mediador.

Didaticamente, há três formas de mediação do teletandem: (a) *individual*, (b) *entre o par* e (c) *entre o interagente e um mediador*. Na primeira, a *mediação individual*, depende do sujeito e seu conhecimento tecnológico. A boa relação dele com o computador, com o aplicativo de comunicação (Skype ou, mais recentemente, o Zoom), com a webcam garantem uma boa comunicação entre ele e seu par. Caso haja menos conhecimento, a necessidade de ser assistido pelo mediador estabelecido pelo teletandem é maior. A segunda forma de mediação é *entre o par*. Esta forma de mediação acontece de modo síncrono. É a forma de perceber que, ao interagir, tais sujeitos se constituem como interagentes porque estabelecem mediações entre os turnos, conteúdo, expressões, curiosidades nacionais, no tempo máximo de uma hora, o que garante o aproveitamento de ambos. Finalmente, a terceira forma de mediação ocorre *entre os interagentes e um mediador* – uma

espécie de orientador dos aspectos vivenciados na interação. Esta última é o foco desta tese.

Esse orientador pode ser um professor do Departamento de Línguas modernas, um aluno da Pós-Graduação cujo orientador seja um professor do Departamento ou um aluno da Graduação que participe do teletandem.

Diante da função do professor-mediador ou só mediador, Andreu-Funo ressalta que

a mediação oferece um contexto interpelativo, um “encontro”, no qual se abre espaço para a narração descritiva das experiências vividas nas interações sob a ótica de quem as vivenciou (o próprio interagente). Nesse contexto, o mediador, (cuja autoridade não passa despercebida por ter titulação acadêmica, ser docente, pesquisador em fase de coleta de dados e, normalmente, por já ter sido interagente em Teletandem), questiona, compartilha saberes, narra relatos que lhe foram feitos por outros aprendizes, confronta suas percepções com as dos demais interagentes, por exemplo (p. 38).

Esse aspecto interpelativo da/na mediação será ímpar para nossa segunda pergunta de pesquisa - Quais tarefas usar na mediação para se problematizar o uso dos estereótipos?

É esse caráter interpelativo que tornará a escolha das tarefas significativa para uma mediação e pedagogia críticas no contexto da comunicação transcultural online.

A tese segue com o capítulo 2. Nele, apresentaremos e discutiremos o referencial teórico que pareceu dialogar com os dados escolhidos a fim de responder as inquietações apresentadas até aqui. Como não há possibilidade de usar só uma teoria, chamamos de conexão teórica o diálogo estabelecido entre as teorias que podem, plausivelmente, sustentar a análise dos dados.

Capítulo 2:

REFERENCIAIS

TEÓRICOS

Este capítulo traz as teorias que sustentam a análise dos dados aqui trazidos. Ao final dele, apresentaremos uma figura que representa a conexão das teorias elencadas e imbricadas com as nossas perguntas de pesquisa. Esclarecemos que nosso referencial teórico passa pelas definições de *estereótipo*, *comunicação transcultural*, *Teoria da Performatividade* com foco nos processos-conceitos: *iterabilidade* e *citacionalidade* e seus efeitos como a *sedimentação*. No campo da comunicação transcultural online vivenciada no teletandem, o estereótipo é um elemento cultural, aqui visto como cultural-nacional como explicaremos abaixo, por isso, também veremos os aportes teóricos em torno dos *Estudos Culturais*. O estudo teórico da interpelação resvala na noção de *ideologia*, portanto, esta também terá seu espaço de elucidação.

Ao perceber as ideologias desses sujeitos, os professores mediadores do teletandem podem tratar questões de língua e de cultura evitando sedimentações culturais excludentes.

Como há termos novos diante de teorias que não nasceram na Linguística, apresentaremos um glossário de termos, dimensionando sua definição e, assim, estabelecendo o que esses termos não são e sua contribuição para essa tese.

2 A conexão entre as teorias dessa tese

O trabalho de Buvolini-Freitas (2015), no mestrado, salientou que os interagentes do teletandem, quiçá de qualquer outro espaço que permita a relação eu-outro estrangeiro, participam de um jogo assimétrico de pertencer ou deslocar suas identidades nacionais. Eles pertencem quando estão sedimentados a determinados valores e ideias e produzem mais sedimentações sobre sua nacionalidade. Estão híbridos quando deslocam sua identidade nacional e mais ainda sua subjetividade, fragmentando-as em face de outras marcas. Tais processos evidenciam a fabricação/formação das subjetividades de sujeitos que por participarem das interações, tendem a ser mais híbridos (como percebemos nos

dados), pois de alguma forma a globalização e a tecnologia mediaram a antropofagia⁴ da interpelação.

A partir dessa percepção diante da relação telecolaborativa transcultural de interações do teletandem, a inquietação acadêmica levou-nos a pensar o jogo assimétrico através de um elemento – o estereótipo, que afirma as identidades nacionais-culturais em confronto. A diferença nacional marcada através desse confronto constitui o sujeito. E essa constituição é externalizada, enunciada ao outro pela fala.

A conexão feita entre as teorias para esta tese justifica-se, então, como um espelho do próprio contexto da pesquisa, o teletandem. No teletandem contemplamos a fala e a cultura, por isso, partimos da Teoria da Performatividade (Butler, 1990, 1993, 2004, 2015) que vislumbra performances linguísticas para compreender identidades estabelecidas por um contexto sociocultural regulado e chegamos à cultura, já que os participantes usam da fala para tematizar suas culturas.

Portanto, vamos de teorias vinculadas à linguagem para as teorias culturais, focando nos estereótipos falados pelos participantes do teletandem como efeitos culturais da interpelação. Como esses efeitos podem ser excludentes das culturas em contato, a mediação assume com força seu papel pedagógico de problematizar, quebrar e reorganizar a estereotipação. Isso pode acontecer já que, na mediação, a antropofagia do dizer indicará, problematizará a visão a se ter do outro – parceiro estrangeiro. Ou seja, a importância da mediação no seio de uma prática pedagógica crítica (Freire, 1996) para a aprendizagem telecolaborativa também está em foco como consequência dos estudos sobre as performances estereotipadas ou não no teletandem.

Seguir esse caminho significa evidenciar teorias que se convergem para a análise dos dados. Essa convergência teórica destaca o caráter crítico, reflexivo e respeitoso de estar interpelando um sujeito através de sua fala no espaço singular do teletandem.

É nesta posição de sujeito interagente e estrangeiro que a identidade nacional fica latente. O reconhecimento dessa identidade pelo parceiro se faz necessário para o microcontexto do teletandem, mas também para o macrocontexto, o sistema

⁴ Antropofagia é um termo advindo dos estudos de Rolnik (1997) e usado aqui como as escolhas do que falar consideradas a partir da subjetividade do sujeito em trânsito formativo.

social e, ao mesmo tempo, introduz uma dinâmica necessária ao sistema. A diferença nacional que é uma parte da cultura possibilita e favorece o uso dos estereótipos para a interação acontecer.

Segundo Buvolini-Freitas (2015),

é o movimento de pertencer a determinado espaço que o (sujeito) constitui dentro deste espaço social e o faz enunciar de acordo com ele. O que percebemos com a prática de teletandem é um sujeito que marca sua nacionalidade, mas busca mais, ele está interpelado a novos horizontes, porque a performatividade mais adequada a seu contexto remete ao voo antropofágico, deixando-o híbrido. (p. 64)

Para uma síntese visual da conexão teórica trazida para essa tese, deixo abaixo a imagem das teorias em confluência.



Figura 2: Conexão teórica da tese. Fonte: Elaborada pela autora, Jul. 2019.

A direção do uso dessas teorias será de cima para baixo, iniciando com a Teoria da Performatividade até a antropofagia do dizer, último capítulo com resultados que ressaltam a interpelação na prática de mediação crítica promovendo problematizações acerca de essencialismo na aprendizagem de línguas e culturas através de estereótipos.

Caminharemos buscando elucidar as características de estereótipos no teletandem. Portanto, todo caminhar envolve a busca de um fio condutor do que verificamos como estereótipo em Lippmann (2008), Baccega (1998), Franco e

Rampazzo (2016), Mazzara (1999), Santos (2002) e Cabecinhas (2017) para o contexto da telecolaboração. Como o cerne do estereótipo usado no teletandem é cultural-nacional, lembraremos os Estudos Culturais (Hall, 2006; Silva, 2013; Woodward, 2013). Uma vez que a interação e mediação são realizadas pela fala, a Teoria da Performatividade (BORBA, 2014; BRITO, 2015; BUTLER, 1990,1993, 2004, 2015; LOURO, 2014; PENNYCOOK, 2010; SALIH, 2015; TELLES, 2015) se fez ímpar, principalmente porque vai além da Análise da conversação, uma vez que entende que o sujeito que fala o faz interpelado ideologicamente (BOLOGNESI, 2014; CHAUI, 1980). Isso pode gerar mais ou menos estereótipos. É a interpelação que conseguirá justificar o efeito pedagógico das seções de mediação no teletandem. Esta pode ter vários fins, no caso dessa tese, o fim é problematizar o estereótipo como um elemento discursivo, performático e cultural para não sedimentar visões nacionais sobre o parceiro que sejam superficiais, generalizantes e excludentes.

As próximas seções têm a finalidade de escrutinar as teorias postas na figura acima. Cada seção terminará com o elo entre essa teoria e a próxima a ser definida. A definição das teorias se dará por sua constituição histórica e autoral e haverá subseções para mostrar a imbricação das teorias na atuação do teletandem, ou seja, o uso dessas para as/nas pesquisas em teletandem.

2.1 Teoria da performatividade

Como Cameron (1997) argumenta, ao entender a linguagem como performance (e, com Butler, como performativa) não devemos considerar que falamos/escrevemos A, B ou C porque somos X, Y ou Z. Ao invés disso, devemos focar nossa atenção nas dinâmicas sócio-histórico-discursivas que fazem com que ao falarmos/escrevermos X, Y ou Z sejamos percebidos/as como A, B ou C; ou seja, os recursos linguísticos (e identitários) são produtos de processos históricos, políticos, filosóficos e culturais específicos e sua utilização nos insere nessas dinâmicas (BORBA, 2014, p. 460). É essa percepção ao dizer que instala na constituição do sujeito a sensação de identidade, cara aos estudos de Butler que

centra na linguagem as dinâmicas culturais que produzem e regulam a identidade (BORBA, 2014, p. 451). Como também nos baseamos na linguagem - ato de dizer performativo - para entender um aspecto cultural, essa teoria se faz plausível e singular para isso.

Justificada a pertinência dos estudos de Butler, cabe considerar a historicidade de sua teoria para entender o cerne do que é performance, performatividade na constituição de qualquer identidade.

Butler torna-se uma das autoras fundamentais da *Teoria Queer* quando questiona a sensação de naturalização das categorias de mulher e homossexual, a partir das políticas identitárias dos anos 70 e 80. A filósofa afirma que a identidade sexual não é algo natural nem dado como essencial, mas sim o resultado de práticas discursivas do gênero regulatórias socioculturalmente através de performances. Por isso, o gênero é o *efeito performativo de atos linguísticos reiterados*, não sendo uma essência adquirida. É dessa ideia pensada por muito tempo e associada a célebre ideia de Simone de Beauvoir, 'ninguém nasce mulher: torna-se mulher', que Butler esclarece sua teoria: não nascemos nada, nos tornamos por essa repetição de atos linguísticos ancorados na historicidade.

Segundo Borba (2014), Butler cria a Teoria da Performatividade tomando o sujeito como um ser discursivo e não essencial.

O que o sujeito faz e diz não é a expressão de uma realidade interior, de uma essência pré-existente que funciona como origem de suas ações e subjetividade; o que o sujeito repetidamente diz e faz o constitui como real e natural. A realidade do sujeito que diz, do corpo que fala e age, é performativamente produzida *in situ* pelo que é dito e feito. Com isso, Butler defende um modelo performativo da identidade no qual nossas ações, repetidas incessantemente, constituem a identidade *como se fosse* algo natural; a essência é, assim, um efeito de performances repetidas que reatualizam discursos histórica e culturalmente específicos (p. 448)

Há práticas reguladoras ditas por Butler que identificam ícones nacionais vistos por interagentes do teletandem. Assim, grande parte da população se sente pertencente a tal lugar porque a performance social foi de levar os sujeitos de cada comunidade a repetir, repetir e repetir atos simbolicamente culturais. A tecnologia, a globalização e a mídia são responsáveis diretas pela repetição e disseminação mais rápidas destes ícones culturais estereotipados e também do deslocamento deles

para a construção e/ou revisão de novos. Isso é visível hoje quando a criação de estereótipos nacionais negativos exacerba seu país em detrimento de outro. Nesse cenário político, é muito vantajoso dizer que os mexicanos são traficantes e violadores de regras nacionais, comunistas e os estadunidenses são “bons moços”.

Esse uso estratégico e desrespeitoso de estereótipos não aparece nos dados das interações analisadas porque o próprio contexto amistoso do teletandem e seu fim pedagógico limitam o uso de estereótipos para reconhecimento da cultura nacional e equilíbrio das nações. Não se percebe a supremacia de um interagente sobre o outro.

Por isso, o elo com o que se estuda nessa tese: a) performances de identidades nacionais que (des)regulam estereótipos nacionais e b) a mediação como espaço pedagógico, por isso, com ações específicas para tratar as identidades nacionais. Os estereótipos são resultados de performances repetitivas sobre identidades culturais. Na mediação, os estereótipos podem ganhar novas características e funcionar como um quadro regulatório não excludente da comunicação transcultural.

Justificando a pertinência dessa teoria para uma tese fabricada na Linguística Aplicada, Pinto ressalta a visão e importância que Butler dá à linguagem

A linguagem não reflete o lugar social de quem fala, mas faz parte desse lugar. Assim, identidade não preexiste à linguagem; falantes têm que marcar suas identidades assídua e repetidamente, sustentando o ‘eu’ e o ‘nós’. A repetição é necessária para sustentar a identidade precisamente porque esta não existe fora dos atos de fala que a sustentam (Pinto, 2007:16).

Por isso, a repetição, a iterabilidade – mecanismo de funcionamento da linguagem - acontece pela performatividade e interpelação propulsoras da constituição identitária de sujeitos.

Em seu segundo livro, *Gender Trouble* (1990 e reeditado em 1999), a preocupação de Butler segue sendo o sujeito a partir de suas identidades, mas, dessa vez, com foco maior sobre a identidade de gênero e performatividade. Segundo Salih, o sujeito é um construto performativo. Ele é constituído no discurso pelos atos de fala que executa (Salih, 2015:65). Nesta segunda obra de Butler, a noção de *performatividade* é tratada como uma ação da linguagem sem um sujeito

determinado, diferenciando de *performance* que é uma ação marcada por um sujeito.

Ao ver o sujeito (e especificamente a mulher) em processo constitutivo discursivo, Butler permite ver outras categorias do sujeito como processuais como, por exemplo, a *identidade nacional*. Esta é regulada pelos meios sociais e pelo Estado com a pretensão de unidade. Porém, ela está aberta à intervenção e ressignificação. *É essa associação que trazemos para a tese. Acreditamos que o potencial crítico da mediação do teletandem seja capaz de ressignificar estereótipos culturais-nacionais, conduzida por um professor-mediador formado sobre tais questões.* A intervenção e ressignificação podem acontecer durante as sessões de mediação de teletandem, já que a nacionalidade (abarcante dos estereótipos) não é um estado ontológico do sujeito. Nacionalidade e gênero são, sim, *processos*. Ambos são possíveis e perceptíveis *discursivamente* e não *naturalmente*, como se fossem próprios do ser (essencialismo).

Na sequência cronológica de sua produção intelectual, Butler lança *Bodies That Matter*. Na continuidade de suas inquietações e formulações críticas e *queers*, a filósofa vincula a *performatividade* com a *iterabilidade* e *citacionalidade*, essas duas últimas propostas por Derrida em seu livro *Limited Inc* de 1991. Para uma breve contextualização, Derrida trata desses processos-conceitos desde sua conferência “Assinatura, acontecimento e contexto” (traduzidas do título em francês) proferida em Montreal, em 1971. Na conferência, Derrida tematiza o ato performativo como o ato da ação e não da descrição, como Austin nomeou o ato constativo.

Para aquele, [...] o performativo não tem seu referente (mas aqui essa palavra sem dúvida não convém o interesse da descoberta) fora de si ou, em todo caso, antes e perante si. Não descreve algo que existe fora da linguagem e antes dela. Produz ou transforma uma situação, opera [...]. (1991, p.26/27).

É a ação do performativo - a operação que se estabelece que Butler se apropriou para pensar a categoria de gênero e sujeito, confrontando, como consequência da lógica metafísica, a categoria de sexo. Usamos categoria como sinônimo de noção.

É na repetição do performativo como ato de fala e, mais ainda, como ato de discurso dentro de uma grade regulatória estipulada por poder que temos a definição

de performatividade. Nela, não se vê um único sujeito fazedor de uma ação que carrega, mostra uma identidade e, conseqüentemente, a grade social que estipula a normalização/normatização dessa identidade. Vê-se, sim, uma historicidade de vozes que ressoam no discurso materializado na/pela fala.

Segundo Silva (2013) em seu livro “Identidade e diferença”,

Segundo Judith Butler (1990), a mesma repetibilidade que garante a eficácia dos atos performativos que reforçam as identidades existentes pode significar também a possibilidade da interrupção das identidades hegemônicas. A repetição pode ser interrompida. A repetição pode ser questionada e contestada. É nessa interrupção que residem as possibilidades de instauração de identidades que não representem simplesmente a reprodução das relações de poder existentes. É essa possibilidade de interromper o processo de ‘recorte e colagem’ que caracteriza os atos performativos que reforçam as diferenças instauradas, que torna possível pensar na produção de novas e renovadas identidades. (Silva, 2013:95)

Por isso, o termo performativo ancorado no ato performativo de Austin é relevante para pensar identidades e, a partir delas, suas configurações. Para o caso da presente tese, usamos de Butler a definição de performatividade da linguagem (e não de gênero). *Com esta definição, buscamos compreender a lógica cultural binária, dicotômica que representa identidades nacionais recorrentes no teletandem.* Esta, por sua vez, é percebida por estereótipos deflagradores de hierarquizações postas pelo poder social da Nação.

Cabe ressaltar que iterabilidade não é mera repetição,

repetir nunca é um processo de simples colagem; a repetição, ao contrário, produz diferença, pois o que se repete nunca é feito exatamente da mesma forma, com os mesmos propósitos e no mesmo contexto: repetição e diferença são os dois eixos ao redor do qual a construção de sentidos se movimenta (BORBA, 2015, p. 92)

Por isso, desenhamos essa tese no que Pennycook já havia evidenciado

Como indica Pennycook (2007), estudar a linguagem e a identidade como performances que são performativas exige um arcabouço analítico transtextual que excede o texto (oral e/ou escrito) in situ e o localiza em sua história de reiterações e transformações: o significado de um texto e seus efeitos não estão presos nas fronteiras textuais, mas são constituídos em sua história dialógica pré-textual (i.e. o que vem antes do texto e possibilita a performance em si), nas relações intertextuais com outros textos e os efeitos que

a performance linguística produz nas/os interlocutoras/es; necessitamos, assim, de perspectivas pré-, intra-, inter- e extra-textuais na análise dessas performances. (BORBA, 2014, p. 469)

Segundo Buvolini (2015), a teoria de Butler problematiza políticas de identidade baseadas em generalizações, homogeneizações, essencialismo e estereótipos. Por isso, ela é cara quando verificamos os efeitos dos estereótipos para problematizá-los na sua essência. A afirmação de si mesmo como este ou aquele sujeito exigindo reconhecimento é necessária para o sistema social. Ao mesmo tempo, esta afirmação de si mesmo como identidade introduz uma dinâmica necessária ao sistema. A diferença que marca a identidade sempre é iterativa.

2.2 O dizer no Teletandem – ato performativo

Definimos o dizer no teletandem como uma prática performativa, já que essa fala/discurso não descreve, ela é produtora de eus que se performam com determinados objetivos e interpelados pelo meio transcultural e tecnológico. Apresentamos um histórico breve da etimologia do termo performativo para sua concepção clara e diferenciada.

A fala pronunciada - ato - é um rito planejado e regulado por regras de um contrato social (BUTLER, 1990). Essa característica localiza a fala no sistema linguístico dicotômico pensado por Saussure - langue e parole. A parole é a fala que está contida e sintetizada na langue.

Foi com os estudos de Austin, na Filosofia da Linguagem, que a parole/fala ficou em foco, pois era por ela que cada sujeito se colocava e se constituía no mundo. A fala também tem uma força iterável, o que significa que seu uso, seu proferimento, a reatualiza, permitindo a atualização do sujeito ou do corpo que fala (PINTO, 2007). Essa força iterável será melhor explicada abaixo na subseção sobre performatividade, porque é um dos processos que constitui nosso objeto de pesquisa – o estereótipo.

Para estudos da linguagem, pensar o efeito do que falamos na constituição do sujeito é campo para os estudos sobre identidades, gêneros e cultura.

“a linguagem não é um meio ou instrumento externo em que despejo um eu e onde vislumbro um reflexo desse eu” (Butler, 2003:207). Antes, ela é constitutiva desse eu e, assim, quando investigamos performances identitárias não podemos deixar de contemplar as possibilidades oferecidas e as limitações impostas pela linguagem em sua construção (BORBA, 2014, p. 467)

Indo além das definições estruturalistas de Saussure (1970), Austin desejou estudar o funcionamento da linguagem que privilegiasse a filosofia, a qual se debruça para o sujeito. Desejou buscar nas dificuldades de expressão e compreensão de palavras e frases o sentido de quando estas são produzidas. Por isso, de forma inédita para a época, Austin tem um impacto sobre a linguística e sobre a filosofia com seus conceitos de *atos de fala* - com ênfase no *performativo* e no *ilocucionário*.

Sua forma surpreendente reside exatamente em, segundo o artigo de Paulo Ottoni (2002), *John Langshaw e a visão performativa da linguagem*

(...) analisar e questionar a linguagem ordinária é seu principal valor. Suas ‘técnicas’ são construídas juntamente com suas descobertas teóricas; quero dizer que o modo de enfrentar, discutir o funcionamento da linguagem é de tal forma ‘descompromissado’ com uma qualquer teoria que o seu ‘procedimento filosófico’, até certo ponto comprometido com suas ‘técnicas’, vai obrigá-lo a retornar e produzir gradativamente uma nova visão da linguagem, a que ele próprio está analisando. (p.123)

Segundo Ottoni (2002), Austin destaca que a linguagem não pode ser só descritiva, há ações, circunstâncias que praticamos via linguagem, sem ter que descrevê-las. É essa relação com o mundo, *a adequação das circunstâncias com seus sujeitos que denotam os atos performativos*.

O sujeito enuncia utilizando-se de seu objeto chave, a fala, para dizer sobre o mundo e *fazer algo nele*, característica mor do performativo.

Enunciados como “Eu vos declaro marido e mulher”, “Batizo este navio Rainha Elizabeth II”, “Prometo que farei isso logo”, “aposto que vai chover amanhã”, para Austin, não descrevem nenhum fato exterior à linguagem; são a ação em si, não havendo distinção entre dizer e fazer, pois proferir tais enunciados é em si agir: “quando digo, diante do juiz ou no altar, etc., “Aceito”, não estou relatando um casamento, estou me casando” (Austin, 1990:25). A esse tipo de enunciado Austin dá o nome de performativo (BORBA, 2014, p. 461).

É por intermédio mesmo do outro, do parceiro, que a fala, constitutiva do sujeito é ampliada para discurso, possibilitando o encontro de identidades, culturas e línguas.

Austin lança, com isso, uma nova proposta epistemológica para o estudo da relação entre linguagem e sociedade: considerar a linguagem como ação implica entender sua atuação sobre o real, como ela constitui o real e, assim, devesse deixar de lado a visão de linguagem como um simples instrumento para representar uma realidade existente a priori (BORBA, 2014, p.462)

A partir dessa dimensão de performativo como o ato linguístico que constitui a realidade, a linguagem em uso, fica plausível a relação que Butler estabelece ao estudar gênero. A repetição do performativo “é uma menina” desencadeia discursivamente o processo de generificação para a identidade feminina, ou seja, ela deve agir, atuar, performar-se como uma menina por esse processo realizado na linguagem. Para essa tese, tomamos essa construção para o estudo de identidades nacionais, não especificamente de gênero, mesmo que analisando a recorrência de identidades nacionais, as de gênero e raça saltaram nos dados. Assim, o processo é a estereotipação de performativos como “sou brasileira” e “sou estadunidense”. Os enunciados sobre nacionalidade compelem discursivamente os sujeitos, criando enunciados derivados que regulam uma imagem identitária sobre esse ser nacional. Imagem identitária que nomeamos aqui como estereótipos. Do enunciado primeiro – “Sou brasileira”, derivam-se outros como “Como feijoadá”, “Sambo muito”, “Adoro e jogo futebol”. Tal como acontece com outras identidades nacionais. Esses atos de fala, segundo Borba (2014), conformam o sujeito nas normas da matriz de inteligibilidade de gênero – para ele e Butler – e de estereótipos para nós.

entender a identidade como uma prática [...] significante é compreender sujeitos culturalmente inteligíveis como efeitos resultantes de um discurso amarrado por regras, e que se insere nos atos disseminados e corriqueiros da vida linguística (Butler, 2003:208).

As questões para a análise dos dados são teorizadas: o interagente é performativamente sedimentado pelo histórico social? Ele é mais globalizado já que vive toda a consequência desse evento, por isso, menos estereotipado e mais

híbrido? Ou na relação com o outro, sempre uma relação de poder, ele apresenta uma performance de identidade nacional que é uma mistura do social sedimentado e do novo híbrido?

2.2.1 A performatividade em pesquisas do Teletandem

As pesquisas anteriores realizadas tomando o contexto do teletandem como espaço produtor dos dados analisados e a Teoria da Performatividade são de Costa (2015) e Andre-Funo (2015), além de minha dissertação de mestrado que contemplou a Teoria da Performatividade com foco no linguístico. Nela, busquei enxergar as identidades nacionais em contato e suas performances de ora pertencer ora deslocar a nacionalidade sedimentada em características diferenciadoras. Essas características podem aparecer na forma de estereótipos, o que é comum nas interações e nos relatos de mediadores. Tal constatação gerou o enfoque para a tese de doutorado em questão.

Costa (2015) usou a Teoria da Performatividade para investigar ideias sedimentadas sobre discursos de gênero (feminino e masculino) e de identidade nacional na perspectiva do aluno interagente. Já Andreu-Funo trouxe o diálogo teórico com Butler para evidenciar como a Performatividade elucidava discursos produtores de indícios de identidades culturais. Essas teses darão suporte a esta, uma vez que usamos a mesma metodologia da TFD (Teoria Fundamentada nos Dados) de Charmaz (2009) e a Teoria de Butler para olhar e analisar os fenômenos possíveis e contundentes no teletandem.

As falas da interação e da mediação são vistas, pela performatividade, em suas ocorrências de iterabilidade e citacionalidade no que tange aos valores culturais deflagrados pelos estereótipos nacionais. Por isso, o excerto abaixo reitera a análise dos dados.

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos

tornamos. Têm a ver tanto com as questões ‘quem nós somos’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios’ (...) É precisamente porque as identidades são construídas dentro e fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2006, p. 108-9)

Assim, as identidades são efeitos desses atos de fala que nomeiam as pessoas (e suas culturas, acréscimo nosso) instituindo regras discursivas que possibilitam sua existência no mundo (BORBA, 2014, p. 86). Com mais essa citação, desejamos deixar bem clara a relação entre estereótipos, identidades e a Teoria da Performatividade: o estereótipo é nomeado a partir de regras discursivas faladas. Essas regras discursivas faladas são tratadas na Teoria da Performatividade e uma vez que todo sujeito usa dessa regra no seu viver, o faz para existir, ser no mundo – processo evidenciado pelas identidades. Assim, ver o estereótipo como performativo é ter uma grade regulatória de ação no mundo com vistas a pertencer a um grupo (BUVOLINI-FREITAS, 2015).

A construção e, principalmente, circulação dos estereótipos estão, possivelmente, na ideia de *interpelação* de Louis Althusser e no conceito de *sedimentação* que Butler (2004) nos traz. É a sedimentação de valores, atitudes padronizadas, inicialmente, pelos pais e depois pelas instituições formais (escolas, empresas, institutos) que, muitas vezes, leva a uma fala comum, por meio da *performatividade*, e a estereótipos. O processo de *sedimentar* o que é mais denso como os valores morais e éticos expostos pelas Constituições (nosso foco é a Constituição brasileira) deflagra o estereótipo que pode aparecer como uma referência à determinada característica nacional, social, de gênero e/ou como um marcador de preconceito.

O processo de sentir-se pertencendo a uma identidade se dá pela possibilidade de *repetição de um ato linguístico*. Essa *repetibilidade* da linguagem com mudanças de sentido, seja pela fala ou pela escrita, nomeia o que Derrida chamou de *iterabilidade*. Tal pertencimento identitário também se dá pelo processo de *citacionalidade* - movimento de citar palavras em outros contextos, como se

recortássemos e colássemos uma expressão em diversos contextos, tal como a citação.

Ele diz que “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (in SILVA, 2013: 91). É essa repetição de falas e sinais dentro de uma grade de poder, como vislumbrado por Butler (2004), que determina posições sociais dentro também de suas restrições ideológico-sociais e que dialoga com o que Lippmann (2008) trouxe acerca de estereótipos. Este movimento leva a uma *normalização* e, conseqüentemente, *sedimentação* de valores culturais manifestados *na* e *pela* língua e agem nela.

A nosso ver, aqui, entram em jogo os processos de *citacionalidade* e *iterabilidade* como formas de sedimentação de discursos. Ambos os processos interpelam seus usuários a expandir os estereótipos para a visualização de uma cultura com diversidade pela singularidade dos sujeitos ou sedimentar a imagem metonímica da nação-cultura.

A troca de turnos feita por sujeitos (participantes do teletandem e nas interações cotidianas) é também uma troca com e sobre valores culturais, nacionais e subjetivos. Todo esse processo, bastante antropofágico (Buvolini-Freitas, 2015), envolve, desloca e reformula identidades nacionais e subjetividades.

Neste sentido, as identificações pertencem ao imaginário; elas são esforços fantasmáticos de alinhamento, de lealdade, de coabitações ambíguas e intercorporais. Elas desestabilizam o eu; elas constituem a estruturação presente da alteridade, contida na formulação mesma do eu. As identificações não são, nunca, plenamente e finalmente feitas; elas são incessantemente reconstituídas e, como tal, estão sujeitas à lógica volátil da iterabilidade. Elas são aquilo que é constantemente arregimentado, consolidado, reduzido, contestado e, ocasionalmente, obrigado a capitular. (BUTLER, p.130)

Segundo Brito (2015), em seu artigo “A noção de performatividade para pensar os sentidos atribuídos ao masculino no espaço da Educação Física escolar” destaca a importância da iterabilidade para a Teoria da Performatividade como a forma de ver a grade social regulatória da fala aceita socialmente.

Butler vai apontar de forma mais explícita, que a iterabilidade, na noção de performatividade, é crucial para entender que as normas passam a não agir de maneira determinísticas, impedindo assim qualquer forma de controle. Deste modo, tanto as normatizações como os deslocamentos podem ser abarcados no processo de

repetição, parte constituinte da noção de performatividade de gênero, pois esta repetição não, necessariamente, se apresentará de forma idêntica ao original. O quase conceito citacionalidade exprime a propriedade do signo ser retirado de seu contexto original e deslocado para outro, apresentando significados diversos (PINTO, 2013). A citacionalidade complementa a iterabilidade, pois a repetição é citada em outros contextos, com iterações, produzindo diferenças. (BRITO, 2015, p.4)

Esses dois processos ou quase conceitos, segundo Brito (2015), elucidam a enunciação performativa que geram e geraram os padrões culturais circulantes pelas nações. Uma vez que esses padrões simbolizam suas nacionalidades e são chamados de estereótipos, precisamos entender o poder de verdade desses padrões dentro da grade cultural, política e econômica que cunhamos sociedade e especificamos por nacionalidades, ou seja, as nações se diferem, mesmo com a globalização, por seus hábitos culturais ancorados nas ideologias e interpelações dominantes. Esses dois grandes conceitos serão explicados na próxima seção a fim de corroborar para entendermos o uso, o efeito e a qualidade dos estereótipos na comunicação transcultural efetivada no teletandem.

2.3 Cultura e suas facetas no teletandem

Tocar no conceito de cultura se faz importante como caminho para entender o que os interagentes enunciam nas práticas de teletandem e como norteiam sua imagem do parceiro e de si mesmos - identidades.

Não são poucas as definições de cultura, por isso, além de sucitá-las aqui, deixaremos as mais pertinentes com a proposta dessa tese expostas em um quadro.

A necessidade de conceituar cultura é porque no contexto telecolaborativo (BELZ, 2003; O'DOWD, 2011) online do teletandem, o que mais se enuncia são temas culturais como a forma de comemorar feriados e seus significados, as comidas, as políticas, os sistemas acadêmicos, o que se faz no fim de semana. Todos esses temas aparecem no diálogo, um explica como é no seu universo social e nacional e outro também. É nesse diálogo que a comparação se instala e a diferença aparece.

Temos então um processo de dizer sobre si performático que evidencia uma identidade cultural (ANDREU-FUNO, 2015) imbricada com a identidade nacional para que o objetivo maior da interação aconteça – troca e uso de línguas a partir de temas (pré-estabelecidos ou não).

Então, nesse contexto de troca telecolaborativa, o que é cultura?

A tese de Rodrigues (2013), realizada no contexto de teletandem, mostra os avanços teóricos em torno do que é cultura.

No século XVIII, a noção de cultura é associada à civilização (EAGLETON, 2005). Já para González (1996), a cultura serve para mostrar intelectualidade, o que gera estratificação social e política.

Com a Antropologia, a cultura passa a ser entendida como hábitos sociais, uma vez que é reflexo dos traços da comunidade, adquiridos pelo homem em sociedade, de acordo com Rodrigues (2013, p. 55).

A definição mais singular para essa tese é a de Padilha (2004). Padilha diz que “a cultura é, em primeiro lugar, a busca de conhecimento sobre a natureza humana, como meio pelo qual o ser humano se constrói em sua historicidade” (p. 187)

Englobando a definição de Padilha (2004), Levy (2007) indica que a cultura é “manifestação de um grupo ou de uma comunidade, quanto à experiência de um indivíduo dentro desse grupo ou separado dele”. Essa manifestação pode se apresentar em cinco dimensões cunhadas por Levy. São elas: cultura como elemento, como relativa, como filiação a um grupo, contestada e individual, variável e múltipla.

Essas dimensões são caras aos estudos sobre cultura no teletandem porque explicitam performances dos participantes desse contexto ao tratarem de sua cultura e ao dialogarem sobre a cultura do parceiro.

A cultura como elemento, a que faz sentido para a problematização de essencialismo proposta nesta tese, evidencia que há uma orientação cultural para o indivíduo desde seu nascimento, portanto, a cultura, nesse caso, é determinada, pré-definida e herdada como grade reguladora através de performances hierárquicas (BUTLER, 1999, 2004).⁵

⁵ AS demais dimensões de cultura trazidas por Levy podem ser estudadas na tese de Zakir (2015) que tem o enfoque em cultura e(m) telecolaboração.

Kramersch (1998, 2006) conceitua cultura como a participação em uma comunidade discursiva que compartilha um espaço social comum, história e um imaginário comum. Ela estuda a cultura no ensino de línguas e vislumbra duas perspectivas para entender cultura nesse contexto: a perspectiva modernista e pós-modernista. Na primeira, os conceitos de cultura estão imbricados com o Humanismo, a Sociolinguística e a Educação de línguas intercultural, ficando como exemplos de comportamentos e representação cultural. Já na segunda perspectiva, a pós-modernista, a cultura é um discurso de poder entre parceiros de países diferentes e as identidades. É nessa perspectiva que estamos para tratar cultura e identidades (HALL, 2006).

Segundo Zakir (2015), “no teletandem, onde a língua é viva, (...) não se trata, portanto, de se pensar a cultura além da língua, mas de se levar em conta que a cultura e a sociedade estão na língua”. (p. 44). Por isso, a cultura é o espaço de circulação e apropriação de signos, ideologias, porque “Os elementos culturais são tratados como um produto de consumo cunhado de maneira anedótica, frequentemente, estereotipada, a partir de um conteúdo gramatical ou literário” (ZAKIR, 2015, p.18).

Por isso, ao usar a cultura como tema para aprendizagem, uso ou aprofundamento da língua-alvo, os elementos culturais como o estereótipo são vendidos pelo interagente que fala e comprados ou não pelo parceiro, que está (re)conhecendo a cultura nacional via troca. Nessa perspectiva, a definição de cultura que nos embasa é da cultura pós-modernista como discurso elencada por Kramersch (1998, 2006).

Das definições de cultura, vieram conceitos de competência intercultural (BELZ, 2003) e identidades culturais (ANDREU-FUNO, 2015)

A competência intercultural é uma ampliação da competência comunicativa pensada na década de 80 (FILHO, 2008) para melhorar, sustentar, encaminhar os estudos acerca da aprendizagem de línguas. A competência intercultural é a habilidade de agir, performar-se em uma língua estrangeira de forma apropriada. A competência intercultural é consequência do que tivemos antes como contato intercultural (KRAMSCH e URYU, 2014). Esse contato se dá entre pessoas de culturas diferentes que se relacionam e pode ser voluntário ou involuntário, quando

um dos grupos em contato tem mais poder (político, econômico) e impõe essa relação potencializadora da criação de estereótipos.

Dessa competência, vale diferenciar o que significa o adjetivo intercultural. Para tanto, traremos sua definição a partir da diferença entre Interculturalismo, Multiculturalismo e Transculturalismo. Tal diferenciação mostra a área dos Estudos Culturais em evolução. Para deixar essa diferenciação pedagógica, mostraremos as definições de cada subárea do estudo sobre cultura em um quadro. Antes vale salientar um termo que reside em cada uma dessas perspectivas teóricas. O Culturalismo (FRANZ BOAS), termo advindo da Antropologia cultural, significa a cultura como elemento explicativo da diversidade humana. Os prefixos acrescidos a esse termo delimitam sua atuação.

Na sequência há o quadro diferenciador entre inter, multi e transculturalismo.

INTERCULTURALISMO	MULTICULTURALISMO	TRANSCULTURALISMO
Modos de se compreender o outro e sua linguagem cultural entre mundos linguístico-culturais diferentes (MENDES, 2007, p. 20).	Ideologia para lidar com a diversidade cultural (MENDES, 2007).	Estudo sobre culturas que se interpenetram. É a consequência da diferença interna e da complexidade das culturas modernas. São culturas em estado de fluxo (WELSCH, 1994, 1999).

Quadro 4: Diferença entre os modos de estudar cultura. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 09/2019.

A perspectiva que engloba o estudo dessa tese é o transculturalismo ou transculturalidade, uma vez que nas relações transculturais, os sujeitos precisam assimilar, negociar e possivelmente mudar culturalmente pela aproximação com outras experiências culturais, mesmo que virtuais (teletandem).

Além desses conceitos advindos da definição de cultura, Andreu-Funo (2015) destaca a identidade cultural, expressão pertinente para o que essa tese se volta – identidades nacionais performatizadas via estereótipos nacionais.

Andreu-Funo (2015), em sua tese, explicita identidades culturais como “formas de interpelação que remetem à relação entre o sujeito e os quadros reguladores rígidos que pré-definem o que podemos entender por esta ou aquela

cultura, este ou aquele povo” (p. 171). Essa concepção de identidade cultural se faz plausível uma vez que

A diferença entre a perspectiva baseada nos construtos de performatividade, sedimentação e iterabilidade de Butler (1999), os posteriores trabalhos realizados por Pennycook (2004; 2007) sobre tais conceitos e as demais perspectivas citadas neste trabalho é a de considerar a cultura não como um mero sistema preexistente que é dominado ou incorporado e que estrutura a vida social de um determinado grupo, isto é, a cultura é vista nesta tese e nas interações em Teletandem como um sistema que é atualizado, redefinido e reestruturado cotidianamente pelas interpelações e performances de pessoas, um sistema que é virtual, um vir a ser, uma constante redefinição de si que ora desafia, ora redefine, ora se submete às rígidas prescrições sociais (p. 53)

Assim, associamos as identidades culturais com as identidades nacionais destacadas aqui, porque estas mantêm o mesmo mecanismo de constituição – formas de interpelação do eu-outro através do quadro regulador de cultura que se apresenta por símbolos culturais cunhados aqui de estereótipos.

Definimos elemento linguístico-cultural qualquer elemento, verbal ou não-verbal que seja formado por objeto linguístico e cultural, ou seja, é um signo capaz de elucidar o estereótipo por sua simbologia (signo = símbolo). Tomamos a noção de signo de Pierce (2007) explicada por Santaella (1987)

O signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu OBJETO. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. (...) O signo está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade”. (p. 78)

Para compreender melhor nossa associação de estereótipo com símbolo (tipo de signo que se realiza na cultura), Santos e Scorsolini-Comin (2010) destacam

Os signos emergem do processo de interação social, tendo uma materialidade social: gesto significante, a palavra, a imagem são considerados signos que se materializam nos corpos, se encarnam na fala, na expressão, enfim, em uma realidade material objetiva. A existência dos signos é a materialização dos fenômenos ideológicos juntamente com as condições e as formas da comunicação social (s.p.)

A encarnação dos signos na fala, na expressão elenca materialmente os estereótipos e elucida, via outra área – a da Psicologia – a Teoria da performatividade de Butler (1999, 2004). Com essa citação também aproveitamos para delinear a conexão entre teorias estabelecida aqui: da interação social especificamente a interação entre participantes do teletandem e seu mediador verifica-se os signos nacionais desse momento a partir das ideologias, condições e formas de comunicação social – comunicação transcultural do teletandem. As ideologias, condições e formas de comunicação estão aqui estudadas à luz da Teoria da Performatividade de Butler.

Esses autores ainda ressaltam que o “signo cultural compreendido e dotado de sentido torna-se parte de uma unidade da consciência verbal construída” (SCORSOLINI-COMIN, SANTOS , 2010, s.p.). Esse signo é inicialmente percebido, percepção de acordo com Rolnick (entrevista proferida em 2017), e internalizado verbalmente, processos que geram sua recorrência e estabilidade dentro do sistema linguístico, político, cultural.

A *identidade nacional-cultural* é uma expressão que especifica o tipo de identidade que trabalhamos, uma vez que evidencia as características nacionais no seio da cultura de determinada nação, ou seja, “as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (Hall, 2006: 49). Essa afirmação de Hall nos ajuda a adjetivar a identidade nacional como parte da representação cultural, já que é *na* e *pela* cultura de um determinado grupo - nação - que a nacionalidade aparece, se estrutura e, conseqüentemente, se sedimenta (processo - chave para essa pesquisa que será explicitado mais abaixo).

As definições dadas acima se fazem coerentes, no tocante à significação do que colhemos na linguagem, uma vez que,

Portanto, vamos partir do pressuposto de que o mundo é produtor potencial de informações; contudo, se essas informações não forem organizadas em linguagem de modo a criar signos para os quais buscamos significações, não estaremos diante de objetos de cultura, mas tão-somente de fenômenos físico-naturais. Por conseguinte, semiótica (aqui) não pode ser pensada senão como disciplina para a compreensão dos sistemas de signos imersos na CULTURA (minha ênfase)”. (MACHADO, 2010, p. 285)

Tal explicação semiótica para o que é signo e sua dimensão cultural dimensionam, basicamente, nossas definições de elemento linguístico-cultural e identidade nacional-cultural, para distinguir de identidades culturais (Andreu-Funo, 2015) e outras como as de gênero (Butler, 1990, 2004; Borba, 2014). Cabe ressaltar que a distinção entre as identidades aqui é só para especificar o enfoque para a cultura e nacionalidade e não gerar uma expectativa de grande análise para as identidades de gênero e raça (há na análise dos dados momentos que tocamos nesses aspectos). Sabemos que ao tomar como foco as identidades nacionais-culturais também abarcamos as de gênero e raça constitutivas dos sujeitos.

Após essa explicitação sobre cultura, identidades culturais e identidades nacionais-culturais no contexto geral até sua dimensão no contexto do teletandem, passamos a definir o que é estereótipo, objeto central dessa tese, depois de mostrar que ele é um elemento e símbolo cultural, uma vez que surge no seio cultural para que o sujeito possa entender o mundo e regular seu estar social via fala.

A próxima seção teórica delinea noções e conceitos sobre estereótipos a fim de poder analisar os dados buscando as características desses na comunicação transcultural online do teletandem.

2.4 Nacionalismo e Identidades

Como a proposta desta tese é verificar os efeitos de estereótipos culturais-nacionais, cabe ressaltar as noções de nacionalismo, o que é nacional, para fundamentar o objeto aqui analisado.

Entende-se por nação um agrupamento de pessoas unidas num mesmo território que seguem uma mesma política, incluindo aí a estrutura estatal e as relações de produção. Segundo Encinas (2004), o nacionalismo pode ser entendido como um movimento político social que visa uma organização social que se fundamenta na coesão social, a identidade coletiva e a cultura das nações.

O surgimento do nacionalismo se deu com a Revolução Francesa, quando França, através da burguesia, declarou que o poder estava com a nação, com o povo e não mais com o Clero e a nobreza.

A partir dessa contextualização, cabe pensar através dos estudos de Almeida (2015) que a visão sobre o que é nacional passou por um essencialismo/naturalização e agora pode ser visto além desse. Como essencial, há uma visão romântica e positivista que engloba o nacionalismo, alienadora das relações provindas com a quebra das fronteiras, a globalização.

Os indivíduos-sujeitos de uma nação são interpelados por uma ideologia (também de dominância jurídico-política) que os constitui como integrantes de uma comunidade cujo interesse é representado pelo Estado burguês. Nesses termos, a nação configura, na esfera ideológica, um locus da igualdade e da comunidade no interior de uma sociedade que se apresenta como constituída de individualidades competitivas. (ALMEIDA, 2015)

A partir de tal locus da igualdade e comunidade constituinte de uma sociedade que acrescentamos a famigerada globalização e a crise identitária articulada por estudiosos dos Estudos Culturais, especialmente, Stuart Hall (1996).

Segundo Buvolini-Freitas (2015), a equação *identidade + sujeitos = Nação/Estado* representa que assumida uma identidade nacional, a ideia de Estado/Nação estava assegurada. Portanto, a identidade nacional, diferente das outras identidades, criava monopólio e excluía quem não se encaixava, ao mesmo tempo que o discurso nacionalista do Estado, segundo Derrida (1991), era a favor de sedimentações deste monopólio.

É profícuo ver que a Linguística Aplicada cada vez mais utiliza os conhecimentos produzidos pelas ciências sociais, procurando entender sujeitos detentores da linguagem que discursam, com mais de uma língua, em contextos de alteridade e tecnologia, espelhando sedimentações, iterabilidades e citacionalidades e mecanismos de interpelação (Butler, 1990), os quais ajustam tais sujeitos às suas esferas nacionais/sociais.

Ao ressaltar a identidade nacional, Gregolin (2007) em seu artigo *Identidade: objeto ainda não identificado?* nos atenta a pensar que essa mesma globalização

[...] traz problemas para as identidades pois os marcos divisórios (territoriais, nacionais, de gênero et.) são cancelados e as biografias tornam-se quebra-cabeças de soluções difíceis e mutáveis. A identidade nacional, por exemplo, era medida pela proximidade geográfica (onde um sujeito nasceu). O alargamento do espaço de co-habitação começou a criar problemas de identidade. Como definir o que é 'nacionalidade'? Ela é uma ficção, não foi naturalmente

gestada e incubada na experiência humana, mas sim agenciada pelo Estado moderno, para produzir união e coesão na diversidade. Ela se baseia na exclusão e na lealdade. Assim, a ‘nação’ é uma comunidade imaginada que se tornou ‘natural’. (s.p.)

O agenciamento da identidade nacional é evidenciado pelos recursos performativos de sedimentação, iterabilidade e citacionalidade, por isso, deflagramos o estereótipo cultural-nacional dessa grande área de pertencimento nacional como analisaremos nos dados.

Recorremos a Bauman (2005) para valorizar a escolha teórica de sustentação desta dissertação. Ele explana sobre a complexidade da identidade nacional.

Pôde-se ver a faca da identidade brandida nas duas direções e cortando dos dois lados nos períodos de “construção nacional”: em defesa de línguas, memórias, costumes e hábitos locais, menores, contra “os da capital”, que promoviam a homogeneidade e exigiam uniformidade – assim como na “cruzada cultural” organizada pelos defensores da unidade nacional que pretendiam extirpar o “provincianismo”, o paroquialismo, o esprit de clocher das comunidades ou etnias locais. (p. 83)

Percebemos nos dados como este movimento dual, da faca que corta para dois lados, carrega a faca no todo. Ora os interagentes referem-se ao local de onde falam ora se referem ao “capital”, ao estereótipo, ao simulacro.

Ainda com Bauman, ele termina sua entrevista a Vecchi (2005) citando Hall. O alerta dado por este precisa ser mais divulgado.

Já que a diversidade cultural é, cada vez mais, o destino do mundo moderno, e o absolutismo étnico, uma característica regressiva da modernidade tardia, o maior perigo agora se origina das formas de identidade nacional e cultural – novas e antigas – que tentam assegurar a sua identidade e adotando versões fechadas da cultura e da comunidade e recusando o engajamento ... nos difíceis problemas que surgem quando se tenta viver com a diferença. (p. 105)

No contexto atual, a identidade nacional estampada por estereótipos é um perigo em relação aos contatos transculturais e a aprendizagem de línguas pela *differance*.

2.5 Estereótipos

Antes de entender e definir o estereótipo nesse contexto específico de aprendizagem de línguas e suas culturas, vamos nortear as definições e aparições do termo estereótipo na literatura das Ciências sociais para situar nossa definição.

De acordo com Simões (2014), a trajetória de uso do termo estereótipo começa na tipografia, no século XVIII, para designar conjunto de modelos fixos. Da tipografia, migra para o uso na língua de estruturas linguísticas curtas que se repetem sistematicamente até, no século XIX, expressar opiniões de grupos sociais. Nessa perspectiva, o estereótipo assume a interação social como espaço/meio para que possa aparecer e estudar tais relações a partir de categorias e só é possível percebê-lo como sedimentado quando é compartilhado massivamente (SIMÕES, 2014).

Sobre seu conceito, Simões elenca que

o homem é incapaz de perceber a totalidade do meio no qual vive direta e objetivamente. O que ele vê é uma projeção da realidade ou uma representação desta, criada, em maior ou menor grau, a partir de sua própria percepção. Esse recurso é resultado de um processo de simplificação cognitiva, uma vez que o meio, em sua totalidade, é demasiado grande e complexo para ser apreendido em sua completude. Dessa forma, para poder interagir nele e com ele, é necessário que se realize essa reconstrução, que ocorre, na maior parte das vezes, de modo fragmentado e permeado por filtros culturais, individuais, sentimentais, sociais, códigos morais, filosóficos e políticos, dentre outros, além de apresentar também um elevado componente criativo (p. 244-45)

Trazemos a definição circulante em sites de divulgação científica para comparar a noção de estereótipo no senso comum com as noções científicas. A revista *Brasil escola* explica o funcionamento do estereótipo a partir da psicologia e o define do seguinte modo.

(Estereótipo) é um conjunto de características presumidamente compartilhadas por todos os membros de uma categoria social. É um esquema simplista, mas mantido de maneira muito intensa e que não se baseia necessariamente em muita experiência direta. Pode envolver praticamente qualquer aspecto distintivo de uma pessoa – idade, raça, sexo, profissão, local de residência ou grupo ao qual é associada. Quando nossa primeira impressão sobre uma pessoa é orientada por um estereótipo, tendemos a deduzir coisas sobre a pessoa de maneira seletiva ou imprecisa, perpetuando, assim, nosso

estereótipo inicial. (<https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/atitude-preconceito-estereotipo.htm> em 24/05/18 às 18:11)

A ação de dedução identitária se encontra com a ideia de imagens idealizadas sobre o outro trazida por Lippmann (2008). O termo “idealizada” se refere coerentemente com a ação de deduzir.

Walter Lippmann, escritor e comentarista político estadunidense, compreendeu e definiu estereótipo ancorado na Psicologia Moderna. O autor evidenciou como os indivíduos representavam a realidade social na qual estavam inseridos, o que rechaçavam e o que absorviam como certo ou verdadeiro diante da cultura, da realidade social da qual pertenciam ou desejavam pertencer. Com este olhar, Lippmann (2008) define estereótipo como “imagens mentais que auxiliam os indivíduos no processamento da informação entre si e a realidade” (p. 68). Por isso, é fácil fazer a correlação da definição com a etimologia do termo. Stereòs, em grego, significa rígido e túpos, impressão. Portanto, uma *impressão rígida*, em nível subjetivo, das relações que o indivíduo constrói, organiza, visualiza da sociedade em que vive. Essa impressão rígida pode ser relacionada ao modo pré-construído e por isso padronizado dos elementos culturais (tipos, padrões, versões).

Segundo Lippmann (2008), quando nos aproximamos da realidade, “não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos. Aí está o estereótipo: são os tipos aceitos, os padrões correntes, as versões padronizadas”. Eles interferem na nossa percepção da realidade, levando-nos a “ver” de um modo pré-construído pela cultura e transmitido pela linguagem. (BACCEGA, 1998, p. 8)

Aí está a definição de estereótipo: são “os tipos aceitos, os padrões correntes, as versões padronizadas” (p.8). Eles interferem na nossa percepção da realidade, levando-nos a “ver” de um modo pré-construído pela cultura e transmitido pela linguagem, porque mostram estabilidade de significado dos elementos constituintes da nação, da língua, do sujeito ao categorizar informações complexas da sociedade.

Rolnik (2017), seguindo as Ciências Sociais, diz que o sujeito apreende o mundo pela percepção das imagens, coisas, comportamentos já estruturados num mapa de códigos e representações culturais. Ao passo que vamos associando essas percepções com o que sabemos, isso vai constituindo nossa cartografia.

No campo das imagens, “o imaginário acerca da alteridade emerge como parte de uma fronteira interétnica baseada na relação contrastiva nos X eles, mas também como uma construção social, uma mediação entre sociedade, cultura e inconsciente” (SIQUEIRA & SIQUEIRA, 2016).

Segundo o artigo Polifonia e dialogismo na série “As brasileiras”: entre a paródia e o estereótipo, os autores elucidam o processo de estereotipia criador dos estereótipos.

Para Bosi (1977), possuímos um círculo de ação limitado, reduzido e, dentro dele, nos movemos sempre em caminhos familiares, repetidos, confiando e aceitando o pensamento e informações vindas dos outros, aqueles que participam conosco da construção de um discurso que reforça constantemente nossa “confiança social”. Classificam-se e armazenam-se, conforme categorias preestabelecidas, fatos, coisas, pessoas, opiniões. Essa é a utilidade do processo de estereotipia ao agilizar e organizar em compartimentos determinados um mundo que demandaria tempo e disposição para sua análise primeira (2012, p. 8-9).

Os autores desse artigo trazem a contribuição de Heller que muito dialoga com a tese: perceber e discutir estereótipos numa atitude crítica da mediação.

[...] por um lado, assumimos estereótipos, analogias e esquemas já elaborados; por outro, eles nos são “impingidos” pelo meio em que crescemos e pode-se passar muito tempo até percebermos com atitude crítica esses esquemas recebidos, se é que chega a produzir-se uma tal atitude (HELLER, 2004, p. 44 apud SUZUKI, KARHAWI, LEMOS, 2012, p. 9).

Para Mazzara (1999),

Os estereótipos formam parte da cultura de um grupo e, como tais, são adquiridos pelos indivíduos e utilizados para uma eficaz compreensão da realidade. Ademais, a conscientização dos estereótipos cumpre para o indivíduo uma função de tipo defensivo: ao contribuir com o mantimento de uma cultura e de determinadas formas de organização social, garantem o resguardo das posições alcançadas. (MAZZARA, 1999, p. 14 - minha ênfase).

Ver o estereótipo como parte da cultura é recorrente. Porém, acreditar na sua eficácia para a compreensão da realidade na qual ele habita leva seu conteúdo à sedimentação como um dado, uma informação posta, certa, rígida e, conseqüentemente, excludente e preconceituosa, como entende Baccega (1998):

O estereótipo, assim como o conceito, é um reflexo/refração específica da realidade - ou seja, reflete com desvios, como um lápis que, colocado em um copo de água, "entorta" -, mas o estereótipo comporta uma carga adicional do fator subjetivo, que se manifesta sob a forma de elementos emocionais, valorativos e volitivos, que vão influenciar o comportamento humano. Ele se manifesta, portanto, em bases emocionais, trazendo em si, como já dissemos, juízos de valor preconcebidos, preconceitos, e atuam na nossa vontade (Baccega, 1998, p. 10)

Ter o estereótipo como algo posto de determinada comunidade é inverter seu estado de pressuposto. Como pressuposto, o estereótipo é criado pelo povo e reiterado, performática e subjetivamente, pelo povo para o estado de posto, sedimentado. Esta é a regra a ser seguida para manter a sensação de nação, de grupo, de pertencimento. Porém, em tempos de quebra de fronteiras e contínuos fluxos realizados pela globalização, por que os estereótipos não diluíram ou acabaram? Possivelmente, pela necessidade de pertencimento à liquidez moderna como salientou Bauman (2005).

Já para Lakoff (1987), os estereótipos são metonímicos. Eles representam uma parte do todo, “onde uma subcategoria possui um status socialmente reconhecido como permanente para a categoria como um todo, geralmente com a finalidade de criar julgamentos rápidos sobre pessoas” (p.79). O autor ressalta que, na maioria dos casos, a categorização é automática e inconsciente. Pela Teoria da performatividade, a categorização automática pode ser efeito do processo de sedimentação do próprio ato de fala repetido diversas vezes com o poder de regular, normatizar e, conseqüentemente, naturalizar características, valores, hábitos.

Para Fant (2012), em diálogo com Lakoff, o estereótipo é uma instância de categorização realizada socialmente, porque as categorias são disseminadas e compartilhadas na sociedade por meio de diversas formas de interação. Também se categoriza cognitivamente com a finalidade de atribuir sentido a grandes “caixas”, elementos/conceitos complexos que nos rodeiam.

Avaliamos, portanto, que seja relevante o desenvolvimento de um trabalho, por parte do professor-mediador, que permita aos aprendizes, participantes de teletandem, terem consciência do processo de categorização e estereotipação para que, assim, possam refletir sobre seus discursos a fim de não propagarem ideias preconceituosas ou reproduzirem o senso comum. (FRANCO e RAMPAZZO, 2016, p. 1322-23)

O professor da Universidade Federal da Bahia, Marcos Emanuel Pereira, delinea quatro perspectivas teóricas acerca do estereótipo que nos auxiliam a conceituar estereótipos para poder caracterizá-los no teletandem. São elas: 1) a perspectiva da teoria individualista e do conflito, baseada na psicanálise; 2) a das teorias socioculturais, nas quais o contexto fica em evidência para uma macroanálise das crenças compartilhadas no âmbito social. Nessa segunda perspectiva, a observação e repetição de comportamentos mostra um papel social; 3) a perspectiva da teoria da identidade social, somando a dimensão contextual aos conflitos pessoais e sociais para gerar a sensação de pertencimento, identificação como membro de um grupo; e a 4) perspectiva da teoria da cognição social, definindo o estereótipo como resultado das estruturas cognitivas do indivíduo ao processar informações.

Pereira (2015) leciona a disciplina de Psicologia Social e Psicologia social dos estereótipos, contribuindo para a compreensão da formação e uso dos estereótipos na área psicológica. Dentre seus estudos, o que serve a essa tese é a definição que dá ao estereótipo como uma atitude que é avaliativa, duradoura e armazenada na memória, por isso, buscada e dita quando necessário. Para compreender melhor sua noção de atitude trazemos um trecho de seu e-book *Enfrentando preconceitos e estereótipos. Na escola, no trabalho, nas ruas e os que sobrevivem em cada um de nós* (2015).

A estrutura organizativa das atitudes funciona como um quadro de referência mediante o qual os estímulos desconhecidos e os novos exemplares de categorias conhecidas são incorporados e acomodados. Se supomos que um residente em um país europeu tenha uma atitude preconceituosa em relação aos imigrantes de países não europeus, este quadro de referência servirá para avaliar imigrantes africanos, a exemplo dos senegaleses e nigerianos, como também sul-americanos, como os equatorianos e brasileiros, assim como servirá para avaliar os asiáticos, filipinos e chineses. Em que pese as diferenças geográficas e culturais, os rótulos verbais como 'estrangeiros', 'subdesenvolvidos', 'pobres' ou 'marginais' se organizam em torno de uma estrutura relativamente lógica em relação à qual todas estas avaliações estão subordinadas. Este quadro de referência tanto pode ser utilizado para avaliar os estrangeiros oriundos de países cujo contato é relativamente comum, quanto os estrangeiros de países de fluxo migratório não tão intenso. Usualmente a função avaliativa de uma atitude tende a se manifestar com mais clareza nas situações novas, incomuns e dotadas de uma certa imprevisibilidade, pois a incerteza quase sempre

está acompanhada por uma tendência a buscar uma maior clareza de julgamento (PEREIRA, 2015, s.p.)

Ele também explica que somos orientados por três funções: cognoscitiva, afetiva e conativa. A função cognoscitiva, ou seja, a função da ordem do pensamento, crenças, valores é a que compreende a cognição e a fabricação dos estereótipos. A função afetiva contempla o sentir, as emoções e, por isso, a fabricação de preconceitos e a função conativa, da atividade, da ação contempla a discriminação.

As funções caracterizadas psicologicamente possibilitam diferenciar estereótipo de preconceito. Trata-se de uma diferença relevante para a análise dos dados aqui coletados, uma vez que há uma definição generalista caracterizadora de estereótipo ser negativo porque é um preconceito ou enuncia o preconceito.

Não seguimos na diferenciação de estereótipos e preconceitos porque estes não ficaram em evidência nos dados coletados. Há estudos sobre o caráter preconceituoso de estereótipos nas interações de teletandem realizados por Andreu-Funo (2018).⁶

A partir dessas definições, tomamo-nas para relacionar com a Teoria da performatividade de Butler. Enquanto, Butler credita ao gênero o efeito de nossas ações, ou seja, somos homem, mulher, trans não por uma essência biológica, mas pela repetição de atos que norteiam dada identidade masculina, feminina, “neutra”, nessa tese, nós creditamos aos estereótipos o efeito de ações culturais, sociais e nacionais como demarcadoras de identidades diferentes.

Segundo o artigo de Rodrigo Borba (2014), “A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais”, Borba esclarece a definição de Butler para gênero.

Butler argumenta, então, que gênero não é uma propriedade dos indivíduos, uma essência refletida em seus atos e corpos, mas algo que se faz em nossas ações cotidianas, um efeito pragmático de um amálgama de recursos semióticos (língua, entonação, tom de voz, o que/como se fala, roupas, cores, texturas, cortes de cabelo, posições corporais etc.) usados localmente para este/a interlocutor/a aqui e agora.

⁶ Esse estudo está disponível na Revista do Gel, em <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/search/authors/view?firstName=Ludmila&middleName=Belotti%20Andreu&lastName=Funoo&affiliation=Unesp&country=BR>.

Tal definição que engendra pensar uma teoria das Identidades, como fez Butler ao instaurar a Teoria da performatividade, é factível com essa tese que pensa as identidades nacionais, mais delimitadas que as identidades culturais, a partir de um elemento deflagrador dessas nacionalidades em contato transcultural, o *estereótipo*.

O estereótipo, para esta tese, é uma ideia/imagem sobre o outro e/ou objeto, pelo fato de ser um efeito pragmático social e cultural. É a repetição dessa ideia/imagem via linguagem que a permite ser sedimentada como um amálgama, caracterizadora e categorizante no meio social e cultural.

2.5.1 Estereótipo em pesquisas do teletandem e de aprendizagem de línguas

A pertinência do tema desta pesquisa pelo exposto pelos próprios idealizadores do teletandem.

(...) precisamos de estudos acerca dos papéis que os parceiros do tandem têm nos processos de apresentação de suas línguas e culturas e quando se ajudam na construção de suas identidades e relações com a cultura e com a língua-alvo. O interesse dos alunos pela cultura e pelas pessoas da língua-alvo emergirá de tais processos. (VASSALLO e TELLES, 2009:40)

Estamos a observar como a apresentação das culturas pelos interagentes/participantes do teletandem esbarra nos estereótipos, elemento cultural sobre identidades de um grupo que muitas vezes está, social e primeiramente, posto como nação.

Ter o enfoque no uso de estereótipos pelos interagentes e como eles trazem e caracterizam os estereótipos na mediação de teletandem é analisá-los como materialidade. Isso para entender a concepção de cultura do parceiro e a constituição da identidade do sujeito. Esta pode ser afetada, de alguma maneira, pelo contato transcultural efetivado nas interações e nas mediações, já que o estereótipo é o indício deflagrador da identidade nacional e cultural do interagente.

Como tal, ele produz sua realidade, sua ideologia, o que possibilita entender sua posição de sujeito e sua performatividade.

Um dos trabalhos na área de aprendizagem de línguas estrangeiras que referencia o estereótipo é o artigo de Santos (2002). Este trabalho traz um significativo enlace com esta tese porque vislumbra tanto o que os nossos dados apontam quanto a mediação do teletandem como forma de transformar as imagens do estrangeiro por seu discurso cultural.

No contato com o estrangeiro se desconhece o outro, tem-se dele uma visão superficial, certa imagem que se construiu a partir de um contato fugaz ou de um não-contato e que se generalizou para todos os indivíduos pertencentes àquele grupo. Esta imagem, caso não passe por um processo de transformação e de enriquecimento, corre o risco de ficar congelada no estereótipo, aprisionando o outro e cegando o sujeito, pois não lhe permite enxergar para além dela, constituir outras formas de relação (SANTOS, 2002, s.p.)

Santos (2002) finaliza seu artigo apontando a transformação como meio de não congelarmos as imagens estereotipadas do estrangeiro. Para nós, a possibilidade de transformação é o diálogo orientado no momento da mediação. Este diálogo orientado pode fazer o interagente pensar em novas maneiras de ver o outro, evitando o que a autora chama de *congelamento* e nós, nesta tese, chamamos de *sedimentação*, termo de Derrida (1991). Para Santos (2002), a ideia de congelamento é

as imagens se congelam dando espaço ao aparecimento dos estereótipos, do preconceito e até da perseguição. O caminho deve ser sempre orientado por uma transformação permanente da imagem do objeto que vai ganhando contornos mais variados e profundos conforme vamos nos aproximando. Se não se sai do lugar do estereótipo, do pré-conceito o aprendiz também corre o risco de se congelar (SANTOS, 2002, s.p.)

Tanto o congelamento como a sedimentação são recursos interpelativos para a regulação das macro características culturais-nacionais. Percebe-se o Brasil por ideias sedimentadas, sólidas, percebidas e aceitas por muitos brasileiros e (re)dizem essas num processo constante de iterabilidade e citacionalidade.

É na confrontação linguístico-cultural que os interagentes do teletandem passam a confirmar ou refutar suas imagens do estrangeiro. Esses interagentes

estão diante de um sujeito que traz o coletivo (cultura) através de suas práticas sociais, o que o singulariza. A comunicação síncrona na interação do teletandem pode, também, permitir que a imagem idealizada seja, muitas vezes, desfeita, tal como evidenciado na tese de Andreu-Funo (2015).

Outro artigo que trata sobre estereótipo neste contexto de aprendizagem de línguas, ou seja, num contexto linguístico diferente das áreas que mais tratam de estereótipos como a psicologia, antropologia e sociologia, é o artigo de Franco e Rampazzo (2016) intitulado “Estereótipos como sedimentadores de ideias de hegemonia em parcerias de teletandem institucional semi-integrado”. Nele, as autoras destacam a cultura brasileira em detrimento da estrangeira apresentada em interações de teletandem. A cultura brasileira é interpretada a partir de ideias hegemônicas percebidas na relação de poder político-econômico que norteiam as culturas em contato.

O objetivo do artigo de Franco e Rampazzo (2016) é discutir o modo como os estereótipos *reforçam ideias hegemônicas*. Para isso, as autoras tomam a noção de estereótipo de Lakoff (1987) e Fant (2012) como aquela capaz de dialogar com a sedimentação de ideias hegemônicas.

Aproveito para discorrer um pouco mais sobre este artigo para dizer como esta tese dialoga e vai além de seguir categorizando sujeitos interagentes pelo uso de estereótipos.

De dois estudos de caso realizados por Franco e Rampazzo (2016), as participantes brasileiras participaram do teletandem como voluntárias, portanto, fizeram a modalidade de teletandem semi-integrado e evidenciaram os estereótipos como sedimentadores de superioridade. Por isso, as autoras ressaltam que a mediação do teletandem tem uma função pedagógica de suma importância para a cidadania e para a formação crítica do sujeito. Entretanto, se esta mesma mediação de teletandem não discutir noções culturais, ela pode propagar e manter conceitos sedimentadores como o estereótipo.

Avaliamos, portanto, que seja relevante o desenvolvimento de um trabalho, por parte do professor-mediador, que permita aos aprendizes, participantes de teletandem, terem consciência do processo de categorização e estereotipação para que, assim, possam refletir sobre seus discursos a fim de não propagarem ideias preconceituosas ou reproduzirem o senso comum. (FRANCO e RAMPAZZO, 2016, p. 1322-23)

Para trabalhos futuros, elas elencaram a necessidade de estudar o processo de estereotipação na mediação. Este é, justamente, o ponto de confluência deste artigo de Franco e Rampazzo (2016) com esta tese. Buscamos na fala, na performatividade, visualizar e compreender a subjetividade que emerge no/do uso de estereótipos. Isso é possível através das características dos estereótipos explicitados ou subentendidos nas mediações. É necessário, portanto, ter nossa atenção voltada para o modo que esses estereótipos são apresentados pelo mediador, desde os primeiros contatos com o interagente, por meio de reunião de orientação, tutoriais e antes da primeira interação acontecer.

No artigo intitulado “Performativ and Teletandem”, Telles (2015) aponta que a interação se dá por: a) contraste das vidas diárias dos parceiros, b) pela diferença entre os países e c) as discussões repetitivas de senso-comum. Tais características sustentam pesquisas em torno de entender: a) as identidades nacionais e as culturas envolvidas na e pela marcação da diferença, b) o papel pedagógico e crítico da mediação como espaço que (re)forma ideias e c) a Teoria da performatividade como teoria capaz de explicar o porquê da repetição de falas e do senso-comum ao estar diante do outro-estrangeiro. Cabe nessa expressão outro-estrangeiro a configuração da complexidade do outro marcado por referências culturais novas, desconhecidas ou superficiais, o que demanda maior cuidado e estratégias de aproximação como o uso de estereótipos.

É sobre essa complexidade do outro externada ou um pouco externada que vamos nos deter ao estudar a interpelação, na próxima seção.

2.6 A interpelação

Interpelação é um conceito relevante para a Filosofia e, conseqüentemente, para a Filosofia da Linguagem e Linguística Aplicada porque traz aspectos relevantes sobre o sujeito e as ações que o formam no mundo. Ações essas concretizadas pela e na linguagem. A sucinta definição de interpelação foi colocada no glossário em anexo para nortear e convidar o leitor dessa tese a caminhar pelas outras áreas que se somam à Linguística Aplicada.

No caso dessa tese, a interpelação e a ideologia são conceitos que dimensionam a constituição do sujeito mostrada performaticamente nas interações e mediações do teletandem. Todo processo comunicativo é embasado em como estamos e fomos interpelados por nossas formações ideológicas (ALTHUSSER, 1971), ou seja, a ideologia norteia nossas escolhas, nossos hábitos, nossas práticas sociais, nossos discursos e nossas ideias em relação ao estrangeiro. Por isso, é imprescindível, evidenciar a definição e relação entre esses dois conceitos.

No que tange ao estereótipo, Althusser (1980:81) diz que “a natureza imaginária (da relação entre os homens e as suas condições reais de vida) é que fundamenta toda a deformação imaginária que se pode observar em toda ideologia”. Ou seja, a forma como idealizamos, imaginamos o parceiro estrangeiro está imbricada na construção da nossa imagem de nação e na imagem que construímos e construíram da nação estrangeira. Essa construção se dá na linguagem e, por isso, na performatividade de repetir e citar as ideias mais aceitas como verdade.

Louis Althusser, como evidenciado por Roselaine Bolognesi em entrevista para a revista *Filosofia* (Bolognesi, 2014), trabalhou com a teoria da subjetividade no paradigma marxista com contribuições da psicanálise e da linguística estrutural, redimensionando o materialismo marxista e a ideia de ideologia. Para a autora, a ideologia reproduz as relações sociais porque é um sistema de representação e os indivíduos estão *interpelados* a ela, processo que Althusser (1971) chamou de *formações ideológicas*. Assim, ao se reconhecer por sujeito - ‘sim, esse sou eu’, o indivíduo é *recrutado* para ocupar determinadas posições-de-sujeito.

É esse recrutamento que evidenciamos nas interações do teletandem: o sujeito interagente se reconhece como interagente, se posiciona como um sujeito que fala de um lugar/país específico, por isso, apresenta-se pelas características sociais e culturais desse país para se aproximar do parceiro. Isso só é possível porque esse interagente está interpelado a dizer via nacionalidade no espaço de contato e comparação entre duas a três culturas, ou seja, ele reproduz suas relações sociais devido a sua formação ideológica e, por isso, usa os estereótipos que são signos ideológicos, culturais e, para nosso contexto, transculturais (MINHA IDEIA).

Identificar os estereótipos como signos ideológicos e transculturais com signos da *differance* (Derrida) é saber, além da metafísica, que “Todo o signo só

significa na medida em que se opõe a outro signo, por isso se pode dizer que é essa condição da linguagem que constantemente diferencia e adia os seus componentes que concede significância ao signo”. (CEIA, 2009)

Para Butler a interpelação ganha contornos da citacionalidade dos aspectos culturais que agrupam e identificam uma nação, sociedade ou grupo. Nas palavras de Salih ela traz esse pensamento.

A interpelação é um enunciado citacional que, para ser efetivo, se apoia no contexto e na convenção, o que significa que não é diferente de outros enunciados igualmente contingentes. (...) A interpelação é, portanto, um enunciado citável, ex-citável, que excede o interpelador, o qual não está no controle de sua fala. (p. 149)

Para compreender a noção de ideologia relacionável com a Teoria da Performatividade trazemos o que Marilena Chauí define como ideologia

Para criar uma consciência dos homens, essa visão ilusória da realidade como se fosse realidade, a ideologia organiza-se “como um sistema lógico e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem os membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer” (Chauí, 1980, in Brandão, 2012:22).

Na composição e referenciação a esse grande tema, ideologia, trazemos também o que Ponzio (2011) elucidou como ideologia bakhtiniana, uma vez que

(...) o termo ideologia indica as diferentes formas de cultura, de sistemas superestruturais, como a arte, o direito, a religião, a ética, o conhecimento científico etc (a ideologia oficial), e também os diferentes substratos da consciência individual, desde os que coincidem com a ideologia oficial aos da ideologia não oficial, aos substratos do inconsciente, do discurso censurado (PONZIO, 2011, p. 112-113).

Ao ler Ponzio (2016) no livro *A revolução bakhtiniana*, podemos afirmar o caminho dessa tese: ao tomar o estereótipo como elemento deflagrador da cultura específica de uma nação - nacionalidade, por isso, cunhado aqui como estereótipo nacional, precisamos tomar a cultura como elemento identificatório e teórico para verificar a constituição dos estereótipos nacionais. A constituição aparece nas performances sociais através dos processos de iterabilidade e citacionalidade que

causam sedimentação ideológica, sensação de pertencimento social e nacional também. Ou seja, a interpelação e a ideologia são formas de ver, instaurar, nomear a cultura e seus efeitos nos sujeitos, já que a ideologia é um sistema de representação da sociedade e o estereótipo um elemento representativo da mesma capaz de regular a pertinência de um sujeito na nacionalidade que o abarca.

Trazemos a contribuição de Miotello de seu capítulo intitulado *Ideologia* no livro *Bakhtin: conceitos-chave* (2005) para deixar a ideologia, toda camada estrutural do coliseu – sociedade, interação, sujeito, mais clara.

(...) a ideologia é o sistema sempre atual de representação de sociedade e de mundo construído a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados. É então que se poderá falar do modo de pensar e de ser de um determinado indivíduo, ou de determinado grupo social organizado, de sua linha ideológica, pois que ele vai apresentar um núcleo central relativamente sólido e durável de sua orientação social, resultado de interações sociais ininterruptas, em que a todo momento se destrói e se reconstrói os significados do mundo e dos sujeitos. (p.176)

Após a explicitação das teorias selecionadas, finalizamos esse capítulo com essa síntese: o par que pode representar os interagentes e o interagente e o mediador tem cada qual sua ideologia mostrada no diálogo que estabelecem no teletandem. Nas falas há performatividade como ação do dizer do sujeito dentro de grades regulatórias sociais e há interpelação. Nesse jogo discursivo, o estereótipo é um signo da diferença que pode ser subvertido, reelaborado, destituído de sua representação metonímica.

Como a interpelação visa ver, instaurar, nomear a cultura e seus efeitos nos sujeitos é ela por ela que demarcamos a prática pedagógica de um mediador após as seções de interação com a finalidade de problematizar os estereótipos nacionais.

Esse objetivo, segundo dessa tese, se ampara numa abordagem política para o processo de aprendizagem autônoma a fim de despertar uma consciência crítica no aprendiz (FREIRE, 1996) e (PENNYCOOK, 1997). Problematizar os estereótipos nacionais na mediação é despertar um olhar atento e responsivo sobre a prática de teletandem, não é uma conversa superficial, é uma troca de línguas e culturas para a aprendizagem das línguas em uso (VASSALLO & TELLES, 2006). Ao mostrar os estereótipos, ao realizar tarefas sobre estereótipos, ao discutir sobre as

características e efeitos dos estereótipos estamos saindo da superficialidade do contato de algumas horas e da tarefa de cumprir créditos em disciplina⁷ para constituir-se como sujeitos híbridos, atravessados criticamente pela globalização.

Segundo Liberali (2012), a formação crítica (tentada a partir do segundo objetivo dessa tese, exposto na p. 20) é um meio para as pessoas se tornarem mais colaborativas e pensar além de si. Postura importante no teletandem que vislumbra o contato transcultural.

Com essa perspectiva e ancorados na Pedagogia crítica de Freire e nos estudos de Pennycook, entendemos que a autonomia do dizer no teletandem será melhor compreendida pelos interagentes, sendo uma autonomia política (CAVALLI, 2009).

A autonomia política pode ser vivenciada pelos participantes do teletandem sempre que esses tiverem mediadores que sejam parceiros de discussão, que realizem a intermediação da aprendizagem e promovam a reflexão no interagente (SALOMÃO, 2011, p. 658). Essas ações estão contempladas na dimensão política da linguagem e dos linguistas como propõe Rajagopalan (2006). Ele diz “os linguistas que adotam a linha crítica compreendem a dimensão política de suas atividades e são conscientes de que suas análises podem influenciar e modificar a realidade”

Por isso, nesta tese apresentaremos a prática de uma mediadora através de atividades/tarefas (ARANHA, LEONE, 2017; RAMPAZZO, 2017) para promover essa reflexão e autonomia. Essa prática não servirá de guia ou cartilha simplesmente, a mostra e análise dessa prática sugere *parâmetros* para tornar a mediação pedagógica, na sua finalidade de orientação, counseling (Brammerts, Calvert and Kleppin, 2002), suporte linguístico e cultural e provocação para a aprendizagem e constituição subjetiva dos sujeitos nesse contexto.

Vale ressaltar que nos estudos sobre telecolaboração de O’Dowd (2011), a noção de tarefa já se apresentava para evidenciar práticas de aprendizagem, por isso, pedagógicas. Ele valoriza “ferramentas de comunicação online para reunir grupos de aprendizes de línguas em locais geograficamente distantes com tarefas colaborativas e trabalho de projeto” (ZAKIR, 2015, p. 342)

⁷ No caso da modalidade do teletandem integrado como acontece com os participantes estrangeiros e alguns de São José do Rio Preto.

Por tarefas vamos tomar a definição de Aranha e Leone (2017), quando subdividem essas em: macrotarefas, tarefas e microtarefas no cenário de aprendizagem de línguas (ARANHA, LEONE, 2017; RAMPAZZO, 2017), conceito esse também singular para demarcar o tipo de modalidade que será a interação, sua duração e a descrição das macrotarefas para essa ação/evento na sua prática.

As macrotarefas de teletandem correspondem às sessões orais de teletandem e à sessão de mediação, enquanto que as tarefas e as microtarefas estão relacionadas às macrotarefas. Por exemplo, as sessões de mediação são alimentadas pelos diários reflexivos, que são produzidos a partir das sessões orais. Os textos escritos pelos participantes e trocados para correção pelo par alimentam a sessão oral. (RAMPAZZO, 2017, p. 457)

O uso de tarefas e microtarefas na prática de mediadores do teletandem possibilita: a) uma(s) abordagem(ns) pedagógica(s), b) um cenário de aprendizagem e c) instrumentos geradores de dados que podem servir para demais pesquisas.

Por abordagem pedagógica entendemos condutas planejadas e diretivas, favorecendo que a mediação seja um contexto para o letramento das práticas sociais do teletandem (ANDREU-FUNO, 2015)

Depois de apresentar as teorias selecionadas e relacioná-las com a tese exposta aqui, vamos para o último capítulo que traz cinco diferentes instrumentos geradores de dados para a) verificar as características e efeitos do uso de estereótipos no teletandem externalizados na mediação e b) descrever a atuação de um mediador a fim de problematizar tal uso na comunicação transcultural online.

2.7 Antropofagia e cartografia

Rolnik (1997, 2000) contribui para a sustentação teórica desta tese e também metodológica ao, lendo Deleuze e Guattari, trazer a noção de Antropofagia. Tal noção é plausível às outras evidenciadas acima porque estudam sujeitos (em contato transcultural para esta tese) além de um plano cartesiano, do estudo tradicional. A Antropofagia demanda uma “devoração do outro” pelo que se deseja via subjetividade.

Para compreender a significância da Antropofagia além do modernista Oswald de Andrade, cito um trecho do texto “Toxicômanos de identidade. subjetividade em tempo de globalização” do livro *Cultura e subjetividade. Saberes Nômades* de Rolnik (1997).

A mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades implica também na produção de kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente do contexto geográfico, nacional, cultural (p.19)

A globalização e tecnologia possibilitam os contatos transculturais e esses podem provocar hibridismo das identidades e a busca por pertencer à determinada nação para poder falar de si e dela. Esse pertencer é que relacionamos com o kit de perfis-padrão da citação acima e com os estereótipos. Ainda temos essa dicotomia para a dominância hegemônica de países mais ricos/fortes em comparação com outro. Mas é pela subversão da performatividade sedimentada, na mediação, que esse cenário pode ganhar outros aspectos.

Em *Ezquizoanálise e Antropofagia* (2000), Rolnik estabelece o movimento antropofágico.

Numa leitura desatenta, a antropofagia pode ser entendida como uma imagem que representaria “o brasileiro”, e que, além de delinear o contorno de uma suposta identidade cultural, teria a ambição de englobar o conjunto tão diversificado de tipos que forma a população deste país. No entanto, o interessante na démarche oswaldiana é justamente um movimento que se desloca dessa busca de uma representação da cultura brasileira, e tenta alcançar o princípio predominante de sua variada produção. Estendido para o domínio da subjetividade, o princípio antropofágico poderia ser assim descrito: engolir o outro, sobretudo o outro admirado, de forma que partículas do universo desse outro se misturem às que já povoam a subjetividade do antropófago e, na invisível química dessa mistura, se produza uma verdadeira transmutação (p.2)

Essa transmutação é percebida no teletandem pelas performances dos interagentes ao admirar ou se opor ao comentário do parceiro. Por isso, já explicitado na dissertação *teletandem é um espaço antropofágico* (BUVOLINI-FREITAS, 2015) porque possibilita a dinâmica de interações e mediações que os pares, normalmente admirados um com o outro porque já se estabeleceram como

pares, engolem, assimilam, experimentam e interpelam um ao outro. Ainda que dada interpelação aconteça mediada pelo passado histórico de cada sujeito e as relações de poder e visibilidade de cada nação.

Percebe-se que o interagente deseja devorar toda a comida – cultura do seu par. Assim o faz através de perguntas aproximadoras e algumas delas são confirmações ou não da imagem que o brasileiro tem do estadunidense ou do mexicano, francês que reside nos Estados Unidos.

Essa refeição, em termos metafóricos, proporrá analisar efeitos dos estereótipos nos dados e elaborar a cartografia acerca da atuação de mediadores para tratar das Identidades culturais-nacionais, especificamente.

Cabe explicar que cartografia não é uma cartilha. Tomamos o uso de cartografia de Rolnik que a tomou, dando sua singularidade, de Deleuze e Foucault não como método para realizar o teletandem ou, especificamente, a mediação, mas como estratégia sequencial de análise crítica das complexas questões culturais que invadem o espaço transcultural telecolaborativo e seus sujeitos.

Rolnik (2017) acentua que o sujeito apreende o mundo pela percepção das imagens, coisas, comportamentos já estruturados num mapa de códigos e representações culturais. Ao passo que vamos associando essas percepções com o que sabemos, isso vai constituindo nossa cartografia e essa estampará os estereótipos trazidos, ditos pelos interagentes e as possíveis formas de discuti-los, problematiza-los.

De acordo com Filho e Teti (2013), leitores das ideias sobre cartografia

O que mais interessa à cartografia em termos das suas relações com as heterotopias⁸ é o desenvolvimento de um olhar crítico, de estranhamento das nossas espacializações cotidianas e, seguindo as pistas dos princípios da heterotopologia, produzir uma análise e descrição que mostrem a sua formação histórica, a genealogia da sua produção, além de possibilitar a criação de espaços outros, de fuga e resistência a essa geopolítica dos espaços. Essa postura implica desterritorialização de espaços fixos, demarcados, de reprodução, envolvendo reterritorialização e abertura para o novo e a diferença. (s.p.)

⁸ As heterotopias são uma constante nos agrupamentos humanos, embora assumam formas muito variadas. São características das nossas sociedades, de acordo com Filho e Teti (2013).

Com essa citação fica evidente o que é nosso segundo objetivo de pesquisa – evidenciar uma prática crítica de mediação a fim de reterritorializar e rever novos olhares para a diferença.

Capítulo 3:

METODOLOGIA DE

PESQUISA

3.1 Inquietações que levaram aos instrumentos geradores de dados

As inquietações que levaram a seleção dos instrumentos geradores dos dados desta pesquisa começaram na inserção da pesquisadora no grupo de pesquisa do teletandem da Unesp do campus de Assis.

O desconforto de professores e mediadores acerca do uso de estereótipos no teletandem nos levou a pensar como esses estereótipos estavam sendo percebidos por esses dois grupos que se imbricavam: alguns professores e mediadores (um grupo) e os interagentes (outro grupo). Além de que esses interagentes podiam receber/perceber o olhar negativo (com desrespeito, preconceito) para os estereótipos culturais-nacionais⁹ no momento da mediação sem ter, efetivamente, percebido esse valor.

Diante disso, ouvir sobre estereótipos com valor negativo porque era metonímico de um grupo e não ouvir o mesmo no outro (dos interagentes) despertou a primeira maior inquietação: a) será que o estereótipo não é percebido nas interações? Dessa inquietação outra saltou de forma reflexiva e alarmante: o que é estereótipo? E, conseqüentemente, como os estereótipos são usados e caracterizados nas atividades do teletandem?

Tais perguntas confabuladas com o orientador nos proporcionaram as seguintes perguntas de pesquisa dessa tese:

- 1. Quais efeitos dos estereótipos emergem no Teletandem?**
- 2. Quais tarefas usar na mediação para se problematizar o uso dos estereótipos?**

Por isso, a escolha dos instrumentos geradores de dados foi ampla (como mostrado na página 92 dessa tese com o quadro 6, intitulado “Instrumentos para a coleta de dados”) e elaborados pela pesquisadora que também foi a mediadora desse grupo de teletandem.

Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética (CEP) da UNESP de São José do Rio Preto e este a aprovou com o CAAE 80763917.6.0000.5466, em 01 de abril de 2018.

⁹ Foco da pesquisa e não estereótipo de raça, etnia, social.

Ouvir os interagentes logo após a interação era o primeiro dado de percepção de ocorrência ou não de estereótipo no teletandem. Esse se configurou como nosso primeiro dado: a *transcrição das mediações* que mostravam os relatos dos interagentes com o suporte técnico e pedagógico do mediador.

O segundo dado que se fez importante foi o *diário* - uma forma de confrontar os relatos das sessões de mediação. Em seus diários, os alunos relataram, por escrito, os temas que discutiram com seus parceiros durante as interações em teletandem.

Como terceiro e quarto dados, estes mais focados sobre os estereótipos, a pesquisadora e mediadora do grupo lançou *dois questionários* para aguçar a percepção dos estereótipos no contexto da comunicação transcultural online. Com os questionários, o foco também foi os diferentes modos pelos quais os alunos trataram de estereótipos apresentados em charges, após discussão com o parceiro na interação.

Esses questionários sobre estereótipos foram realizados após a metade das interações, com o propósito de checar as noções que tinham sobre estereótipos nacionais e como problematizavam essa representação com o parceiro. Realizar os questionários nesse período indicava que essa atividade só somaria à interação e relação próxima já estabelecida na parceria.

O quinto dado se mostrou pertinente após exposição da parte inicial dessa tese no evento acadêmico SELIN (Seminário de Estudos Linguísticos da UNESP). Nessa ocasião, a professora debatedora sugeriu ter dados dos interagentes estrangeiros, a fim de se confirmar as percepções que o interagente brasileiro teve das interações realizadas. Assim, estipulamos a *mediação coletiva*, cuja ocorrência colocaria: 1) nossos interagentes, 2) a mediadora brasileira e pesquisadora dessa tese, 3) os interagentes estrangeiros e 4) sua respectiva professora de lá em contato online, via Zoom, para tratarmos, especificamente, dos estereótipos no teletandem.

Esse dado não aconteceu com os todos os envolvidos porque houve um desencontro com a data prevista para a mediação coletiva. Diante disso remarcamos com a professora de lá e seus alunos, mas os interagentes brasileiros estavam viajando (quase todos) devido ao feriado de 01 de maio. Mesmo assim, ainda consideramos como dado, por termos as falas dos interagentes e professora estrangeiros.

Uma vez descritos os instrumentos geradores de dados desta tese, ratificamos que tais dados não são das interações. *Os dados proveem das mediações* e foram coletados em dois momentos do processo: (a) após a interação com os brasileiros e a mediação com os estrangeiros e sua professora, via Zoom e (b) após as interações, por meio de tarefas solicitadas pela mediadora como questionários e diário.

A escolha pela mediação se deu porque esta possibilita ver, via enunciado do interagente, a) sua seleção do que deseja expor da discussão da interação, b) sua interpelação ao tratar determinados temas mais polêmicos e também ao responder o que o mediador pergunta e c) como o interagente discute e compreende as posições dos outros interagentes que se expressam na mediação.

De acordo com Andreu-Funo (2015), uma das funções do mediador é:

- a) provocar diálogos em relação a como aprender com o outro,
- b) como usamos nossa língua materna para ensinar o parceiro,
- c) como lidamos com a imagem cultural do país do outro,
- d) quais os estranhamentos causados pela comparação e, consequentemente, pela possível desconstrução das imagens que não são vivificadas pelo outro.

Por essas funções do mediador que também caracterizam a mediação como pedagógica e crítica, a *sessão de mediação de teletandem* passa a ser objeto de estudo desta tese. Isso se dá por sua força interpelativa como uma prática pedagógica crítica para a formação geral do sujeito e, ainda mais, para aqueles que serão professores de línguas estrangeiras.

Portanto, a tese a ser defendida é a seguinte: **na contemporaneidade e no contexto de comunicação transcultural online, as características de estereótipos geram parâmetros para uma prática de mediação crítica cujo efeito é problematizar o estereótipo e não aceita-lo como dado da cultura em foco.**

De modo mais amplo, o presente estudo visa a trazer avanços para a atualidade na aprendizagem de línguas pela diferença e para o uso de tecnologias para este e outros fins, como o econômico, por exemplo.

Ao abrir as fronteiras geográficas, políticas e econômicas para a aprendizagem de novas línguas, aspectos culturais que chegam a novas terras (nações) carregam sedimentos mais densos da cultura e são reconhecidos pelo o que aqui chamamos de *estereótipo cultural-nacional*. Por isso, cabe verificar as

características de estereótipos no teletandem a partir de seu uso como referência ao cultural-nacional.

O mar aberto simbolizado nesta tese também é metáfora da própria área a qual pertencemos. A Linguística Aplicada é a própria contingência de águas que se abastecem de pequenas e grandes ilhas de conhecimentos. Por isso, nesta tese, a prática de aprendizagem de línguas estrangeira, os estudos sobre telecolaboração e comunicação transcultural se ancoram nos estudos mais sociais acerca de estereótipos para tentar compreender o que se enuncia e se encontra nesta travessia.

Ao focar um elemento cultural - estereótipo – somamos à área de Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira da Linguística Aplicada a Sociologia, Antropologia, Filosofia e Psicologia. Isso para buscar entender e definir estereótipos que estampam a cultura nacional dos interagentes de teletandem no momento e nas atividades da mediação de teletandem.

Para dar conta desse contexto de áreas plurais e comunicação transcultural online, expomos as perguntas de pesquisa, norteadoras do rumo dessa tese.

As perguntas de pesquisa se constituem em espiral, uma vez que uma está imbricada na outra. São elas:

1. Quais efeitos dos estereótipos emergem no Teletandem?

Essa primeira pergunta evidencia falas recorrentes com a temática do estereótipo mostrado ou velado nas atividades realizadas durante as interações e discussões nas mediações. Como o estereótipo foi pouco definido pelos participantes do teletandem de Assis, no estudo piloto realizado no segundo semestre de 2017, coube pensar sua definição a partir de suas características nesse contexto.

Uma vez percebida sua recorrência, a segunda pergunta expressa como se pode problematizar os estereótipos nacionais na mediação, já que esta constitui-se, também, como espaço de reflexão e problematização de questões linguísticas e culturais.

Assim, a segunda pergunta de pesquisa é:

2. **Quais tarefas usar na mediação para se problematizar o uso dos estereótipos?**

Essa questão se construiu para elucidar a prática que a pesquisadora e mediadora realizou a fim de tratar questões culturais no teletandem que, por vezes, são generalizadas ou enunciadas superficialmente.

O estudo piloto também evidenciou que se o mediador não realizasse perguntas sobre o efeito das questões culturais discutidas nas interações, o interagente não perceberia a sedimentação de estereótipos ou não conseguiria aprofundar a questão.

Por isso, as questões que seguem descrevem os caminhos da pesquisa e as das escolhas teóricas e metodológicas que tivemos que percorrer. Essas escolhas servem de base para a criação de tarefas a serem dadas aos interagentes com o objetivo pedagógico de dimensioná-los sobre o outro e funcionar como apoio à educação cultural, identitária e subjetiva.

Como discutir, nas interações e mediações iniciais de teletandem, questões de futebol para brasileiros e de *fast food* para os estadunidenses, canadenses, especificamente? O que se fala em termos de valores culturais é um estereótipo assumido? Esta *visão estereotipada* da nacionalidade frequentemente expressa pelos aprendizes de teletandem é parte da performance de um sujeito híbrido? Na interação com o outro, a fala que demonstra senso-comum, generalizações é uma referência positiva ou negativa para a comunicação transcultural? Por que é recorrente o uso de estereótipos nas interações iniciais ou mesmo quando discutimos a língua e cultura estrangeiras? É por estas constantes que percebemos que o uso do estereótipo pode ser uma referência à identidade nacional do interagente que assim o faz para poder representar sua nação no teletandem, especificamente. Por fim, estariam todos esses questionamentos relacionados à tão discutida formação de “competência inter/transcultural”, hoje tão valorizada e almejada pelas instituições universitárias em todo o mundo na formação do chamado “cidadão global”?

Tomamos o conceito de *transculturalidade* (Welsch, 1994) para evidenciar a comunicação online do teletandem em estado de fluxo atual das culturas modernas complexas e também interligadas via globalização e uso da tecnologia. Nesse

conceito, os indivíduos precisam assimilar, negociar e mudar culturalmente pela aproximação com outras experiências culturais.

3.2 Os quatro paradigmas de pesquisa qualitativa na contemporaneidade

Neste capítulo metodológico vamos mostrar um panorama dos paradigmas de pesquisa em vigência na atualidade, de acordo com nossa área da Linguística Aplicada. A finalidade é esclarecer e argumentar a escolha dos dois paradigmas que conversam coerentemente com nossos dados e permitem uma interpretação significativa para o contexto de ensino e aprendizagem de línguas mediados pelo computador. Ao optar pelos dois paradigmas de pesquisa que orientam esta tese, definimos o lugar do qual falamos e tratamos as questões aqui discutidas.

É no berço das Ciências Sociais e das Ciências Humanas que a *abordagem qualitativa* se mostra necessária e profícua para a interpretação de fenômenos e espaços complexos que envolvem e constituem o ser humano.

A exposição dos quatro paradigmas de pesquisa é o início do nosso caminho metodológico até a *Teoria Fundamentada nos Dados* (Charmaz, 2009).

Esta teoria sobre modos de fazer pesquisa, de analisar dados se sustenta na identificação, seleção e organização de dados para gerar uma nova teoria, nova relação para a área da pesquisa.

Nesta tese, o que vislumbramos ao ler Charmaz (2009) foi a criação de instrumentos geradores de dados para tornar plausível a atuação de um mediador no teletandem a partir da exposição e possível problematização de estereótipos. Por isso, a análise dos dados recolhidos e selecionados no contexto do teletandem gerou não uma nova teoria, mas parâmetros para a atuação do mediador nas sessões de mediação do teletandem.

Retornando ao como se faz pesquisa, é preciso explicar o que significa paradigma. Segundo Guba e Lincoln (1998), paradigma é “um conjunto de crenças (ou metafísicas) que lida com fundamentos ou princípios primordiais. Um paradigma representa uma visão de mundo que define, para seu detentor, a natureza do ‘mundo’, o lugar do indivíduo nele, e o escopo de possíveis relações para o mundo e

suas partes, como, por exemplo, cosmologias e teologias o fazem”. (p.200 - minha tradução).

Para Kuhn (1961), paradigma é o modelo de ciência. No caso da produção científica, por exemplo, ele existe e persiste durante um tempo, até que passa a ser revisto, reformulado, gerando uma mudança de paradigma. Paradigmas não desaparecem ou se esvaem no tempo. Eles persistem e coexistem com outros (velhos ou novos) com maior ou menor intensidade. Segundo o autor, eles criam “veias varicosas”. Essa mudança de paradigmas será tratada para confirmar de onde partimos para dizer o que fazemos nessa tese.

Guba e Lincoln (1998) classificam e enquadram quatro paradigmas de pesquisa predominantes na atualidade com base em pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos.

Os pressupostos ontológicos estão baseados no que é ser, como definimos e/ou identificamos os elementos do mundo. Já os epistemológicos evidenciam a Teoria do Conhecimento, ou seja, como os elementos do mundo ganham forma e se tornam conhecidos. Os pressupostos metodológicos sustentam os caminhos para a observação de dados.

Os pressupostos ontológicos tratam dos estereótipos, da performatividade e interpelação que atingem o sujeito em sua constituição subjetiva no trânsito cultural e linguístico. Os pressupostos epistemológicos dizem respeito a como posso olhar, conceber e analisar meu objeto de pesquisa, ou seja, é o estudo do que se tem por conhecimento, crenças, suas limitações. Finalmente, os pressupostos metodológicos estão relacionados aos instrumentos e estratégias de observação e análise, para verificar os pressupostos anteriores, de acordo com meu objeto de pesquisa.

Assim, os quatro paradigmas apresentados por Guba e Lincoln (1998) são: o *positivismo*, o *pós-positivismo*, o *construtivismo* e a *teoria crítica*. Passo a explicar abaixo os dois últimos que permeiam metodologicamente a análise dos dados desta tese.

3.2.1 O Construtivismo

Aproveitando a abertura inicial para os contextos sociais, o paradigma construtivista se instalou como método de pesquisa. Este buscava analisar a complexidade do ser humano e da sociedade por meio de dados que não podiam mais ser meramente quantitativos.

A necessidade, confiabilidade e validade dos dados apresentados nas pesquisas com o enfoque social viriam da qualidade dos dados e, para perceber dada qualidade subjetiva, outros métodos entravam em cena.

Ele é o paradigma que faz oposição direta ao Positivismo, uma vez que busca construir um aparato metodológico que vê e constrói a realidade pela vivência do ser humano. Ou seja, o construtivismo evidencia como o ser humano constrói sua realidade a partir de sua participação no mundo, nas esferas sociais.

Por isso, a interpretação dos fenômenos que constituem o indivíduo é central para análise dos dados, já que o Construtivismo analisa a complexidade humana e social tal como faremos na análise dos dados.

3.2.2 Teoria Crítica

O último paradigma se organiza a partir da diversidade social. Ele entende que as dimensões política, econômica e cultural estão contidas no termo social. Essas dimensões são mostradas por dados e teorias atuais capazes de espelhar os problemas da contemporaneidade. Por isso, esse paradigma é chamado de Teoria Crítica.

Esse paradigma tem sua base nos postulados sociais de Marx e, mais recentemente, nos de Max Horkheimer (1937). Este último fragmenta a suposta homogeneidade equivocada da Escola de Frankfurt que, através de seus filósofos, se vinculou a diversas áreas além da filosofia.

A Teoria Crítica critica o empirismo posto nas Ciências Humanas. Ela também explica os fenômenos sociais e propõe novas abordagens metodológicas para a interpretação de tais fenômenos a partir do que se faz ou vivencia. Isso é possível por meio de teorias acerca dos sujeitos e do funcionamento social.

Por isso, de acordo com Charmaz (2009), as bases teóricas da Psicanálise e do Marxismo sustentam a Teoria Crítica. Com esses objetivos, os adeptos dela desejam não reproduzir padrões dominantes da própria ciência, da cultura e dos sujeitos.

O *Quadro 5: Síntese dos paradigmas de pesquisa*, abaixo, evidencia os paradigmas explicitados acima e suas relações com as perspectivas ontológica, epistemológica e metodológica. A partir dessa relação a realidade e o foco de pesquisa ficam evidenciados.

PARADIGMA	ONTOLOGIA	EPISTEMOLOGIA	METODOLOGIA	REALIDADE	FOCO
Positivista	Leis e mecanismos imutáveis para nossa natureza. Realismo	Pesquisador neutro	Intervencionista, a partir de hipótese – experimentação. Questionários estruturados, testes estatísticos	Fixa, estável e conflituosa.	Objetos;
Pós-positivista	Realidade com leis naturais, mas não há como apreender todas elas	Pesquisador neutro	Experimentação com pequena abertura para o social.	Fixa e aberta à percepção crítica.	Objetos + contexto social
Construtivista	Como vemos e compreendemos a realidade	Pesquisador subjetivo, transacional	Interpretativista, Grounded Theory, Etnografia, pesquisa-ação, Estudo de caso.	Contextualizada, dinâmica, interdependente.	Processos, pessoas e eventos
Teoria Crítica	A sociedade categorizada por forças dominantes	Pesquisador subjetivo, transacional	Subjetiva, dialética, análise do discurso, grupo focal,	Mosaíco da sociedade, da política, da economia	Interação pessoal, social

Quadro 5: Síntese dos paradigmas de pesquisa. Fonte: Elaborado pela pesquisadora 05/2018, com base em Telles (1995).

3.2.3 Esta tese e os paradigmas de pesquisa

A presente tese está fundamentada na pesquisa qualitativa, apoiada nos paradigmas construtivistas e da Teoria crítica, segundo Lincoln & Kuba (1998). Isso significa, diretamente, que essa pesquisa é interpretativista, ou seja, produz sentidos a partir da concretude dos dados coletados.

Nossas análises passam pela detecção e produção de sentidos acerca do uso de estereótipos, percebidos pelos processos derridianos de iterabilidade e citacionalidade (conceitos explicitados no Glossário, anexo, como repetir e renovar).

As análises têm como objetivos: a) verificar as características (de acordo com a Psicologia Social e as Ciências Sociais) que compõem os estereótipos na comunicação transcultural do teletandem e b) descrever a atuação de um mediador para problematizar o uso dos estereótipos na mediação.

Usando as categorizações de Lincoln & Guba (1998), esta tese adota o *Construtivismo* e a *Teoria Crítica* como interstício porque, metodologicamente, ambos demarcam o questionamento dos estereótipos no contexto do teletandem para identificar suas características através da formação pessoal e intelectual da pesquisadora.

Do ponto de vista do método, aqui considerado como o conjunto de procedimentos e/ou ações que caracterizam o percurso do estudo, nós, pesquisadora e orientador, por sua vez, selecionamos, geramos e validamos os dados a partir da Teoria Fundamentada nos Dados de Charmaz (2009). Esses procedimentos visaram à construção de explicações acerca do estereótipo como fenômeno discursivo-histórico-cultural.

Epistemologicamente, os paradigmas construtivista e da Teoria crítica vão fomentar a conexão teórica aqui adotada que dialoga com os dados e a ontogênese da pesquisa. A conexão se estabelece entre a Teoria da Performatividade e teorias da Psicologia e Ciências sociais que definem estereótipos. Por meio dela, pudemos conceber a associação da fala, microfone do estereótipo com a cultura interpelativa.

Portanto, de acordo com o *Quadro 5: Síntese dos paradigmas de pesquisa* de Guba e Lincoln (1998) apresentado na página anterior e corroborado pelo estudo de Telles (2005), ontologicamente, esta pesquisa circulará, principalmente, ao redor da *Teoria Crítica*. Faremos algumas incursões em pressupostos construtivistas. Isto porque há enfoques sobre questões culturais deflagradas por meio dos estereótipos no ensino e na aprendizagem de línguas estrangeiras online via teletandem.

Ademais, nesta tese, os dois paradigmas se somam pela ideia máxima de interação que cada um sustenta. Essa mesma interação, por sua vez, é ponto central no contexto online de aprendizagem em teletandem. Nele, o jogo de alteridade constitui os aprendizes parceiros de teletandem. Estes são diferentes na

língua, na nacionalidade e nas subjetividades. Tais diferenças são frutos de fatores sociais, econômicos, culturais, linguísticos e étnicos. São fatores constituintes de sujeitos e que são considerados por esses paradigmas.

Como apontado por Rees em seu artigo “Algumas considerações sobre a pesquisa qualitativa”,

A subjetividade é considerada um fator integral de qualquer pesquisa humana. Ao observar de forma participativa, a dualidade cartesiana de “observador” e “observado” é rompida. O investigador se torna parte do ambiente que está sendo investigado. Como a subjetividade faz parte dos trabalhos qualitativos, é preciso refletir sobre sua representação, ao permitir que as vozes, tanto do pesquisador/observador quanto dos participantes/ observados, sejam ouvidas. Dessa maneira, pode-se afirmar que o pesquisador é impossibilitado de aprisionar a experiência vivida no relatório de pesquisa. Na verdade, ao escrever os textos da pesquisa (anotações de campo, diários, relatórios, artigos, teses), o pesquisador está inserido em um ato de interpretação e de criação. (REES, 2008, p.258)

Até aqui, podemos, então, perguntar: *Qual é o processo a ser estudado nesta tese?*

Pelo exposto acima e nesta seção síntese entre os paradigmas de pesquisa e o objeto desta tese, esquematizamos:

- a) *O processo a ser estudado nesta tese é o processo de estereotipação de caráter nacional;*
- b) *Este processo pode se constituir em um problema educacional, com implicações identitárias e visões sedimentadas, estigmatizantes e, por vezes, discriminatórias da alteridade “materna” e estrangeira;*
- c) *Este processo (estereotipação) é parte integrante das falas dos professores-mediadores de teletandem que participaram desta pesquisa;*
- d) *Tal estereotipação é acompanhada de textos injuntivos e interpelativos;*
- e) *Esses mesmos textos injuntivos e interpelativos constituem o estereótipo como símbolo das línguas que estão sendo aprendidas/usadas pelos interagentes;*

Esses textos injuntivos e interpelativos nos proporcionaram os dados que foram sistematizados no Capítulo 4: Análise dos Dados.

Antes de apresentar e descrever cada instrumento de coleta dos dados, discorreremos acerca da *Teoria Fundamentada nos Dados* de Charmaz (2009) para sustentar a natureza e as razões dos dados coletados, assim como os múltiplos modos pelos quais estamos imbricados na seleção e interpretação dos mesmos.

3.3 A Teoria Fundamentada nos Dados

Para explicar a Teoria Fundamentada nos Dados, tomamos o livro da filósofa Kathy Charmaz, *A construção da Teoria Fundamentada: guia prático para análise qualitativa* (2009), porque ela releu os idealizadores da mesma - Strauss (1987) e Glaser (1978) - e trouxe contribuições plausíveis para os estudos culturais.

Charmaz é professora na Sonoma University, Califórnia, EUA, e publicou o livro na busca por explicar sua leitura da Teoria Fundamentada de Strauss e Glaser e da prática com a análise de dados de sua tese de Doutorado.

A autora destaca que os métodos dessa conduzem, controlam e organizam a coleta de dados gerando uma análise original, porque *é pelos dados que as teorias aparecem para a construção de uma teoria* (Charmaz, 2009:15 – minha ênfase). Ou seja, os dados criam¹⁰ o contexto no qual são produzidos e esse contexto deve ser, também, observado e analisado como objeto de pesquisa.

No campo social e metodológico, a inovação que temos com a Teoria Fundamentada nos Dados é o fato de podermos olhar para o que realmente acontece na sociedade, como lidamos com a alteridade na constituição do sujeito, nossos processos (econômicos, políticos e culturais) que se alargam e se unificam, de certa maneira, com a globalização e com a tecnologia e constituem nossas subjetividades. Esse olhar para a realidade com métodos diversos norteará uma definição teórica fundamentada nos dados para o contexto analisado.

Charmaz (2009) elenca que “estudamos as experiências e os eventos empíricos, seguindo nossas intuições e ideias analíticas potenciais sobre eles”

¹⁰ Usamos o verbo criar seguindo a ideia de que na Teoria da performatividade não existe mundo antes da performance, do dizer. Diferente das teorias essencialistas sobre metodologia e aprendizagem de línguas que trazem um contexto já dado, moldado.

(p.15). O estudo indicado por ela acontece por meio da *codificação dos dados* e de *memorandos*.

Os memorandos são anotações realizadas durante a busca dos dados, o que percebemos como pesquisadores sobre os dados e ideias, qual o tipo de instrumento será conveniente e válido para mostrar e compreender a realidade e processos que se pretende. A codificação, por sua vez, é o procedimento de estabelecer códigos para cada segmento dos textos gerados, sejam eles verbais, em áudio, pictóricos, ou multimídia, classificando-os, para nossa pesquisa.

Neste processo, o melhor termo não é classificar, mas sim tematizar os segmentos para serem comparados como dados e com outros dados.

Charmaz escreve seu livro a partir da obra *Grounded Theory* do livro “The Discovery of Grounded Theory” de Anselm L. Strauss e Barney G. Glaser (1967). Estes sociólogos construíram explicações teórico-metodológicas para certos processos sociais. Sua formação pedia que olhassem para a sociedade/realidade com olhos para além do Positivismo. Por isso, eles têm o vínculo com a pesquisa qualitativa, na qual “a teoria é um retrato interpretativo do mundo estudado, não um quadro fiel dele” (CHARMAZ, 2009, p. 25). Charmaz os lê para propor uma leitura particular sobre a Teoria fundamentada nos Dados como evidenciaremos.

Glaser, professor da Universidade de Colúmbia, contribuiu com o empirismo mais controlado dos dados, por sua formação mais voltada para a análise quantitativa, na época, metodologia com mais adeptos e prestígio. Em 1978, ele escreveu *Theoretical Sensitivity*, elencando o empirismo objetivo como método de descoberta *pelos* dados.

Já Strauss, professor da Universidade de Chicago, verteu mais atenção ao processo social como próprio da existência humana. Sua atenção se deu pela formação filosófica mais pragmática, por isso, sua maior filiação ao *interacionismo simbólico* e a *perspectiva etnográfica* (Charmaz, 2009).

Esta explicação sucinta sobre os dois autores da Teoria Fundamentada esboça a diacronia acerca dos processos metodológicos (pesquisa quantitativa x pesquisa qualitativa) e os caminhos que oportunizaram para muitos pesquisadores.

Essas preocupações para com os dados permitem, nessa tese, entender para aprender a ser um sujeito-professor crítico através de uma pedagogia sustentada

pela realidade e não maquiada, estereotipada, idealizada. Como corremos o risco de criar diante do objeto de pesquisa, a Teoria Fundamentada nos Dados

serve como um modo de aprendizagem sobre os mundos que estudamos e como um método para a elaboração de teorias para compreendê-los. (...) Nós construímos as nossas teorias fundamentadas por meio dos nossos envolvimento e das nossas interações com as pessoas, as perspectivas e as práticas de pesquisa, tanto passados e presentes. (CHARMAZ, 2009, p.25)

Portanto, a Teoria Fundamentada nos Dados é uma metodologia de análise dos dados a partir de uma sistemática de codificação que categoriza os dados em grupos ou segmentos com núcleo comum que serão comparados. Essa sistemática é flexível porque está ancorada na característica do dado e na nossa subjetividade, como pesquisadores, possibilitando a seleção, descarte e ajuste dos dados da realidade pesquisada.

A partir desse esboço explicativo sobre o que é a Teoria Fundamentada nos Dados (Charmaz, 2009) e seu elo teórico-metodológico com esta pesquisa, partimos para a descrição do método de análise de dados, os instrumentos geradores dos dados, dos procedimentos de coleta e análise desses e da exposição dos participantes da pesquisa. Reforçamos que o elo se dá pela aprendizagem de mundos e seus sujeitos.

3.4 Método

Exploramos o contexto do teletandem a partir de um piloto realizado no 1º semestre de 2017 para verificar a *plausibilidade* dos dados. O método de análise para essa tese é *Estudos de Caso* (YIN, 2013; GIVEN, 2008; NOOR, 2008; GERRING, 2007).

Segundo esses teóricos, o Estudo de Caso permite analisar um caso em profundidade, considerando-o dependente do contexto pesquisado. Por isso, o pesquisador é observador e conhecedor do ambiente investigado, no caso, o teletandem e se constitui pesquisador com as descobertas científicas que faz.

Ressaltamos que é possível realizar mais de um estudo de caso, fato que ocorrerá nessa tese.

A finalidade do estudo de caso é descobrir padrões e significados, assim como auxiliar no desenvolvimento das conclusões e na construção de uma teoria (PATTON; APPELBAUM, 2003 apud KOHLBACHER, 2005).

Analisar os dados nessa perspectiva significa buscar padrões nos dados. Uma vez que um padrão é identificado, ele é interpretado nos termos de uma teoria social. O cenário em que o evento ocorreu e que o pesquisador qualitativo se moveu desde a descrição de um evento histórico ou cenário social interfere na interpretação mais geral de seu significado (DIVAN e OLIVEIRA, 2008, p.191).

O uso desse método (Estudo de Caso) também contribui para a validade da Teoria Fundamentada nos Dados, nesta tese.

Os padrões estipulados estão associados à codificação dos dados dessa perspectiva teórico-metodológica. O meio de selecionar e interpretar os dados serão feitos a partir das respostas dos interagentes aos instrumentos de coleta de dados.

Os instrumentos foram intencionalmente diversificados para trazer uma ligação na concepção e uso dos estereótipos. Acreditamos que, por este modo, pudemos perceber as características desses estereótipos nacionais no contexto transcultural de comunicação online.

Em suma, no que tange a questão da validade em pesquisa qualitativa, esta tese está em sintonia com o que o etnógrafo Harry F. Wolcott (1994) diz a respeito deste assunto: "o que procuro é outra coisa, procuro *qualidades que apontam para elementos críticos* e, a partir deles, busco *interligar interpretações plausíveis*, algo que se possa seguir sem a obsessão de encontrar a resposta certa ou definitiva, a versão correta, a Verdade" (WOLCOTT, 1994:366-367 - minhas ênfases, minha tradução).

Abaixo, na seção intitulada "Instrumentos de coleta de dados", explicitamos quais são instrumentos, a finalidade de cada um e como foram compondo parte imprescindível do presente estudo.

3.4.1 Instrumentos da coleta de dados

A pesquisa aconteceu no campus da UNESP de Assis, onde nasceu o projeto *Teletandem Brasil: Línguas estrangeiras para todos* (Telles, 2006) e onde está o grupo de pesquisa do qual participei no Mestrado e do qual ainda faço parte.

O teletandem em Assis acontece no Laboratório junto ao *Centro de Línguas e Desenvolvimento de Professores (CLDP)* com 17 computadores equipados para fins pedagógicos.

Os dados foram gerados por meio de sete instrumentos: a) gravações e transcrições das mediações, b) um questionário sobre definição e uso de estereótipo para os interagentes, c) um questionário a partir da atividade de charges com estereótipo, d) mediação coletiva e e) diário para cada interagente brasileiro relatar sua interação.

Esses instrumentos de geração de dados tiveram a finalidade de perceber as características e os elementos do processo de estereotipação no teletandem. Por isso, inicialmente, verificamos se há uma confusão entre *estereótipo* e *referência*. Em seguida, com insumos teóricos, verificamos se o aporte científico dado ao conceito de estereótipo servia para este espaço de comunicação transcultural online e mostrar, conseqüentemente, suas características.

Trazer cinco tipos de dados de natureza diferente, mas advindos do mesmo contexto de pesquisa é validar a natureza dos mesmos como dados que geram a interpretação da realidade em questão, o contexto de ensino e aprendizagem de línguas mediado pela tecnologia (Telles, 2009).

Abaixo, no *Quadro 6: Instrumentos de coleta de dados*, apresentamos uma síntese das especificações de cada instrumento gerador de dados. O quadro está na próxima página para aparecer na íntegra.

Instrumento gerador de dados	Finalidade	Descrição	Natureza dos dados	Tempo de execução e Fase do estudo
1. Gravações das mediações	Verificar os valores culturais pelos estereótipos enunciados nas interações	Gravação de cada sessão de mediação com o gravador do celular e apresentação de cada interagente antes do seu relato	Oral	Constante 1º semestre/2018

2. Questionário 1: Modos de uso de estereótipos	Constatar a definição que dão a estereótipo e como tratariam situações vistas com estereótipos.	Questionário produzido no Google Forms com 3 questões abertas.	Escrita/online	Da metade para as últimas interações 1º semestre/2018
3. Questionário 2: Estereótipos em charges	A intenção é que os interagentes mostrem qual charge escolheram discutir com o parceiro, como aconteceu a discussão e a noção de estereótipo nesse espaço de aprendizagem de línguas.	Questionário produzido no Google Forms com três questões. A primeira é um relato.	Escrita/online	Na penúltima interação 1º semestre/2018
4. Mediação coletiva	Confrontar a percepção dos parceiros quando enunciaram sobre estereótipos.	Através do aplicativo Zoom, após a interação, colocar todos os interagentes em comunicação síncrona para discutir como os estereótipos foram discutidos nas interações	Oral	Último ou penúltimo dia de interação 1º semestre/2018
5. Diário	Relatar aspectos linguísticos e culturais ao final de cada interação. A escrita do diário é reflexiva e pode indicar faltas e progressos em cada interação	Planilha feita no word com duas colunas, uma para aspectos linguísticos e outra com os culturais, e datas das interações para relato do que foi dito nas interações	Escrita	Após cada interação 1º semestre/2018

Quadro 6: Instrumentos de coleta de dados. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 05/2018.

3.4.2 Procedimentos de coleta

Explicarei os procedimentos de coleta de dados na sequência de como foram coletados. A pretensão é esclarecer o momento das interações e mediações e destacar a seriedade dessa pesquisa via Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unesp de São José do Rio Preto, cujo CAAE é 80763917.6.0000.5466, aprovado em 01 de abril de 2018, após revisão do Termo de Consentimento (ver Anexo).

A submissão ao Comitê aconteceu no início de dezembro de 2018 que pediu uma revisão em março, o que gerou nova submissão em 14 de março. A aprovação veio no início de abril de 2018, interferindo na previsão total da coleta que havia sido prevista desde o início das interações em março.

Por isso, usamos os dados coletados a partir das interações de abril entre uma universidade brasileira e outra estadunidense.

Os dados são do 1º semestre de 2018 com uma universidade estrangeira e a Unesp de Assis. Assim, cada parceria se configura como um Caso, do Estudo de Caso. Explicitaremos melhor os grupos e as parcerias na seção “Participantes”.

Uma vez contextualizado o trâmite burocrático e valorativo de fazer pesquisa com seres humanos, explicitamos cada instrumento.

O primeiro instrumento demarcado no quadro acima é a gravação das mediações com o gravador de voz do celular da pesquisadora. Estas realizadas no próprio laboratório, após cada sessão de teletandem.

Nem todos os interagentes brasileiros conseguiam participar da mediação por motivos particulares, mas sempre justificavam a falta nesse momento. Cada mediação durava cerca de 20 a 40 minutos, foram realizadas em português e transcritas verbatim.

Os interagentes se identificavam antes de relatar e responder duas ou três das questões motivadoras acerca (a) da interação de teletandem e os benefícios que ela pode trazer e (b) acerca do nosso objeto de pesquisa. Normalmente as questões eram: *Como foi a interação de hoje? Houve algum estranhamento em termos linguísticos? E em termos culturais, como discutiram suas culturas?*

Acompanhamos 7 sessões de interação e mediação iniciadas em 06/03 e finalizadas em 24/04 (a última interação era prevista para o dia 01/05, feriado para nós, o que fechou nosso calendário no final de abril). A quantidade de sessões varia por semestre e depende das parcerias confirmadas com o campus de Assis.

Coletamos dados das oito parcerias que se confirmaram entre a universidade dos Estados Unidos com o Brasil. Os alunos das duas universidades (estadunidense e brasileira) participaram da *mediação coletiva em momentos diferentes* e das respostas aos dois questionários (questionário pessoal – Q1 e questionário das charges – Q2) elaborados para a pesquisa.

Todos os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de pesquisa (TCLE), após minha explanação acerca do estudo e da aprovação no Comitê de Ética de forma presencial em Assis, com os interagentes brasileiros e online, via professora, com os que vivem nos Estados Unidos.

O primeiro questionário, chamado de *Questionário Pessoal* ou *Q1*, foi composto por três questões abertas para verificar e deflagrar a atenção dos interagentes para a noção de estereótipos. Antes das perguntas há uma contextualização sobre os estereótipos para que os participantes não respondessem guiados pelo senso comum. A contextualização posta no questionário é a de Lippmann (2008). A primeira questão diz respeito aos modos pelos quais eles discutiriam duas situações estereotipadas trazidas dos dados analisados no Mestrado. A segunda foca no quando os participantes discutiram sobre cultura para revelar se há algum momento de maior recorrência de estereótipos. A terceira e última questão do Q1 pergunta como aconteceu a apresentação de tema cultural para verificar se tocavam e como tocavam no estereótipo.

O questionário na íntegra está no Apêndice 1 – *Questionário pessoal* junto com o outro questionário (Apêndice 3 – *Questionário das charges*) e o *quadro diário* (Apêndice 4).

Ressaltamos que os questionários foram produzidos na Plataforma do Google Forms que gerava o link de acesso a esses instrumentos. Os links foram enviados no e-mail de cada interagente nos dias previstos. Para os interagentes estrangeiros, os links do Google Forms foram enviados para a professora que encaminhou aos alunos.

O terceiro instrumento gerador de dados é o questionário resultante da atividade de discussão de charges. Essa atividade foi disponibilizada para os interagentes brasileiros apresentarem e discutirem com o parceiro. Este questionário foi chamado de *Questionário das charges* ou *Q2*.

Dispor de uma atividade com quatro charges que estampavam nacionalidades teve o objetivo de ver, através de uma construção externa ao espaço do teletandem, quais delas seriam escolhidas para apresentação e discussão na interação. O gênero charge permite a percepção crítica construída pela ironia nas caracterizações nacionais.

Após a discussão da charge, os interagentes responderam o questionário enviado para o e-mail de cada um. Quem estava no laboratório de teletandem respondeu ali mesmo ao terminar a interação. Os que realizaram a interação de casa responderam até uma semana depois.

O quarto instrumento de coleta de dados foi o mais inovador diante das pesquisas já realizadas. Esse instrumento englobava os interagentes brasileiros e estrangeiros, por isso, o adjetivo “coletiva” para o instrumento *Mediação coletiva*. No momento da mediação coletiva, as parcerias já haviam se consolidado, se aproximado, conheceram e cumpriram o cronograma estipulado, podendo comparar e completar opiniões acerca do estereótipo.

A mediação coletiva tinha o objetivo de ser usada com todos os interagentes via Zoom no último dia da interação, mas aconteceu via Zoom, em dois dias, e com a separação dos interagentes de cada país. Isso ocorreu porque tivemos dificuldade em realizar coletivamente, porque o último dia de interação foi usado para a despedida e fechamento do ensino e aprendizagem possíveis no teletandem.

A semana seguinte era feriado aqui no Brasil, mas um bom dia para acontecer a mediação para os estadunidenses. Entretanto, a maioria dos nossos interagentes brasileiros estava voltando de viagem para a cidade da universidade e não conseguiram participar.

Este entrave já estava previsto. Assim, marcamos a sessão de mediação coletiva na segunda, 30/04, mas a mediadora não conseguiu entrar no horário combinado. Conseqüentemente, realizamos as mediações separadas, o que nos faz reformular o adjetivo “coletiva” dado à mediação.

Agora podemos distingui-la como *mediação final*, por trazer uma reflexão de todo o processo de interação com o outro. Cabe dizer que os interagentes estadunidenses não tinham mediação na sequência da interação, como fazemos aqui no Brasil. Os americanos tinham o espaço de aula de língua portuguesa para discutir aprendizagens advindas da interação. Por isso, a limitação mediação final não é muito adequada, já que era a primeira vez que a mediação acontecia nos moldes que realizamos no Brasil.

A mediação começou a partir da contextualização da pesquisa de Doutorado e de perguntas que tratavam da percepção de estereótipo sobre a cultura nacional do parceiro e de sua própria cultura. Mesmo que o interagente não tivesse nascido

nos Estados Unidos, pela imersão, conseguiria discutir a cultura daquele país. Ser de uma nacionalidade e residir fora do país de origem é algo comum para os parceiros estadunidenses.

Antes da realização da mediação final, o professor da universidade estrangeira recolheu as assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após orientação explicativa que dei à professora mediadora, por chamada de vídeo pelo Skype, antes da interação e após aprovação do CEP no início de abril deste ano.

O último instrumento da pesquisa surgiu da observação do início da primeira interação. O teletandem propicia local de reflexão e anotações durante cada interação. Por isso, os interagentes brasileiros foram convidados a relatar, via escrita, os aspectos linguísticos e culturais tratados na interação. Eles puderam preencher o quadro diário de cada interação em casa, no prazo de uma semana, para que o fizessem com responsabilidade e reflexão.

Esse foi um instrumento somente para os interagentes brasileiros que mandavam o quadro diário preenchido semanalmente. No Apêndice 4 – *Quadro diário*, disponibilizamos o quadro diário completo de cada interagente.

O quadro abaixo expõe, cronologicamente, os procedimentos/ execução da pesquisa para aclarar todo o processo de coleta dos instrumentos geradores dos dados analisados nessa tese. Segue na próxima página para não ter quebra de informações que dificultem a leitura.

Data da interação	03/04/18	10/04/18	17/04/18	24/04/18
Ações da pesquisa	Assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido TCLE, após aprovação do Comitê de Ética em 01/04/2018. Como a maioria dos interagentes chegou no horário	Gravação da mediação após a interação com os participantes brasileiros. Envio do Questionário pessoal no e-mail de cada interagente brasileiro.	Atividade de discussão das charges selecionadas e enviadas para os interagentes que fizeram de casa, quem realizou a interação no laboratório tinha a atividade na área	Último dia de interação. Momento de fechamento e ponderações de todo o processo de teletandem com quem estava presente no laboratório. Como vários fizeram de

	da interação, passamos o TCLE após a interação, no tempo da mediação.		de trabalho do computador para compartilhar a tela com o parceiro. Após a interação, os brasileiros responderam ao Questionário das charges.	casa, marcamos dia 08/05/18 para realizar esse fechamento geral.
--	---	--	--	--

Quadro 7: Ações da coleta de dados. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 21/08/18.

3.4.3 Procedimentos de análise

A análise acontecerá por instrumento. Por exemplo, ao analisar a gravação da mediação realizada com os interagentes brasileiros ao fim da interação, discutiremos o que os participantes selecionados disseram sobre a interação, estranhamentos, estereótipos.

Ao passar para outro instrumento gerador de dados, por exemplo, os diários, haverá uma seção só para a análise do que foi relatado no gênero diário pelos participantes da pesquisa. Ou seja, no capítulo de análise faremos seções dos instrumentos para analisar o que foi dito por cada participante diante dos instrumentos usados.

A análise contemplará a conexão teórica enfatizada no capítulo teórico e vislumbrada em sua imagem apresentada na página 42. Portanto, não há só uma teoria suficiente para a análise dos dados. Usaremos as definições de estereótipos dadas pelas áreas das Ciências Sociais e Psicologia Social e os processos interpelativos e de sedimentação relacionados por Butler (1999, 2004) em sua Teoria da Performatividade.

O roteiro de perguntas nos questionários foi para gerar um aprofundamento e reflexão em torno dos estereótipos com características nacionais. Por isso, os pedidos foram: (1) explique a escolha de cada charge, (2) como discutiram os estereótipos delas e (3) como eles aparecem no teletandem. Assim, a proposta era

elucidar exemplos de estereótipos que eles podiam ver e usar no teletandem para fomentar a reflexão sobre culturas e ser uma tarefa indicadora de mediação crítica.

MET

Agruparemos as respostas às perguntas dos questionários com os relatos orais da mediação e escritos do quadro diário para a formação dos códigos propostos pela Teoria Fundamentada nos Dados. Essas respostas, relatos e escritos mostrarão *como* o estereótipo nacional aparece no teletandem e suas características para esse contexto.

Mais especificamente, analisaremos:

1. *como e quando* o interagente traz o estereótipo nacional nas reflexões da mediação e,
2. *como* a mediação/mediador discute a questão e auxilia na desconstrução do estereótipo tido como excludente.

A partir do segundo objetivo, descreveremos minha atuação como mediadora que acompanhou esses participantes a fim de ressaltar parâmetros para a condução de uma mediação crítica, tomando como base a Pedagogia crítica como exposto no capítulo teórico, na p 36.

Deixamos os participantes por último para que essa apresentação fique bem próxima dos dados a serem analisados, para que os nomes fictícios não causem confusões.

3.4.4 Participantes da pesquisa

No geral, os participantes do teletandem realizado no Brasil são alunos, ex-alunos e funcionários da Unesp de Assis, São José do Rio Preto e Araraquara.

Há, também, abertura para a participação desse mesmo público nos campi de Marília e Presidente Prudente, sempre quando temos turmas autônomas ou não fechamos o número de inscritos nas três primeiras cidades. Nos casos da Unesp de Assis e São José do Rio Preto, há um laboratório especificamente voltado para as atividades de teletandem e juntamente com a Unesp de Araraquara, há também, professores de línguas estrangeiras vinculados ao Projeto Teletandem. Nossos participantes ou interagentes se voluntariam para participar das sessões de

teletandem com os objetivos de usar e melhorar a língua-alvo, o que indica a aprendizagem em tandem.

Diferentemente dos brasileiros, os participantes estrangeiros são somente alunos de uma universidade estrangeira e têm a participação no teletandem como parte integrante do curso de Português, ou seja, participam das aulas de língua portuguesa e realizam a interação no período da aula como atividade obrigatória da disciplina.

No caso específico da tese, os participantes brasileiros são todos alunos de cursos diversos¹¹ da Unesp de Assis, voluntários nessa prática telecolaborativa online. Já os estrangeiros são alunos de cursos diversos e matriculados na disciplina de Língua portuguesa, cumprindo as horas de teletandem estipuladas por sua grade curricular.

Por essas características dos participantes, de acordo com Aranha & Cavalari (2014), temos a *modalidade de teletandem semi-integrada*: quando ele é obrigatório para um dos países envolvidos (no caso, os Estados Unidos) e voluntário, sem vínculo com grade curricular, como no caso dos interagentes brasileiros de Assis.

Os participantes brasileiros selecionados têm idades entre 20 a 55 anos. Já os participantes estadunidenses têm idades entre 18 a 23 anos.

Abaixo apresentamos o quadro das parcerias com as características dos mesmos. Ressaltamos, em negrito, quais são as parcerias que comporão os dados.

O critério de escolha das parcerias que serão nossos Estudos de Casos foi a participação, com até uma falta, nas mediações presenciais. Isso porque a mediação que traz o relato oral do que foi dito nas interações é um dado relevante.

O quadro está na próxima página, evitando a leitura fragmentada do mesmo por quebra de página.

¹¹ Os participantes brasileiros são dos cursos de Letras, Psicologia e Engenharia biotecnológica.

Participantes da pesquisa via parcerias

Interagente 	Interagente 
Renata	Cris
Junior	Karen
Julia	Jack
Carmen	Gustavo
Tati	Alex
Lais	Rhys
Roberta	Cormac
Mateus	Ruby

Quadro 8: Participantes do teletandem. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 05/2018.

Neste capítulo, iniciamos com um panorama dos paradigmas de pesquisa para explicar a escolha dos dois últimos para a análise dos dados e respostas às perguntas de pesquisa dessa tese. Também descrevemos os instrumentos de coleta de dados, a forma de analisá-los por meio da conexão teórica estipulada para nossos dados e apresentamos o contexto da pesquisa e os participantes.

No próximo capítulo, apresentaremos os dados e a análise realizada para responder as seguintes perguntas:

1. Quais as características dos estereótipos utilizados no Teletandem?
2. Quais atividades usar na mediação para se problematizar o uso dos estereótipos?

Essas perguntas dialogam com os seguintes objetivos da tese:

1. Verificar as características que compõem os estereótipos nacionais apresentados na comunicação transcultural online;
2. Descrever uma prática de mediação que incentive a reflexão dos participantes e outros mediadores no sentido de não sedimentar estereótipos excludentes nesse contexto.

Capítulo 4: ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo traz a apresentação dos dados escolhidos para a pesquisa e suas respectivas análises. Está estruturado da seguinte maneira: iniciamos com uma introdução relembrando os objetivos dessa tese, seguida da figura/desenho que a tematiza.

Em seguida, elencamos seções para expor e analisar os instrumentos geradores de dados, por isso, teremos cinco seções. Cada seção está intitulada da seguinte forma: “O estereótipo na mediação transcrita”, “O estereótipo no questionário 1” e assim por diante, elencando o estereótipo em cada instrumento e sua análise. Esclareço que estereótipo no título dessas seções está no singular para evidenciar o conceito de estereótipo e não os exemplos deles nos dados. Essa escolha se faz, porque o efeito de estereótipo no teletandem é o nosso foco para essa pesquisa.

Sendo assim, os dados analisados neste capítulo foram gerados a partir do que foi enunciado pela parceria nos cinco instrumentos de coleta.

Saliento que as teorias apresentadas nesta tese não se afastam uma das outras. Pelo contrário, elas se articulam e são apresentadas em espiral. Para essa pesquisa, os dados pontuais sobre estereótipos auxiliarão verificar:

- a) *seus efeitos* a partir da Teoria da Performatividade de Butler, e
- b) *como ter uma mediação crítica a partir dessas características.*

Assim, poderemos sustentar *como o dizer no teletandem é fazer* (Austin, 1990), nas relações transculturais que constituem a subjetividade e a identidade dos sujeitos interagentes.

Os dados serão mostrados por quadros que demonstram quem o enunciou e quando. Na sequência da mostra do dado, realizamos a análise entrelaçando-o às teorias mostradas acima.

A imagem inicial da tese foi o Coliseu de Roma, mas esse desenho estampa via concreto o essencialismo dos estereótipos, das concepções de linguagem, língua, estrangeiro, nacionalidades que pretendemos problematizar. Por isso, a imagem da tese foi alterada para a fita de Moebius por representar a interação transcultural formativa via performances, interpelação, estranhamentos pela relação eu-outro que externa a diferença.

Mostrar essa mudança é mostrar o caminhar da pesquisa e seu efeito para a pesquisadora.

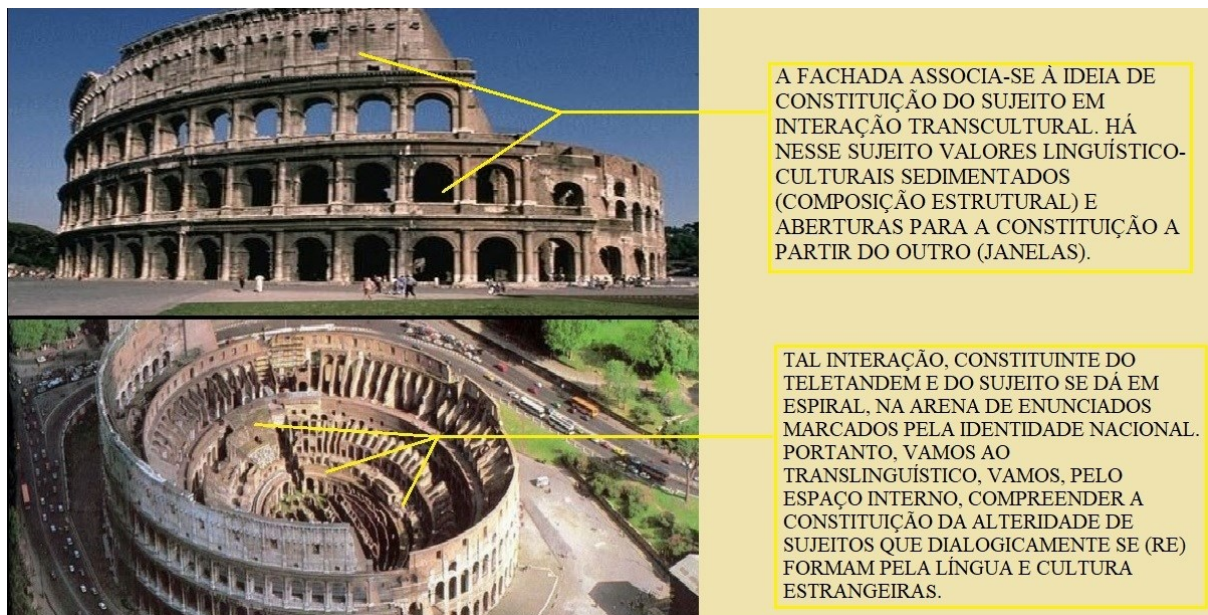


Figura 3: Desenho da tese. Fonte:

https://www.google.com/search?q=fita+de+moebius&sxsrf=ACYBGNSsuFizCY1ha7UOX0WQHxpt2i25tw:1580752987219&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKewjEjZ_i-7XnAhXxAtQKHZuTA4UQ_AUoAXoECBAQAw&biw=1350&bih=604#imgrc=D3OfXNFgVZOV0M.

Elaborado pela pesquisadora em 01/2020.

Segue a analogia feita para a visualização desta tese.

A figura do outro na interação do teletandem, formando o par de interagentes (participantes do teletandem), pressupõe a relação binária: um para o outro. Tal relação se edifica com discursos também binários, dicotômicos, e transcultural marcados por diferença (Woodward, 2000), principalmente a nacional, pelo fato do teletandem ser um contato transcultural online (Telles, 2015, Kramsch & Uryo,

2014). Esta marcação pela diferença é intensificada na interação em teletandem pelo fato de o par de aprendizes trazerem suas respectivas línguas como elementos identificadores de suas respectivas nações.

Esta marcação da diferença da/pela identidade nacional é a base para o empoderamento do dizer e do ser. O aluno, aprendiz da língua estrangeira, participa da interação do teletandem e assim o faz como representante da identidade nacional a qual pertence. Como tal, este aluno enuncia (e, ao mesmo tempo, ajuda a construir) aquilo que é valorado como cultura do seu país.

A cultura de seu país está representada pelas sólidas paredes do coliseu. É essa construção concreta que torna o Coliseu um símbolo cultural. Ao mesmo tempo que por ser cultural é aberto à visitação, entradas de outras culturas/pessoas através de suas portas. Nessas aberturas, o que é do outro pode ficar impregnado, absorvido, antropofagicamente, no receptor coliseu/interagente.

Seu formato ovalado indica o movimento comunicativo do par que, inicialmente, está em regiões opostas e conversarão sobre a cultura-concreto de suas nacionalidades.

A fita de Moebius que representa a imagem da tese evidencia o que veremos nos dados: a tensão continuidade-ruptura, sedimentação-mudança constitutivas da performatividade sem saber onde começa ou termina. Mesmo que os interagentes não saibam explicar se usam estereótipos, sua definição para isso, utilizam a interação como espaço de mostrar suas performances mostrando e também subvertendo o estereótipo. É isso que permite e justifica o uso da Teoria da Performatividade para essa tese e para o campo de ensino e aprendizagem de línguas.

A partir dessa analogia visual, iniciamos a exposição dos dados com sua respectiva análise.

4.1 Estereótipos nas mediações transcritas

Na interação de hoje a gente conversou bastante sobre coisas culturais, então, a gente falou muito sobre estereótipos que os americanos têm dos brasileiros. Ele falou muito é () a relação de eles compararem e acharem que no Brasil tem só, como ele falou,

Cristo Redentor, pessoas com (risos) frutas na cabeça tipo Carmen Miranda e muitos papagaios por causa do filme Rio e então ele falou muito que as pessoas acabam achando que o Brasil é só isso e só o Rio. Então eu dei muita risada, porque foi muito engraçado a gente falando disso.

Fonte: Med.- 10/17

Começo essa primeira seção apresentando um excerto dito na mediação piloto entre interagentes brasileiros e a mediadora também brasileira. Iniciar com esse excerto aproxima o leitor do que nossos ouvidos nacionais e científicos se atentaram e nossos olhos de pesquisadores leram e se inquietaram para chegar nos objetivos e objeto de pesquisa.

Neste excerto do piloto, Maria, a interagente brasileira, relata explicitamente o termo estereótipo. Ela diz que o parceiro exemplificou, a partir de suas ideias sobre o Brasil, o que temos aqui – Cristo Redentor, pessoas com frutas na cabeça e muitos papagaios.

O fato de exemplificar os estereótipos não significa que o interagente estrangeiro usa esses exemplos e/ou ideias para falar sobre o Brasil. Como essa interação deu-se após a exposição dos objetivos dessa tese, o parceiro pode ter enunciado símbolos brasileiros para conseguir interagir com a parceira.

De qualquer forma, esse excerto inquieta a discutir o que vemos na relação de aprendizagem telecolaborativa: ideias generalizantes e questionáveis acerca da cultura dos países em interação que aparecem por um processo metonímico – como se todos os brasileiros usassem frutas na cabeça à Carmem Miranda e tivéssemos muitos papagaios por toda a extensão geográfica brasileira. Exotismo da Carmen – Brasil década de 30 a 50

Portanto, cabe entender como o estereótipo é usado e quando diante do contato transcultural, já que as culturas nacionais também, personificadamente, interagem.

Através dessa análise teremos as características dos estereótipos no espaço do teletandem como consequências performativas de formações ideológicas distintas em interação, negociação, comunicação.

Demarcando essas características, poderemos realizar mediações mais contundentes com seu objetivo: ser um momento de problematizar, pedagógica e

criticamente, o que vem do outro, além de ser um momento de suporte técnico, linguístico e cultural para o interagente.

Antes de seguirmos analisando os dados e elaborando parâmetros para uma mediação crítica, precisamos ressaltar que a Teoria da Performatividade não tem qualquer interesse em definir ou classificar os processos vistos na linguagem como próprios de categorização. Isso é o que se faz convencionalmente, diante de um novo objeto de pesquisa.

Nesta tese, queremos associar essa teoria ao espaço do teletandem e considerar os processos constitutivos de sujeitos através da fala. Assim o fazemos *contextualizando, interpretando, contestando* ideias/termos que estereotipam as culturas pelo viés da identidade nacional. Portanto, estudar esses processos não significa categorizá-los. Queremos compreendê-los dentro do espaço no qual são ditos. Queremos colocar sob o exame atento e minucioso os efeitos deste “dizer” na constituição plural do sujeito no momento da mediação.

Toda referência ao dizer e/ou enunciar, para essa tese, ancora-se na teoria da performatividade, são atos performativos que instalam o ser humano no seu lugar de sujeito, possível (não passível, porque não só receberá formações, mas lidará/lutará com elas para sua formação ideológica) de constituir-se pelo e com o outro.

Essa perspectiva não fechada (anti-categorizante) da teoria da performatividade acontece porque Butler (1990) discute *dialeticamente* as categorias que descrevem e constituem o sujeito.

De acordo com Sara Salih, “[Butler discute] porque o sujeito é configurado do modo como é, e sugere que é possível fazer com que modos alternativos de descrição estejam disponíveis dentro das estruturas existentes de poder” (Salih, 2015: 13).

No caso do excerto da mediação posto acima, o interagente estadunidense descreve os brasileiros a partir de referências artísticas (Cristo Redentor e a cantora Carmen Miranda) e fílmica (o filme de animação *Rio*). Esta, por exemplo, evidencia nossa fauna diversificada a partir da personagem protagonista - o papagaio, símbolo da fauna brasileira pela quantidade de papagaios que temos, por ser uma ave tipicamente de nossa região e por suas cores dialogarem diretamente com as cores de nossa bandeira. Ou seja, há uma identificação entre objetos (o brasileiro e o

Cristo, o brasileiro e Carmen Miranda, o brasileiro e o papagaio) que pressupõe, *na e pela* fala, a identidade do brasileiro, mesmo que seja incompleta, metonímica, generalizante e, conseqüentemente, do senso comum. Era Vargas para o turismo 1930-50.

Podemos perceber, na continuação do relato da interagente, que ela deu muita risada e achou estranho, configurando uma forma de poder imbricada na relação de contato da interação do teletandem. Ela sabe que não é produtivo para sua parceria ou para sua troca e objetivo de ter alguém para falar em língua estrangeira ficar brava, descontente com o parceiro porque a identidade nacional que ele mostra a ela não significa, efetivamente, o que ela vê e concebe como sua identidade nacional. Por isso, a expressão “dei muita risada” evidencia, no momento da mediação, sua interpelação como interagente. Evidencia, também, seu cuidado regado de poder com o parceiro e como brasileira falando diante de brasileiros na mediação.

Outra transcrição de mediação (não mais do estudo piloto) evidencia o uso de estereótipos sem que o participante brasileiro do teletandem nomeasse isso.

Tati: (...)Ele falou que vai ter, eu não sei bem o que seria ... vai ter tipo uma apresentação musical e alguns poemas pra Marielle em homenagem a ela.

Med.: Lá?

*Tati: é, lá na universidade. Aí ele tava falando que ele vai hoje. Ai tava falando do caso comigo, que ficou bem chocado. Aí eu falei que **isso era meio que normal, que acontecia muito aqui**, que tinha muita violência contra a mulher, e não só contra a mulher, **tinha muita morte o tempo todo** e que pra gente ta sendo uma coisa tão comum e que ninguém não faz nada, sabe?! Aí ele falou que lá também, “é não é só aí, parece que não, mas aqui também tem muito”. Aí, a gente falou dessa questão da justiça e tudo mais e ... aí ele falou dessa questão da Marielle que me chamou bastante atenção e eu falei “**Nossa, chegou aí!**”*

Med.: E você estranhou alguma coisa que ele disse além da Marielle?

Tati: Além da Marielle, não.

Med.: Quando ele falou que lá também tem violência, você estranhou ou não, já era algo que você imaginava?

Tati: Então, quando ele falou que lá também tem muita eu falei ah porque a gente fala da justiça que funciona muito bem e que aqui não funciona tanto, assim, o que a gente vê não funciona tanto. Aí ele falou: mas aqui também não. Aí eu falei ah mas aí parece que

*funciona, de fora parece que funciona. Aí ele falou mas não funciona não. Aí a gente falou a gente falou de trabalho, se eu quero trabalhar aqui no Brasil ou em outro lugar, tipo em outro país. Aí eu falei que tinha vontade de ir para fora pra outros países e tal e ele falou: é eu quero sair daqui. Aí eu falei **nossa, vc quer sair daí?!** E ele falou: é porque aqui não tem muito emprego. E ele quer trabalhar com pessoas em situações socioenômicas é ... mais Med.: baixa, desfavorável*

Tati: é, baixa. Ele quer trabalhar com o vírus da Zika, com mulheres grávidas e acho que aqui no Brasil tem. Aí ele falou que pretende vir pra cá e eu falei: pelo menos aí nos Estados Unidos ganha mais. Aí ele falou: ganhar ganha, mas ... e eu disse: então, deve ser melhor trabalhar aí. Ele falou: é, ganhar ganha, mas... aí ele começou a explicar que lá realmente ganha bem, mas eu acho que é uma coisa mais emocional, sabe? Não sei se ele quer ter contato, sabe uma questão assim, achei interessante. Aí cultural foi isso, que a gente falou do salário que eu disse que lá deve ser mais gordo que aqui, bem mais valorizado.

Fonte: Med. – 10/04/2018

O excerto exposto acima da interagente brasileira Tati é de sua fala na mediação, quando contava e refletia sobre a sessão de teletandem que havia tido. Ou seja, ela já não estava mais diante do parceiro e sim de brasileiros que a ouviam atentamente, após um acontecimento polêmico de violência contra uma ativista mulher, política eleita, representante do povo, socióloga, gay e negra.

Diante do tema, Tati deu a seu parceiro uma ideia sobre o que ela vê do Brasil: **isso era meio que normal, que acontecia muito aqui, que tinha muita violência contra a mulher.** Finaliza essa frase elencando que no Brasil também há muitas mortes o tempo todo. Tal assertiva não gera estranhamento e susto no parceiro, mas sim uma sensação de igualdade, quando ele confirma que lá, nos Estados Unidos – Luisiana, também é assim.

Na confrontação de um acontecimento social pontual, a morte de Marielle Franco (vereadora do PSOL), os interagentes expõem estereótipos que se aproximam: os dois países são violentos.

Cabe lembrar que estereótipo é usado aqui como o padrão corrente, a característica pré-concebida (Lippmann, 2008) que pode externar preconceito ou não. Nesse caso, essa violência bastante disseminada na mídia indica e pode reforçar a culpa do Brasil ao carregar esse aspecto como seu. Por isso, a interagente brasileira reitera, via iterabilidade, o aspecto de violência brasileira e usa

a interjeição “nossa” como caracterizadora de estranhamento e possível quebra do estereótipo dos Estados Unidos não violento.

A iterabilidade do aspecto cultural da violência e violência contra a mulher para esses interagentes indica a ideologia da brasileira frente ao parceiro estrangeiro – nossa violência normal x a violência não normal deles.

O estereótipo de que nos Estados Unidos não há tanta violência como aqui, para a interagente brasileira, a faz interpelar o parceiro diante desse aspecto e nós (pesquisadora – mediadora e os outros interagentes) a confirmar ou refutar seu estereótipo. Ele se iguala a esse aspecto e ela relata:

*aí ele falou dessa questão da Marielle que me chamou bastante atenção e eu falei “**Nossa, chegou aí!**”*

Med.: E você estranhou alguma coisa que ele disse além da Marielle?

*Tati: **Além da Marielle, não.***

Uma vez que essa ideia/imagem de Estados Unidos não violento é enunciada pelo parceiro estrangeiro, há uma não repetição do ideal. Não repetir o presumível e idealizado hegemonicamente é poder colocar sob escrutínio e/ou reconstruir a visão que se tem sobre o país e considerar seu contexto atual. É isso que Silva (2013) diz que Butler salienta dizendo que “A repetição pode ser interrompida. A repetição pode ser questionada e contestada. É nessa interrupção que residem as possibilidades de instauração de identidades que não representem simplesmente a reprodução das relações de poder existentes”. (p. 95)

Na sequência, a fim de expandir o estranhamento, a mediadora pergunta se ela já imaginava essa violência lá (EUA). Tati explica que pressupunha um país não violento porque a justiça “funciona bem”, ou seja, no comparativo Brasil e Estados Unidos, o primeiro é violento como consequência da falta de justiça e o segundo não, porque tem uma boa e eficaz justiça. A frase ímpar e deflagradora da noção de estereótipo vista aqui é “de fora parece que funciona”, evidenciando o *parece* como aquilo que é representado, quase verdade a respeito da imagem do país que leva a uma característica social e cultural. O “parece” também dimensiona o que estamos elencando aqui como estereótipo ser um signo transcultural.

O relato de Tati traz mais uma quebra de imagem através da interjeição “nossa”. Por meio da mistura de discurso indireto e direto, Tati relata que na

interação eles falaram sobre trabalho e ela se espantou quando ele disse que quer sair de lá porque não tem muito emprego, imagem mais repetida e tida para nós brasileiros. O parceiro americano explica que quer trabalhar com pessoas em situações socioeconômicas mais baixas e Tati confirma que aqui tem, indicando a parcela grande da população brasileira enquadrada no “situação socioeconômica mais baixa”. Para ele, esse público é uma opção de observação, para o brasileiro dessa parcela isso não é uma vivência interessante.

Antes de adentrar nesse contexto do salário, Tati relata que o parceiro deseja trabalhar aqui porque temos Zika¹² e grávidas, ou seja, elementos deflagradores da situação socioeconômica baixa diante do que comparavam. A fala “*Ele quer trabalhar com o vírus da Zika, com mulheres grávidas e acho que aqui no Brasil tem*” evidencia sua formação ideológica diante do parceiro.

Após a interação, ela está interpelada a dizer isso para nós brasileiros e explica que a escolha do parceiro por pessoas contaminadas com o vírus zika e grávidas é uma questão emocional, maior que o desejo de ganhar bem, ter um “salário gordo”. No seu dizer performativo, deixa entrever pelo questionamento para com o parceiro que não faria o mesmo por escolha, tampouco sairia dos Estados Unidos, exaltando esse país. Há no posicionamento do parceiro de Tati uma tentativa de subversão do estereótipo quando ressalta que deseja ficar no Brasil “da doença e dos problemas” para vê-los e cuidá-los como um possível “herói” da região protegida indo para a região de risco. Mas para a brasileira que tem esse cenário sedimentado pela mídia (ela não vive nesse espaço), não é chamativo esse desejo, é fantasioso como a própria construção de estereótipos por imagens por vezes idealizadas.

Tati vai mostrando ao parceiro características do Brasil em forma de imagens com valores que podem chegar a ele de forma positiva, pois o Brasil tem o que o parceiro deseja: Zika vírus, pobreza, além dele não se assustar com a violência contra a mulher e a qualquer indivíduo ressaltada por Tati, quando disse que há muitas mortes e nada se faz aqui. Alex, seu parceiro, deixa em igualdade a violência

¹² As mulheres contaminadas tiveram filhos com deformidade cerebral grave, ou anencefálicos, não puderam abortar e, depois, tiveram que abdicar da vida social e profissional para cuidar e sustentar os filhos que foram obrigadas a gestar. Isso gerou uma verdadeira crise na saúde pública brasileira, evidenciando a proliferação dessa doença em comunidades menos favorecidas pelo acúmulo de água parada e falta de atenção à saúde básica.

evidenciando que a fala de Tati com valoração negativa para esses tópicos não o tocou da mesma maneira. Ele, ideologicamente, deseja viver todo esse Brasil exposto por Tati, o que a desestrutura, podendo gerar pelo estranhamento quebras ou sedimentações.

O trecho abaixo aparece para demarcar, explicitamente, o contraste entre Brasil e Estados Unidos.

Tati: Aí ele falou que pretende vir pra cá e eu falei: pelo menos aí nos Estados Unidos ganha mais. Aí ele falou: ganhar ganha, mas ... e eu disse: então, deve ser melhor trabalhar aí. Ele falou: é, ganhar ganha, mas... aí ele começou a explicar que lá realmente ganha bem, mas eu acho que é uma coisa mais emocional, sabe?

Fonte: Med. – 10/04/2018

Na comparação nacional (ou marcação das diferenças entre os dois países), o aqui e aí evidenciam estereótipos para se compararem, para poder realizar a interação de teletandem. Inicialmente, porque esse uso pode sofrer quebras de perspectiva e conceito e gerar não uma dicotomia, mas sim uma similaridade de características que evita a polarização e reforço do polo mais hegemônico e/ou cultura, política e economicamente melhor aceitos.

O próximo excerto é a transcrição de Laís na mediação do dia 10/04/18.

Laís: ele perguntou se aqui tem Walmart. Ele disse que lá eles compram muito, geralmente, em Walmart ou em free shopping, em brechós porque é barato. Aí começamos a falar das diferenças do Walmart daqui, do Walmart de lá, dos brechós daqui que eu falei que geralmente são em casa e as pessoas abrem na própria garagem e lá não, são lojas grandes.

[...]

Laís: a gente começou a falar de outras línguas, que interessante pq aí vc vê o mundo de outra forma quando vc aprende outra língua.

Med.: e como vc acha que vc vê o mundo de outra forma?

Laís: eu acho que tanto assim na questão do nosso meio social como a gente começa a fazer, estabelecer relações com aquilo que a gente viu, tanto na linguagem, assim vc começa a fazer, estabelecer relações e sabe de onde isso veio quanto das nossas [] da cultura também, pq, as vezes, a gente é [] apropria a cultura do outro sem perceber, né!. Então quando a gente aprende outra língua, a gente começa a fazer essas identificações.

Eu falei pra ele assim que eu gosto de aprender outra língua porque a gente aprende mais sobre si mesmo. É por exemplo, sons que vc não sabia que podia fazer com a boca, vc descobre músculos novos na sua face, na sua garganta. É, aí ele perguntou quais línguas eu gostaria de aprender e eu disse todas (risos). Falei brincando.

O relato oral de Laís na mediação presencial abarca o *Walmart* como espaço de confrontação da diferença para marcar o estereótipo de que, lá, os estabelecimentos com fins de venda são grandes e os daqui não, como os brechós em garagens. É relevante a fala-chave de Laís que representa o contexto de aprendizagem do teletandem e o diálogo que estabelecemos com as teorias sobre ideologia e interpelação - quando aprender com o outro é aprender mais de si - e a Teoria da Performatividade no tocante ao que se diz como efeito de um dizer que gera (auto)conhecimento.

Em torno disso, Pennycook (2007) ressalta que não somos como somos por conta de um eu interior em contato com o outro, somos devido ao que fazemos, nossas práticas performativas e, nesse caso, somos pela alteridade da interação transcultural que se observa através da antropofagia proposta por Rolnik (2000), a qual costuraremos no último capítulo desta tese intitulado Antropofagia do dizer - resultados.

O próximo e último relato na mediação que aconteceu presencialmente no laboratório de teletandem após a interação. Não tivemos o relato da mediação transcrita de Julia e Renata porque Renata precisou fazer a interação de casa nesse dia (10/04/18) e Julia não pode fazer a interação nessa data, remarcou com o parceiro.

Para sintetizar esta seção, retomamos os objetivos dessa tese que são: verificar as características dos estereótipos e destacamos que os dados advindos da mediação transcrita entre interagentes brasileiros e mediadora brasileira apresentaram:

- a) uso de estereótipos alegóricos sobre o Brasil e a apresentação de situações mais desfavoráveis ao Brasil,
- b) humor e elo para não deixar a interação falha;
- c) a noção de brasilidade veio figurativizada e comparada com elementos nacionais artísticos.

Acreditamos que, no contato com o estrangeiro desconhecido, temos uma imagem que é nacional para nosso contexto de telecolaboração. Vemos nele o que se diz sobre o país dele ou onde vive agora. Muitas vezes, essa imagem é construída pelos professores de língua estrangeira, por familiares que foram ao país de contato, por filmes, por livros. Assim, desconhecemos o outro-parceiro. Porém, colamos nele nossas noções identificatórias de nacionalidade que traz elementos culturais obtidos pelos meios citados acima. Como o conhecimento é superficial, tangenciamos no uso de estereótipos para que esse contato aconteça, para que haja aproximação via interpelação. Essa interpelação pode ser criada tanto pelas atividades do teletandem (interação e mediação) quanto pela necessidade de se aprofundar na língua através de objetivos que levam o sujeito a ser interagente.

4.2 Estereótipos no questionário pessoal (Q1)

Nesta seção traremos as respostas dadas ao questionário pessoal. Ele foi assim denominado porque cada interagente do Brasil e da universidade estrangeira pode respondê-lo após a interação, no caso dos brasileiros, e durante a aula seguinte à interação, no caso dos estadunidenses. A denominação foi dada pela pesquisadora-mediadora.

A aplicação desse questionário aconteceu no dia 10 de abril de 2018 para os interagentes brasileiros e no dia 01 de maio de 2018 para os estadunidenses.

O questionário foi composto por três questões. Apresentaremos as respostas a cada uma delas com três quadros para demarcar a questão e gerar análise a partir da pergunta. O questionário, na íntegra, está no Apêndice 1 – Questionário pessoal.

A primeira sequência de quadros mostra respostas à questão 1 do questionário que buscou ver como cada um dos interagentes trataria os estereótipos apontados na questão. O quadro completo segue na próxima página.

Pergunta 1:	Como você discutiria com seu parceiro falas como as exemplificadas abaixo: a) “Nós não somos tão pontuais como os ingleses”. b) “Então todo mundo vai ao shopping pra passear, né, tomar sorvete e depois compram, né? Já nos Estados Unidos, as pessoas vão, compram e voltam. Aqui (Brasil) as pessoas são mais Free”.
--------------------	---

Interagentes brasileiros	Respostas	Interagentes estadunidenses	Respostas
Renata	<p>a) explicaria que os brasileiros toleram atrasos mais facilmente, tanto pelo fato de o trânsito/transporte ser desorganizado quanto pelo brasileiro ser mais flexível. b) diria que os shoppings no Brasil são lugares para também se passar o tempo, têm outros entretenimentos. (12/04)</p> <p>a) explicaria que no Brasil não há problemas em se atrasar devido a vários fatores, como problemas no trânsito e no transporte público e por isso no Brasil atrasos são toleráveis. b) explicaria que no Brasil o shopping é um lugar de entretenimento e lazer, não só para compras mas também para comer, ir ao cinema e outras atrações.</p>	Cris	<p>E verdade que os ingleses são mais pontuais, e não é chocante que os brasileiros sejam diferentes porque estão conhecidos como pessoas que não tem stress e também em França não somos pontuais e pensamos que os ingleses são pontuais. Sobre o shopping, penso também que é verdade porque os ingleses organizam mais o seu tempo livre, não são tão free.</p>

Quadro 9: respostas da questão 1 do 1º par. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 26/08/2018.

Renata e Cris, de modo geral, confirmam os estereótipos elencados na questão. Para Renata, no Brasil, não há problemas em se atrasar, ou os brasileiros toleram os atrasos porque há uma causa - o trânsito e o transporte público serem desorganizados. Na relação de causa e consequência, Renata generaliza os brasileiros marcando a necessidade de ser a representante nacional e efetivar uma característica, mesmo que isso não seja feito e confirmado por todos ou pela maioria dos brasileiros.

Renata não confirma, via citacionalidade, o estereótipo recorrente de que os brasileiros são atrasados. Ela usa o verbo tolera (os brasileiros toleram atrasos) e o adjetivo “flexíveis” para marcar positivamente seu povo e a si mesma porque está tratando de um problema social que é o transporte público – sua falta e acesso.

Cris traz a confirmação do estereótipo dos ingleses como pontuais. Também, reforça o estereótipo, ou seja, sua imagem/ideia sobre o brasileiro ser mais conhecido por não ter stress (referência ao termo free da questão). Cris é francesa e mora nos Estados Unidos para estudar. Por isso, também realiza uma tríade

comparativa, ao dizer que os franceses também não são pontuais e esses veem os ingleses como pontuais.

Possivelmente, a iterabilidade diante desse estereótipo (pontualidade inglesa) sedimentará a ideologia desse país de seguir os horários como um cumprimento de regras e padrões sociais.

Pergunta 1:	Como você discutiria com seu parceiro falas como as exemplificadas abaixo: a) “Nós não somos tão pontuais como os ingleses”. b) “Então todo mundo vai ao shopping pra passear, né, tomar sorvete e depois compram, né? Já nos Estados Unidos, as pessoas vão, compram e voltam. Aqui (Brasil) as pessoas são mais Free”.		
Interagentes brasileiros	Respostas	Interagentes estadunidenses	Respostas
Tati	<p>a) creio que falaria dos atrasos comuns entre os brasileiros, eu particularmente não gosto de atrasos, porém não acho anormal atrasar até 10 minutos, estou acostumada, agora atrasar 30 minutos ou mais isso no meu ponto de vista é falta de respeito, então creio que falaria a minha opinião pessoal e falaria sobre como isso ocorre frequentemente no Brasil, e também pediria para ele explicar como funciona essa questão no país dele.</p> <p>b) Sobre esses passeios no shopping exemplificaria pra ele como as pessoas se comportam em shoppings no Brasil, o que eu costumo fazer, onde gosto de ir, que geralmente vou só pra passear e dar uma “olhadinha” e provavelmente entraria na questão do consumismo, pois nos EUA é muito forte, as pessoas consomem o tempo todo, parece ser imposto essa exposição ao consumismo.</p>	Alex	Eu dária que Eu não pontal também e Siempre vou nas vários tendas para e caminhar e mirar ao ropa etc. Eu dária que Estes não São certeza.

Quadro 10: respostas da questão 1 do 2º par. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 26/08/2018.

As respostas de Tati e Alex, seu parceiro, confirmam o que Tati relatou na mediação do dia 10/04/18. Ela confirma a frequência da não pontualidade brasileira

em comparação com os ingleses. Por sua vez, Alex rompe com a imagem padrão (estereótipo) ao dizer que não é pontual e passeia no shopping, vai às lojas (tendas) e olha (mira) as roupas. Há no final de sua escrita-resposta uma consideração acerca do estereótipo: *Eu diria que Estes não são certeza*, trazendo uma noção importante para esse elemento recorrente na comunicação transcultural online, embora pareça que pode acontecer o mesmo na comunicação transcultural face a face.

Alex, novamente, não usa de iterabilidade para sedimentar os estereótipos apontados na questão 1 do questionário. Ele rompe com essa caracterização e diz que esses estereótipos não são certezas como verdades generalizantes. Sua tentativa é singularizar sua subjetividade e identidade além de sua nacionalidade.

Ao responder a segunda proposição, Tati mostra outro estereótipo, os americanos consumistas, reforçado pela expressão “as pessoas consomem o tempo todo, parece ser imposto essa exposição ao consumismo”. Perceber o estereótipo do americano consumista como uma imposição é tocar nas definições de estereótipo como a dada por Baccega (1998) na qual o estereótipo é uma refração da realidade com valoração, subjetividade de quem o diz. Tati acredita que o consumismo é imposto porque é, para ela, muito abrangente como prática social. É na constante prática na sociedade que a imagem – estereótipo dos americanos se sedimenta para Tati que olha de fora essa prática, por isso, a proposta de uma reflexão/refração com desvios proposta por Baccega (1998).

O uso desse estereótipo, americano consumista, encontra sentido na ação repetida por muitos de comprar, consumir e no juízo de valor que é dado a isso. Mazzara (1999) reforça o estereótipo para o mantimento e manutenção do pertencimento ao grupo social e cultural, uma vez que o sujeito desse grupo age conforme as práticas sociais sedimentadas desse espaço-nação (nação para nosso contexto de comunicação intercultural). Sua ação baseada nos estereótipos culturais-nacionais garante sua posição de sujeito e conseqüentemente sua voz social como fez Tati ao responder o questionário.

Por isso, entendemos e validamos a escolha do termo-chave dessa tese, estereótipos culturais-nacionais, já que ao manter uma cultura, primeiro a identifica como essa e não aquela cultura dentro de uma grade regulatória de costumes, cores, culinária distintivos de determinada nação e não outra. Assim, quando um

grupo de brasileiros é tachado de consumista, logo se faz a relação com os americanos que, primeiramente, evidenciaram esse costume, caracterizando-o como seu para manter essa cultura americana, como salientou Baccega (1998).

Pergunta 1:	Como você discutiria com seu parceiro falas como as exemplificadas abaixo: a) “Nós não somos tão pontuais como os ingleses”. b) “Então todo mundo vai ao shopping pra passear, né, tomar sorvete e depois compram, né? Já nos Estados Unidos, as pessoas vão, compram e voltam. Aqui (Brasil) as pessoas são mais Free”.		
Interagentes brasileiros	Respostas	Interagentes estadunidenses	Respostas
Julia	Eu falaria isso abordando aspectos do meu cotidiano e perguntando também como meu parceiro se comporta perante essas situações.	Rick	Nós falamos sobre estereótipo de que todos os americanos são gordos e que todos os americanos adoram fast food e shoppings. Eu achei engraçado porque acho que até certo ponto é verdade, mas não completamente.

Quadro 11: respostas da questão 1 do 3º par. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 26/08/2018.

Julia, a interagente brasileira, responde a essas situações a partir de sua vivência e singularidade, não toma o Brasil como seu porta-voz. Por isso, “meu cotidiano” e “meu parceiro” são expressões opostas a aqui e lá, identificadoras dos países em comparação. São, também, expressões que revelam o movimento de contraste de culturas e línguas (explicitação das diferenças) que é inerente à relação tandem e, na interação, posicionam as identidades (eu sou brasileiro porque não sou americano nesta relação tandem).

Já seu parceiro Rick, enuncia o termo estereótipo para explicar o uso dos shoppings para comer fast food e, conseqüentemente, engordar. Por isso, a expressão “falamos sobre estereótipo de que todo americano é gordo e adoram fast food e shopping”. No final de sua resposta, Rick também balanceia o efeito de verdade circunscrito ao estereótipo, o que para nós, nessa pesquisa, significa pensar sua recorrência e efeito diante do outro na comunicação transcultural.

O próximo quadro contempla as respostas de Laís para a primeira pergunta do questionário 1.

Pergunta 1:	Como você discutiria com seu parceiro falas como as exemplificadas abaixo: a) “Nós não somos tão pontuais como os ingleses”. b) “Então todo mundo vai ao shopping pra passear, né, tomar sorvete e depois compram, né? Já nos Estados Unidos, as pessoas vão, compram e voltam. Aqui (Brasil) as pessoas são mais Free”.		
Interagentes brasileiros	Respostas	Interagentes estadunidenses	Respostas
Laís	Pensando que ambas as falas estão associadas a questões de informalidade, diria que, realmente, não podemos contar com algumas coisas, como pontualidade, enquanto características culturais nossas. Mesmo que, em muitos aspectos, nós tenhamos cedido aos rituais globalizados – onde cada coisa, cada lugar, tem apenas uma função -, é muito comum quando vamos fazer alguma tarefa nos demorarmos fazendo outras coisas além das programadas (Por exemplo, as palestras da faculdade, que sempre estendem o tempo limite para deixar o público fazer perguntas). Entretanto, ressaltaria que isso não significa que não assumimos nossos compromissos de maneira séria. Mesmo que a gente leve trabalhos, estudos e mesmo lazer, de forma menos rígida, não deixamos de nos envolver de forma madura com as coisas.	Derek	Eu discutiria estes sujeitos para perguntar porque ele pensa que os ingleses são mais pontuais e porque pensa que os brasileiros não são tão pontuais. Adicionalmente, se perguntaria porque ele pensa que os brasileiros são mais free.

Quadro 12: respostas da questão 1 do 4º par. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 26/08/2018.

As respostas da última dupla a essa primeira pergunta aparentam ser mais reflexivas. Derek não responde como ele discutiria o uso de estereótipos na questão a e b. Ele perguntaria para o parceiro porque tais pensamentos: ingleses pontuais e brasileiros não e brasileiros frees.

Laís, a interagente brasileira, utiliza o pronome pessoal em primeira pessoa do plural (nós) para responder considerando os brasileiros, o que dá um tom mais

solidário e geral. Ela considera o atraso como um efeito de condições flexíveis e gentis como estender o horário para dar voz a participantes de uma palestra. Há no final de sua resposta uma consideração de que não é porque atrasamos que não somos sérios, possivelmente, uma oposição de características para dizer que entre os dois polos (atrasados e sérios e pouco rígidos e rígidos) somos maduros. Essa explicação pode dialogar com sua construção de sujeito diante do(s) outro(s), o próprio parceiro e a pesquisadora que recebera essa explicação. Segundo Salih (2015), “a construção é um processo de reiteração em virtude do qual tanto os ‘sujeitos’ quanto as ‘ações’ acabam por se mostrar”. (p. 115)

Essa citação de Salih que abarca a Teoria da performatividade para a linguagem também aclara o processo reflexivo que propomos aos alunos tanto ao falar na mediação como ao escrever nesses instrumentos geradores de dados. O participante do teletandem, ao enunciar oral ou por escrito, tem a chance de olhar para si, para a sua prática linguística e cultural e para a prática do outro. Então, ao se mostrar, reitera o que lhe chama atenção ideologicamente num novo processo de rever imagens/ideias sedimentadas e estampá-las com outro ou mais valores.

A segunda pergunta do questionário 1 tem a pretensão de perceber quando e a frequência com a qual os aspectos culturais foram discutidos, já que é por eles que o estereótipo é percebido, deflagrado.

O primeiro quadro traz as respostas de Renata e sua parceira Cris.

Pergunta 2:	Nas suas sessões de teletandem, vocês (você e seu parceiro), certamente, falaram muito sobre cultura de seus países. QUANDO isso aconteceu? Em que momento da interação e com qual frequência. Por exemplo, sempre falávamos sobre cultura no início das três primeiras interações.		
Interagentes brasileiros	Respostas	Interagentes estadunidenses	Respostas
Renata	Em todas as interações falamos sobre as diferenças culturais, desde a primeira. Sempre perguntamos da vida uma da outra e consequentemente falamos sobre as culturas de cada. (12/04) Em todas as interações conversamos sobre a cultura dos nossos países, falando sobre nossas atividades	Cris	Falávamos sobre cultura todo o tempo, era o assunto principal de todas as interações porque era muito interessante comparar a cultura brasileira, estadunidense e também francesa. Foi muito interessante porque ao final achou que há mais

	cotidianas.		similaridade entre a cultura francesa e brasileira que entre a brasileira e estadunidense.
--	-------------	--	--

Quadro 13: respostas da questão 2 do 1º par. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 26/08/2018.

Ambas evidenciam que a interação que tematiza cultura acontece constantemente, ou seja, ao ter a cultura (aqui o termo está bem genérico para abranger todo tipo) como tópico constante da interação podemos ter a ocorrência e recorrência dos estereótipos também, já que esses simbolizam a cultura. Ressalto que o termo “simbolizam” está ancorado na definição de símbolo para a Semiótica, ou seja, é um signo linguístico nomeado por determinada cultura, segundo Peirce (2008).

A interagente brasileira diz que sempre falavam da cultura de cada uma e de seus países, englobando, na cultura dos países suas atividades cotidianas. Entrevendo que a cultura é um conjunto de ações, práticas, costumes vista, externalizada para ser comparada, copiada, admirada, refutada como vemos no senso comum, berço das falas cotidianas que são por vezes repetidas sem discussão.

Cris, a interagente dos Estados Unidos, traz a cultura como assunto constante porque vê na interação linguística o momento de estar bem próxima de sua cultura de origem, a francesa. Ela ressalta o quão interessante era comparar as culturas porque ao final, isso resultou de ver que a cultura brasileira era mais próxima da francesa e, conseqüentemente, a brasileira é mais distante da estadunidense.

Quando Cris escreve “comparar” temos aí a ação caracterizadora das interações de teletandem, comparar línguas através de culturas distintas. Se estamos realizando constantemente isso, significa que o binarismo é dominante nesse processo, portanto, a *marcação da diferença* (Woodward, 2000) entre dois sujeitos proporá, performativamente, uma oposição evidenciada por este processo (marcar diferenças) o qual, por vezes, virá com valor, uma vez que nossas falas comparativas são discursos carregados de nossas formações ideológicas (ALTHUSSER, 1971). Segundo este,

Pode dizer-se que não há prática sem ideologia e que qualquer prática, incluindo a científica, se realiza através de uma ideologia. Em todas as práticas sociais (quer pertençam ao domínio da produção

económica, ao da ciência, ao da arte, ao do direito, ao da moral ou da política), os homens que actuam estão submetidos às ideologias correspondentes, independentemente da sua vontade e mais ou menos com uma total ignorância do assunto. (ALTHUSSER, 1989, p. 42)

Portanto, o interagente do teletandem se compara, inclusive usando estereótipos – elementos culturais – porque precisam, no processo de iterabilidade para o outro e para si, identificar-se, ser alguém de uma nação para assim poder ter voz ressoante, ter uma prática comunicativa.

O segundo par, Tati e Alex, que responde a questão de QUANDO falam sobre cultura expõem o seguinte:

Pergunta 2:	Nas suas sessões de teletandem, vocês (você e seu parceiro), certamente, falaram muito sobre cultura de seus países. QUANDO isso aconteceu? Em que momento da interação e com qual frequência. Por exemplo, sempre falávamos sobre cultura no início das três primeiras interações.		
Interagentes brasileiros	Respostas	Interagentes estadunidenses	Respostas
Tati	Até agora fizemos 3 interações e a questão cultural apareceu em todas elas. Falamos sobre músicas, filmes, expressões, festas, bebidas, comidas, comportamentos, estudo e trabalho, então abordamos muito essa questão cultural, sempre um dando exemplos de suas experiências e falando mais a realidade, tirando certas impressões errôneas acerca do país do outro. Como por exemplo, pra ele o povo brasileiro parece sempre estar em festa, e eu disse que na verdade não é bem assim, apesar de sermos felizes, não estamos o ano todo em festa, pelo contrário, o Brasil vem enfrentando uma situação política, econômica, educacional entre outros âmbitos bem complicada.	Alex	Durante as 6 interações, siempre falávamos sobre nossas países. No começa sobre nossas comidas, que gosto de fazer no tempo livre, e cultura sobre os estados unidos e brasil. Mais no final, falávamos sobre racismo, pessoas de cor, e outros interações complexo como Estes.

Quadro 14: respostas da questão 2 do 2º par. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 26/08/2018.

Tati e Alex não responderam o questionário no mesmo dia, por isso, há essa diferença na quantidade de interações realizadas. Interessante que os dois respondem exemplificando estereótipos que usaram desde o começo das interações. Esse exemplo de resposta evidencia os processos linguísticos referentes à comunicação transcultural, além de falar de sua cultura, seus costumes estereotipados exemplificam, comparam com o outro, uma vez que essa cultura em contraste está porosa pela prática globalizada aberta a outras culturas.

Tati enfatiza a fala que tiveram durante as interações: “sempre um dando exemplos de suas experiências e falando mais a realidade, tirando certas impressões errôneas acerca do país do outro”, ou seja, houve uma consciência buscada para desconstruir sedimentações vistas como errôneas, possivelmente, porque eram generalizantes, deturpadas como no exemplo de Tati – ser feliz não é o mesmo que estar em festa sempre.

Já seu parceiro Alex expõe que compararam as culturas brasileiras e estadunidenses e, no final, falaram sobre temas complexos como o racismo. Acreditamos que a conversa sobre temas polêmicos aconteceu mais ao final, porque a aproximação já havia acontecido e eles não iriam prejudicar o andamento das interações, caso discordassem em algum aspecto desses temas complexos. O fato de usar mais estereótipos culturais-nacionais no início das interações e evitar temas complexos são ações estratégicas de aproximação e negociação da parceria.

A próxima parceria é a de Julia e Rick e eles respondem ao questionário 2 de forma mais sucinta. O quadro está na próxima página.

Pergunta 2:	Nas suas sessões de teletandem, vocês (você e seu parceiro), certamente, falaram muito sobre cultura de seus países. QUANDO isso aconteceu? Em que momento da interação e com qual frequência. Por exemplo, sempre falávamos sobre cultura no início das três primeiras interações.		
Interagentes brasileiros	Respostas	Interagentes estadunidenses	Respostas
Julia	Nós falamos sobre cultura em quase todas as interações, isso porque aspectos que envolvia nosso cotidiano estavam relacionados em grande parte com a cultura de cada lugar	Rick	Começamos a falar sobre cultura durante a primeira sessão e foi um interesse primordial durante nossas conversas.

Quadro 15: respostas da questão 2 do 3º par. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 26/08/2018.

Julia esclarece que a cultura de cada lugar foi usada em quase todas as interações. Entendemos que não houve discussão sobre cultura em todas porque Julia não fez a interação do dia 10/04/18, dia da mediação transcrita, por problemas de saúde e na interação anterior, conversaram sobre gestos. Pode ser que Julia compreendeu que a discussão sobre gestos está mais para os aspectos linguísticos que culturais.

Já Rick evidencia o uso constante da cultura em suas conversas com Julia, já que foi um interesse primordial como ele escreveu.

Sendo assim, temos mais um par que confirma o recorrente uso da cultura em quase todas as interações do teletandem.

O próximo par, Laís e Derek, finalizam a exposição dos dados sobre a questão 2 do questionário 2 reforçando o uso cultural como promovedor das interações telecolaborativas.

Pergunta 2:	Nas suas sessões de teletandem, vocês (você e seu parceiro), certamente, falaram muito sobre cultura de seus países. QUANDO isso aconteceu? Em que momento da interação e com qual frequência. Por exemplo, sempre falávamos sobre cultura no início das três primeiras interações.		
Interag entes brasileiros	Respostas	Interage ntes estadunidenses	Respostas
Laís	Acredito que questões culturais sempre surgem involuntariamente durante as interações, tanto por ser algo que nós dois temos a curiosidade de aprender sobre o outro, quanto por, durante as conversas, estranhamentos e dúvidas aparecerem. Então, posso dizer que em todas as interações isso aconteceu.	Derek	Nós falamos sobre a cultura de nos países tudo tempo, mas os sujeitos eram mais envolvidos nas três conversas últimas.

Quadro 16: respostas da questão 2 do 4º par. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 26/08/2018.

Derek salienta que falaram sobre cultura todo o tempo, mas nas três últimas interações houve maior envolvimento deles diante dessa questão.

Laís demarca que as questões culturais sempre surgem involuntariamente durante as interações. Esse termo involuntariamente significa muito no seu dizer, uma vez que analisamos dois conceitos imbricados nesse dizer involuntário. Temos

nisso a noção de ideologia de Althusser e a noção de naturalização debatida por Butler.

Para Althusser (1970) só temos uma prática social porque somos atravessados por ideologias. Como a ideologia é constitutiva dos sujeitos, estes ficam interpelados a praticar o que carregam. Como sujeitos do dizer, essa prática social é feita pela linguagem, relação que faz o elo coerente entre as teorias que sustentam essa tese: Teoria da Performatividade da Linguagem, Ideologia e as Teorias Linguísticas - Análise do discurso e um pouco da Semiótica na categorização de alguns signos.

Ainda pensando o que nos trouxe Althusser, Laís não fala sobre as culturas em foco involuntariamente, ela está interpelada a falar o que fala, inclusive pelo sujeito que está a sua frente virtualmente. Em termos de interpelação, em seu livro *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* (AIE), Althusser (1970) destaca

... envoltos neste quádruplo sistema de interpelação, de submissão ao Sujeito, de reconhecimento universal e de garantia absoluta, os sujeitos “caminham”, eles “caminham por si mesmos” na imensa maioria dos casos, com exceção dos “maus sujeitos” que provocam a intervenção de um ou de outro setor do aparelho (repressivo) do Estado. Mas a imensa maioria dos (bons) sujeitos caminha “por si”, isto é, entregues à ideologia (cujas formas concretas se realizam nos Aparelhos ideológicos do Estado). Eles se inserem nas práticas governadas pelos rituais dos AIE. (p. 130)

A compreensão da interpelação está nesse sistema com quatro elementos imbricados, por isso, a imagem representativa de um quádruplo. Para entendê-lo segue a possível leitura dos quatro elementos dessa sistemática. (1) O sujeito interpela, se coloca via linguagem a partir de sua formação ideológica para um sujeito (2), este pode interpelar seu interlocutor que se colocará submisso, reconhecendo-o (3) universalmente como sujeito e (4) garantindo a interpelação como verdade. Laís estabelece o reconhecimento de seu parceiro como seu interpelador, mas afortunadamente (e especificamente neste caso incidental) não está submissa a tudo que vem dele, já que há estranhamentos e dúvidas que apareceram durante as interações, segundo sua resposta acima. Essa sistemática está no contexto do teletandem em níveis diferentes porque vai depender da posição de sujeito frente ao parceiro. Mas, as ações solicitadas no teletandem como prática

de aprendizagem de línguas estrangeiras já estabelecem uma interpelação à identidade nacional, fato que respalda os objetivos desta tese.

Outro aspecto que Althusser (1970) chama a atenção e vemos marcado nessa escrita de Laís é

um dos efeitos da ideologia é a denegação, prática do carácter ideológico da ideologia, pela ideologia: a ideologia nunca diz 'sou ideológica'. É preciso estar fora da ideologia, isto é, no conhecimento científico, para poder dizer: estou na ideologia (caso excepcional) ou ('caso geral): estava na ideologia. É sabido que a acusação de se estar na ideologia só é feita relativamente aos outros, e nunca relativamente ao próprio (p. 101)

Ela não analisa sua própria ideologia, suas concepções, por isso mesmo vê como involuntária sua ação de discutir sobre cultura. É na parceria, nesse espaço específico de comunicação transcultural online, que a ideologia sobre as diferenças culturais se explicita diante de dois outros - o parceiro estrangeiro e a mediadora brasileira. Os dois têm posições sociais capazes de estimulá-la na interpelação do dizer mais reflexivo a si mesma nesse espaço.

A noção de *involuntária* também pode ser analisada pela ideia de Salih (2015) ao explicitar sobre a Teoria da performatividade de Judith Butler. Salih está explicando sobre o funcionamento da interpelação dentro da teoria de Butler e diz

A interpelação é um enunciado citacional que, para ser efetivo, se apoia no contexto e na convenção, o que significa que não é diferente de outros enunciados igualmente contingentes. (...) A interpelação é, portanto, um enunciado citável, ex-citável, que excede o interpelador, o qual não está no controle de sua fala (p. 149)

Com essa citação, somamos as teorias de Althusser e Butler na explicação de que o que vemos e muitas vezes questionamos como involuntário, natural, normal, são enunciados citáveis que de tão sedimentados excedem seus sujeitos via linguagem. Por isso, a complexidade de nosso elemento-chave – estereótipo – não ser só uma categoria excludente. Ele é citado a partir de cada sujeito, indicando o sujeito na sua prática cultural, histórica e social.

Finalizando a análise de quando o uso da cultura aconteceu nas interações de março e abril de 2018, todas as respostas dos interagentes brasileiros e estadunidenses trouxeram os aspectos culturais referenciados *sempre, em todas* ou

quase todas as interações. Tal fato corrobora a constatação apontada por Telles (2015) de que, no teletandem, os parceiros se ocupam, basicamente, em marcar diferenças entre suas culturas, embora frequentemente de modo superficial e com base no senso comum. Ter essa confirmação, diante da recorrência cultural nas interações de teletandem, evidencia que os estereótipos podem, de fato, aparecer na comunicação transcultural muito mais do que se percebe e nomeia. Isso também faz considerar a relevância dessa tese, em (a) constatar empiricamente o que disse Telles (2015) e (b) usar a constatação/confirmação empírica, diante da recorrência cultural nas interações de teletandem, para subsidiar o professor-mediador em sessões de mediação de teletandem ao buscar as características dessa recorrência para a identificação cultural acerca do seu país e do estrangeiro e a formação cidadã do sujeito interagente.

A próxima análise é sobre a pergunta 3 do Questionário 2, também nomeado de questionário pessoal. Nessa pergunta, desejamos perceber COMO as culturas foram apresentadas. A pergunta é acrescida de pedidos interpelativos da pesquisadora – conte e resalte quebras e confirmações sobre as imagens – estereótipos – discutidos. Seguiremos a mesma ordem de apresentação das respostas dos pares feita nas análises acima.

O quadro está na próxima página para ser apresentado na íntegra, sem quebra de página.

Pergunta 3:	COMO aconteceu a apresentação do tema cultural? Conte a história. Ressalte os estranhamentos e confirmações sobre o que você imaginava a respeito do que foi discutido.		
Interagentes brasileiros	Respostas	Interagentes estadunidenses	Respostas
Renata	Apresentação do tema cultural veio <u>de forma natural</u> , pois discutindo sobre a vida de cada um o tema surgiu. Conversamos sobre as diferenças na educação, como por exemplo o ensino médio, o vestibular e também a maneira como a faculdade é organizada. Discutimos sobre a questão da maioria para bebidas alcoólicas e para dirigir também. Achei estranha a organização da faculdade (escolha de matérias, etc...) e já imaginava que os	Cris	O tema cultural estava [foi] o tema principal todo o tempo. Falávamos de muitas diferenças, por exemplo o preço do chocolate, que é muito mais barato em França, isso era muito interessante. Houve muitas confirmações do que já conhecia mais também descobriu

	<p>adolescentes falsificavam a identidade para poder consumir bebidas alcoólicas. (12/04)</p> <p>Como falamos das nossas atividades cotidianas, a questão cultural sempre veio à tona. Comentamos as diferenças no ano letivo, no clima, e nos costumes cotidianos. A parceira achou algumas atitudes engraçadas como o vestibular, as grades da faculdade e coisas parecidas. Foi muito tranquilo e como a parceira morou muitos anos na França, comparamos os costumes franceses, americanos e brasileiros. Foi muito interessante.</p>		<p>muitas novas coisas.</p>
--	---	--	-----------------------------

Quadro 17: respostas da questão 3 do 1º par. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 26/08/2018.

Essa questão do primeiro questionário aplicado aos interagentes previa uma explicação do como aconteceu a apresentação do tema cultural, ou seja, como eles falavam sobre cultura. A pergunta foi seguida de uma explicação do que buscamos na pesquisa: estranhamentos como quebra de estereótipos ou confirmações desses. A pergunta foi seguida de expressões injuntivas, na tentativa de ser bem clara com as expressões: Conte a história (narre a conversa sobre cultura) e ressalte estranhamentos ou confirmações.

As respostas evidenciaram o movimento discursivo do estereótipo como estrutura rígida (LIPPMANN, 2008) à vivência plural que leva à normatização. Essa normatização, de acordo com Butler (2004), fez ponte com a Teoria da Performatividade quando de sua compreensão do processo de sedimentação, efeito dos processos-conceitos de iterabilidade e citacionalidade de Derrida (1991).

Tal como Butler pensa que o gênero é visto socialmente como um molde, estrutura, grade no qual o sujeito é moldado (SALIH, 2015: 73), relacionamos essa ideia a de estereótipo, ou seja, o interagente é moldado nas características estereotipadas por sua nação. É o mesmo que dizer que o sujeito é estereotipado para cumprir sua identidade nacional.

Renata expressou que as questões culturais foram discutidas de modo natural, inicialmente, porque refletem seu cotidiano, suas ações, hábitos rotineiros, ou seja, não questões estipuladas, orientadas para um determinado fim. Ela destaca

os tópicos discutidos e ressalta a confirmação de uma ideia, a que os adolescentes nos Estados Unidos falsificavam o documento de identidade para consumir bebidas alcólicas. Esse fragmento responde ao solicitado na questão 3, ela confirma uma ideia, ou seja, temos um indício deflagrador de estereótipo confirmado por alguém que vive lá. Elucidar uma confirmação não é algo que todos fazem, por isso, tem grande valia para caracterizar e, até mesmo, exemplificar um estereótipo.

Vejamos as respostas seguintes com destaque (grifo) para essa naturalização/normatização do estereótipo, pois cumpre esse fim de ser índice da identidade nacional.

Pergunta 3:		COMO aconteceu a apresentação do tema cultural? Conte a história. Ressalte os estranhamentos e confirmações sobre o que você imaginava a respeito do que foi discutido.	
Interagentes brasileiros	Respostas	Interagentes estadunidenses	Respostas
Tati	Apareceu de uma forma <u>bem natural</u> , mais por curiosidade mesmo e uma forma de introduzir assunto e ter conversa, muito do que ele falou e a impressão que ele tem sobre o próprio país me chocou um pouco, assim como pareceu pra ele chocar também o que eu disse do meu próprio país. Porém, certos pontos culturais, como comida e música eram o esperado pelos dois, assuntos mais leves não surpreenderam tanto, já temas política e questões sociais sim.	Alex	Nós não tínhamos mais que falar, ainda nós falávamos sobre cultura. Eu estava muito animado para falar sobre cultura brasileira porque estou vou estudar no brasil por 6 semanas! Eu queria saber sobre todo o cultural no brasil.

Quadro 18: respostas da questão 3 do 2º par. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 26/08/2018.

Para Tati, a apresentação do tema cultura foi bem natural, buscando responder a suas curiosidades sobre o outro representante nacional. Ela destaca que a cultura foi introdutória para a interação acontecer. Quando falaram sobre comida e música houve confirmações sobre o que Tati imaginava e ela confirma que para ele também. Mas, exalta que teve choques, uma vez que suas curiosidades estavam construídas a partir de imagens sobre a nacionalidade estrangeira, ou seja,

ela já estava interpelada a uma visão e também falou de seu país através de sua formação ideológica. E isso é o mais significativo nessa troca transcultural.

Seu parceiro, Alex, não evidenciou nenhum choque, nenhuma desconstrução nesse instrumento. Deixou clara sua vontade de degustar ao máximo das interpelações da parceira-guia, uma vez que ele passaria seis semanas no Brasil, ou seja, quanto mais soubesse daqui, melhor passaria seus dias à brasileira.

A próxima parceria, Julia e Rick, é mais sucinta nas respostas. Vamos a elas na próxima página para visualizarmos o quadro completo.

Pergunta 3:		COMO aconteceu a apresentação do tema cultural? Conte a história. Ressalte os estranhamentos e confirmações sobre o que você imaginava a respeito do que foi discutido.	
Interagentes brasileiros	Respostas	Interagentes estadunidenses	Respostas
Julia	O tema cultural surgiu <u>naturalmente</u> nas interações conforme elas iam passando, achei interessante alguns aspectos que envolvia o patriotismo que é bem forte nos Estados Unidos e isso foi confirmado nas interações.	Rick	Nós discutimos palavrões, especialmente na corna. É interessante porque eu estava usando a corna no sentido americano, porque é uma maneira de mostrar aprovação ou excitação. No entanto o meu parceiro educadamente me informou que era um sinal muito ruim e me contou tudo sobre como e quando ele é usado.

Quadro 19: respostas da questão 3 do 3º par. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 26/08/2018.

A resposta de Laís segue no próximo quadro. Derek não respondeu a essa pergunta, por isso, seu espaço estar em branco. Não houve justificativa para a falta de resposta.

Pergunta 3:		COMO aconteceu a apresentação do tema cultural? Conte a história. Ressalte os estranhamentos e confirmações sobre o que você imaginava a respeito do que foi discutido.	
Interagentes brasileiros	Respostas	Interagentes estadunidenses	Respostas

<p>Laís</p>	<p>Meu parceiro e eu sempre lidamos com as diferenças culturais de <u>maneira calma</u>. As principais questões que surgiram foram com relação ao sistema de ensino, à política, questões linguísticas (como os sotaques, expressões e gírias de cada país). Uma confirmação que tive com relação ao quanto os serviços nos Estados Unidos são privatizados e que são poucas as pessoas que pensam que algumas políticas, como a saúde e educação, deveriam ser subsidiadas gratuitamente pelo governo. Algo que achei interessante foi que, de acordo com meu parceiro, as discussões sobre gênero, sexualidade, racismo e preconceitos de maneira geral, são bastante frequentes no país, principalmente, no meio acadêmico. Eu imaginava que, por ser um país com forte desenvolvimento científico, a tendência seria de tentar “globalizar” essas discussões, mesmo sendo condizentes às humanidades.</p>	<p>Derek</p>	
--------------------	---	---------------------	--

Quadro 20: respostas da questão 3 do 4º par. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 26/08/2018.

Lembrando que os pares não responderam ao questionário no mesmo dia, os estadunidenses realizaram os questionários 1 e 2 no último dia de aula após a mediação realizada com eles, a professora de lá e a mediadora brasileira.

Laís destaca os tópicos culturais discutidos até o momento e responde a confirmação sobre a noção/ideia/imagem que tinha sobre os serviços privatizados nos Estados Unidos serem bem aceitos ou não questionáveis pelos cidadãos em detrimento dos poucos serviços públicos. Ela achou interessante, o que pode significar que teve um efeito positivo, enriquecedor para sua formação profissional (Laís é estudante de Psicologia) o fato de lá eles discutirem as questões sobre gênero, sexualidade, racismo e preconceito. Ela destaca que isso é de acordo com seu parceiro, mas como ele é seu interpelador, ela acha interessante isso ser

discutido no país e no meio acadêmico e acrescenta, com certa valorização nacional, que a força científica estadunidense pudesse globalizar essas questões sociais.

Notório perceber que a noção de globalização para ela encontra origem nos Estados Unidos, resvalando no valor hegemônico desse país com desenvolvimentos fortes, como destacado no artigo de Franco e Rampazzo (2016) quando dizem

Compreendemos o teletandem como um contexto em que há contato intercultural e acreditamos que há, nessas sessões de interação, espaço para a manifestação de (falsas) ideias de hegemonia e supremacia dos grupos economicamente mais poderosos, ideias estas marcadas por estereótipos (p. 1304).

Seu parceiro, Derek, não narra nem ressalta o que foi pedido na pergunta, apenas discorre sobre discutir sobre cultura porque é estudante de antropologia. É possível não ter respondido de forma mais completa por estar fechando o semestre e isso implicar cansaço e desejo de férias, embora essas sejam ideias da pesquisadora que também representa uma estudante.

Após a discussão e análise das respostas à questão 3 do questionário 1 (Q1), percebemos que os participantes do teletandem precisam cada vez mais de perguntas direcionadas para conseguirem, efetivamente, responder e gerar dados de pesquisa. Isso acontece uma vez que questões abertas proporcionam respostas superficiais, sucintas, sem contemplar com detalhes o que se pede. Fato que aconteceu aqui novamente, há poucas respostas que confirmam e mostram estranhamentos, além de especificarem quais são as confirmações, ou seja, confirmam o quê e estranham o quê.

É possível que esse tipo de posicionamento aconteça porque esses instrumentos de pesquisa foram dados pelo mediador e a mediação ainda não ocupa uma atenção importante como a interação. Novamente, com dois elementos, temos a prática de compará-los e evidenciar um em detrimento do outro, assim, a interação ganha mais atenção e insumos que a mediação. Sobre esse aspecto vale ler a tese de Elstermann (2016) e termos mais trabalhos que evidenciem práticas valorativas da mediação.

A próxima seção traz o instrumento gerador de dado identificado como questionário 2, realizado após o primeiro questionário (outro dia) e na sequência da mostra das charges para o parceiro na sessão de interação.

4.3 Estereótipos no Questionário das charges (Q2)

Nessa seção trazemos quadros que evidenciam a pergunta do Questionário das charges – *Apêndice 3*. Cabe explicar que esse questionário foi respondido pelos interagentes brasileiros no dia 17/04/18 (terça-feira, dia da interação) após a interação, ou seja, no momento da mediação, por isso, não realizamos a mediação.

Esse questionário é a segunda e última parte de uma atividade que começou com a seleção de charges sobre estereótipos nacionais. A pesquisadora escolheu essas charges após pesquisa no site google a fim de ver o que tínhamos de produto de estereótipo nesse gênero crítico. Não encontramos tantas charges, mas estas traziam estereótipos nacionais de várias maneiras, possibilitando que os participantes olhassem e discutissem todas e escolhessem duas para dissertar. A seleção está abaixo e também em anexo no *Apêndice 2 – Atividades com charges*.



Figura 4: Charge 1 para a atividade do questionário 2. Fonte: <https://www.google.com.br> em 04/11/2017.



Figura 5: Charge 2 para a atividade do questionário 2. Fonte: [https://www.google.com.br em 04/11/2017](https://www.google.com.br/em/04/11/2017).



Figura 6: Charge 3 para a atividade do questionário 2. Fonte: [https://www.google.com.br em 04/11/2017](https://www.google.com.br/em/04/11/2017).



Figura 7: Charge 4 para a atividade do questionário 2. Fonte: [https://www.google.com.br em 04/11/2017](https://www.google.com.br/em/04/11/2017).



Figura 8: Charge 5 para a atividade do questionário 2. Fonte: [https://www.google.com.br em 04/11/2017](https://www.google.com.br/em/04/11/2017).

A atividade foi passada por e-mail para os interagentes que faziam a interação de casa e posta na área de trabalho dos computadores do laboratório de teletandem para os interagentes que faziam a interação no laboratório da universidade.

Como temos um grupo no aplicativo de mensageria escrita e falada WhatsApp, enviei mensagem de voz explicando o passo a passo com fotos do procedimento de compartilhamento de tela no Skype. Isso para que o interagente brasileiro mostrasse as charges para o parceiro e as discutissem. Pedi que escolhessem no mínimo duas charges para discussão durante a interação.

Abaixo, seguem dois quadros com as respostas desse instrumento gerador de dados. O primeiro quadro traz a primeira questão desse segundo questionário (Atividades com charges), pedindo que o interagente explicasse a escolha das que mostrou e discutiu com o parceiro. O segundo quadro traz a segunda questão que está composta por três questões sequenciais, ou seja, a segunda e terceira

questões explicam e complementam o que se quer na primeira - que os interagentes mostrem como discutiram os estereótipos contidos nas charges.

Os quadros trazem respostas dos brasileiros, que responderam esse questionário na sequência da discussão da charge no dia 17/04/18 e estadunidenses, que responderam esse questionário no final do período de interação (01/05/18), após a mediação que tiveram comigo e a professora deles.

Enquadramos as respostas da parceria a cada questão para ficar mais didática e discutiremos cada quadro.

Ressaltamos que Renata e Tati não enviaram seus formulários, mesmo após várias solicitações.

	Respostas dos interagentes brasileiros	Respostas dos interagentes estadunidenses
1ª questão do Questionário 2: Explique a escolha de cada charge	nós conversamos sobre quase todas as charges, exceto a última, porque começamos a falar sobre outros assuntos. (Julia, Q2)	
	(Tati, Q2)	Falavamos sobre os estereótipos que alguns Brasileiros têm sobre Norte Americanos. Por exemplo, O mundo pensam que todos os brasileiros gostam futebol e têm camisinhas do time Brasil. (Alex, Q2)
	Com meu parceiro a discussão de estereótipos sempre foi muito tranquila, pois ele possui a mente aberta para compreender como a apropriação das culturas se dá de maneira diferente para cada indivíduo. Quando ocorreu de surgir dúvidas sobre o assunto, o diálogo sempre foi direto e sem preconceitos. (Laís, Q2)	As vezes, um de nos perguntaria o que coisa sobre a país da outra pessoa, que parece baseado num estereotipo. (Derek, Q2)
(Renata, Q2)	Quando perguntava uma pergunta ligada a um estereotipo e a minha parceira diz que isso não é a realidade. (Cris, Q2)	

Quadro 21: respostas da questão 1 do Questionário das charges (Q2). Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 09/08/2018.

Nem todos responderam sobre a escolha das charges, o que nos faz entender que podem ter discutido todas de forma mais rápida ou, para os estadunidenses, não lembravam qual charge tinham dissertado.

Essa questão já elencou exemplos de estereótipos que aparecem durante a interação do teletandem, confirmando que esse uso é recorrente e estampando as características desses usos na relação do par. Por isso, não categorizá-los e sim vê-los no acontecimento da interação e do sujeito.

São os estadunidenses, nessa questão, que respondem mais. Alex evidencia o estereótipo de o mundo saber que o Brasil é a terra do futebol, exemplificando com as camisetas de times brasileiros. Derek confirma o uso de estereótipos nacionais quando falam sobre seus países e Cris ressalta que a parceira, Renata, durante as interações diz que o estereótipo não é a realidade, possivelmente provocando nela uma atenção maior diante do ser estrangeiro.

O próximo quadro adentra com mais força nos objetivos dessa tese, uma vez que ao dizer se concordam ou discordam com os estereótipos vistos, marcaram suas posições discursivas, transparecendo suas interpelações diante desse contato transcultural comparativo e, por isso mesmo, formativo.

	Respostas dos brasileiros	Respostas dos interagentes estadunidenses
<p>2ª pergunta do Questionário 2: Como vocês discutiram os estereótipos mostrados nas charges? Concordaram, discordaram, por quê? Em que aspectos?</p>	<p>nós concordamos que representar países e culturas por estereótipos não é muito adequado, na charge 1 ele achou engraçado que o Brasil é representado por café e futebol, falou que é um pouco da noção que eles têm de nós mesmo; Na charge 2 ele falou que realmente gosta de comer mc donalds, que gosta de casas grandes, mas que a ideia de que todos eles possuem um trailer não adequada, e falou que apesar do wal mart ser importante para eles, ele não gosta, ele comentou também que armas são muito importante para eles; Na charge 3 ele comentou sobre a peculiaridade do Brasil no quesito cultura; Na charge 4 ele comentou que ele concorda que o francês são estilosos e sofisticados e achou engraçado os brasileiros serem</p>	<p>Eu pensava isso estive verdade. Isso e muito comico, e um pouco verdade porque dos Estados Unidos e muito interessante. (Rick, Q2)</p>

	representados por alguém de uniforme de time de futebol. (Julia, Q2)	
	<p>Discutimos, de maneira geral, sobre os estereótipos de todos os países que estavam no mapa, nos surpreendendo por não conhecermos alguns e achando graça de outros - apesar de entendermos a construção histórica e social de muitos os estereótipos que estavam ali representados. O foco de nossa discussão, entretanto, foi no continente americano, onde conversamos sobre as comidas típicas de cada país e como muitas daquelas imagens estavam exageradas - como o fato do basquete ser o único esporte representando os Estados Unidos - e como isso causa um exagero na imagem da cultura de cada país também. Ainda sobre esportes, meu parceiro mencionou que, quando se fala em Brasil nos EUA, a primeira coisa que as pessoas geralmente comentam é sobre o futebol, antes mesmo de falarem sobre carnaval ou samba. Referente aos estereótipos americanos, meu parceiro falou que lá é real esse costume de ter comidas maiores e com mais açúcar do que o normal. (Laís, Q2)</p>	<p>Eu concordei na maioria dos uns sobre america, e eu entendi sobre algo das outras, mas outras Laís tinha explicar para mim, por exemplo as cafe na partes do america do sul que eu nao soube cafe existe. (Derek, Q2)</p>
	Renata	<p>Estavam exagerados mais mostram bem o que é importante numa cultura. Por exemplo "they all have guns" mostra a controvérsia que ha com isso o "they only eat mcdonalds" mostra também a cultura da comida no pais. Em França temos os mesmos estereótipos. (Cris, Q2)</p>
	Tati	<p>Nós concordamos sobre que pessoas que toma a outra língua não têm estes estereótipos. Eu sei sobre brasil e então não acho que Estes estereótipos. (Alex, Q2)</p>

Quadro 22: respostas da questão 2 do Questionário das charges (Q2). Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 09/08/2018.

As respostas validam o uso dos estereótipos, seus efeitos de acordo com a valoração que os interagentes dão a eles, evidenciando a qualidade dos mesmos na comunicação transcultural online.

Perceber os estereótipos como exagerados (Cris e Laís), pertencentes a uma língua (Alex), concordei na maioria das vezes (Derek), são um pouco verdadeiros e muito interessantes (Rick) e de serem reais (Laís) é pensar sua constituição.

O adjetivo “engraçado” ou “achando graça” recorrente ao se defrontar com um estereótipo pode indicar a dificuldade de definir, lidar com a representatividade que ele traz. Há também um tom de verdade no engraçado, relacionável ao processo identificatório estabelecidos pelo(s) parceiro(s) quando na sequência do uso de engraçado lança “é um pouco da noção que eles têm de nós mesmo”.

O próximo quadro apresenta a terceira questão do questionário 2 - Questionário das charges – e as respostas dadas pelos pares selecionados que compõe o corpus de nossa pesquisa.

	Respostas dos interagentes brasileiros	Respostas dos interagentes estadunidenses
<p>3ª pergunta do Questionário 2: Como a noção de estereótipo aparece no teletandem</p>	<p>eu acredito que essa noção aparece nas primeiras interações em que vamos perguntando curiosidades sobre culturas e características específicas ao país que a pessoa vive, pois as vezes temos ideias sobre esteriótipos que não coincidem com realidade e são muitas vezes transmitidos pela mídia. Com o decorrer das interações eu notei que esse estereótipo vai sumindo com o decorrer das interações e com as trocas de informações referente a cultura de cada um (Julia, Q2)</p> <p>Com meu parceiro a discussão de esterótipos sempre foi muito tranquila, pois ele possui a mente aberta para compreender como a apropriação das culturas se dá de maneira</p>	<p>Nos falamos sobre esterotipos e penimos esterotipos e verdade e nao verdade. (Rick, Q2)</p> <p>As vezes, um de nos perguntaria o que coisa sobre a pais da outra pessoa, que parece baseado num esterotipo. (Derek, Q2)</p>

	diferente para cada indivíduo. Quando ocorreu de surgir dúvidas sobre o assunto, o diálogo sempre foi direto e sem preconceitos. (Laís, Q2)
	Quando perguntava uma pergunta ligada a um estereótipo e a minha parceira diz que isso não é a realidade. (Cris, Q2)
	Ela me mostrou uma fotografia sobre estereótipos. (Alex, Q2)

Quadro 23: respostas da questão 3 do Questionário das charges (Q2). Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 09/08/2018.

A noção de *estereótipo nacional-cultural*, cunhado pela pesquisadora dessa tese e, assim, limitadora do objeto da pesquisa, ganha relevância para o contexto de aprendizagem colaborativa. Essa noção é permeada pela tecnologia (teletandem), por ser um indício deflagrador de reflexão das culturas nacionais em contato na interação.

Os dados do *Quadro 20 – respostas da questão 2 do Questionário das charges* acima evidenciam a diferença que alguns interagentes fazem entre estereótipo e preconceito. Inclusive essa diferença marcada também pelo uso da conjunção e (estereótipo e preconceito) como noções distintas são enunciadas no diário de Julia, por vezes.

Com meu parceiro a discussão de esterótipos sempre foi muito tranquila, pois ele possui a mente aberta para compreender como a apropriação das culturas se dá de maneira diferente para cada indivíduo. Quando ocorreu de surgir dúvidas sobre o assunto, o diálogo sempre foi direto e sem preconceitos. (Laís, Q2)

De acordo com as explicações de Pereira (2002), é possível demarcar a importância do questionário como um dado que permite a avaliação do interagente no contexto de troca linguística e de sua autoavaliação diante de uma prática valorada. A interação com temas culturais coloca em trânsito valores culturais que serão confirmados ou refutados como identificadores nacionais. Esse processo é devido a existência cognoscitiva e conativa (para nós também performativa), de um quadro de referências sobre a cultura estrangeira.

O uso de estereótipos culturais-nacionais aparece, no teletandem, como signos da *différance*. Porém, esses signos são citados (citacionalidade) e iteráveis (iterabilidade) para causar uma aproximação de sujeitos estrangeiros entre si.

O quadro de referência formado pela repetição de falas reguladas pelos espaços (escola, casa, viagens) e atores sociais (pais, professores, mediadores, amigos estrangeiros ou que moraram fora) é acionado diante do contexto de teletandem e do que o parceiro enuncia.

É essa visão ilusória (também podemos pensar idealizada via imagens) da realidade mostrada ao sujeito. Tal visão se dá por vozes dominantes (performatividade) que permitem o pensamento cultural de sua nação. Por isso, existe a recorrência dos estereótipos, quando sua nacionalidade precisa ser mostrada ou dizer sobre o sujeito. É a ideologia do sujeito que marcará sua atuação no convívio social. Mais especificamente, para nosso contexto de comunicação transcultural, é a ideologia do sujeito que marcará sua fala como interagente brasileiro e estadunidense.

Na mediação, o mediador pode contribuir, e muito, para a formação crítica dos interagentes. Isso se este mediador abrir o espaço deflagrador de uma discussão mais ampla e profunda acerca das ideologias que levam os sujeitos a dizerem o que dizem no processo de interpelação solicitado pela interação oral.

4.4 Estereótipos nos diários

Seguem os quadros dos diários que evidenciam a iterabilidade e citacionalidade acerca de cultura e do estereótipo como uma mistura hiperonímica e hiponímica que pede maior atenção científica. Destacamos que hiperonímia e hiponímia são processos semânticos que se complementam para elucidar sentido nos signos linguísticos. O prefixo dessas palavras deixa evidente que quando definimos uma palavra por hiperonímia, ela traz a ideia do todo, do campo semântico maior de um objeto, por exemplo, móvel. O prefixo hipo redimensiona a uma palavra específica desse campo semântico. No caso do exemplo hiperonímico, podemos pensar cama, mesa, como palavras que expressam essa particularidade, sem

perder a relação com seu todo móvel. No caso desse estudo podemos pensar a relação de cultura (hiperonímica) e estereótipo (hiponímico).

O estereótipo pensado por essa mistura via citacionalidade e iterabilidade evidencia na relação eu - outro um movimento de contestação dos estereótipos como estamos analisando nos dados.

Abaixo adicionamos os diários de cada interagente selecionado para expor, na integralidade desse instrumento, o *quê* e *como* eles refletiram sobre os aspectos culturais conversados. Destacamos que a caracterização do enunciado da pesquisadora no diário foi: *“Relate como questões culturais foram conversadas. Houve algum preconceito? Houve algum estereótipo? Como foi o uso? A forma do parceiro ver sua cultura chamou sua atenção positiva ou negativamente? Por quê?”*. O quadro diário na íntegra está no Apêndice 4.

O primeiro diário é de Laís e segue na próxima página para facilitar a leitura sem rupturas.

Trecho do diário de Laís de 03/04/18

No que tange às questões culturais, discutimos diversos aspectos que, para nossa surpresa, se fizeram bastante semelhantes para os dois países. O primeiro assunto conversado foi com relação às festas. Comentei que aqui, antes de irmos a uma festa na qual não queremos gastar dinheiro comprando bebida, geralmente nos reunimos na casa de alguém para beber as bebidas compradas em mercado (que são mais baratas), o que chamamos de “esquentar” (expliquei que é como se fosse um “warm up”). Ele disse que lá eles fazem a mesma coisa, mas chamam de “pre-game”. Esse nome tem a ver com os “pré-jogos” que geralmente ocorrem antes do jogo oficial de esportes. Ainda com relação à rotina universitária, comentamos que discutir questões sobre preconceitos (machismo, racismo, homofobia etc) é algo muito recorrente em ambas as universidades, porém é difícil executar o movimento de levar essas discussões para fora, por haver muita resistência da população em geral, tanto em simplesmente entender essas pautas, quanto em aceitar algo que contradiz princípios religiosos. Então comparamos a política de cada país, apontando as semelhanças, como a do movimento reacionário que vem tomando visibilidade e força - e como os líderes desses movimentos também se assemelham, pela falta de formação, por terem opinião do senso comum e preconceituosas etc.

Trecho do diário de Laís de 10/04/18

Na interação referente ao dia 10 de Abril, no que tange às questões culturais, conversamos sobre como brechós e a franquias Walmart diferem de um país para outro, além de, brevemente, ele ter me explicado as diferenças entre os termos “Easter” e “Paschal”. De acordo com ele, o termo “Easter” é utilizado para falar sobre o feriado de Páscoa, enquanto que o termo “Paschal” é para se referir aos conceitos e símbolos de Páscoa, de uma forma mais religiosa.

Trecho do diário de Laís de 17/04/18

Nos foi proposto, neste encontro, que conversássemos acerca dos estereótipos de algumas charges que nos foram disponibilizadas, por isso, questões culturais que discutimos foram, em sua maioria, disparadas por essas imagens. Tendo a primeira charge sido escolhida conversamos sobre questões culturais e estereotipadas em diversos países, porém nosso

foco foi no continente americano, mais especificamente nossos próprios países. Tradições alimentares e esportes foram dois temas discutidos com bastante afinco. Apesar de termos concordado que as ilustrações exageravam alguns aspectos, outros eram bastante semelhantes, como o fato de fast foods e junk foods fazerem bastante sucesso nos EUA, além do fato de as comidas, no geral, serem maiores e conterem mais açúcar. Por exemplo, o café no Brasil é conhecido por ser forte, por isso geralmente tomamos em pequenas doses, enquanto que nos EUA eles o tomam em maiores quantidades pelo fato de eles serem mais aguado e adocicado.

Trecho do diário de Laís de 24/04/18

As questões culturais conversadas neste dia foram bastante focadas na questão musical, onde falamos sobre as músicas que gostamos e os diferentes estilos de cada país. Comparamos os estilos de música de cada país - como country (sertanejo), rock, rap, MPB - e os relacionamos com a história. Algo que surpreendeu meu parceiro foi o fato dele não saber que é comum escutarmos músicas em inglês (dos EUA, Canadá, Reino Unido etc) no Brasil, no que eu falei que as mais populares são músicas pop, eletrônica e de rap, apesar de ser muito comum as pessoas escutarem qualquer tipo de música em inglês aqui. Por fim, apesar de não ser especificamente cultural, conversamos sobre ideologia de gênero e os pontos que aproximam e que distanciam os discursos de militância em cada país.

Quadro 24: Questões culturais nos diários de Laís. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 22/08/18.

Essa completude possível pelo uso tanto da iterabilidade quanto da citacionalidade no ato de fala é percebida nos excertos de todos os quadros, principalmente nos diários porque os interagentes brasileiros tendem a repetir o que já foi enunciado (escrito ou falado) nos outros instrumentos. O diário carrega o fechamento reflexivo da interação e da discussão dessa pesquisa passada para eles.

“o fato de fast foods e junk foods fazerem *bastante sucesso nos EUA*, além do fato de *as comidas, no geral, serem maiores e conterem mais açúcar*. Por exemplo, *o café no Brasil é conhecido por ser forte*, por isso geralmente tomamos em pequenas doses, enquanto que nos EUA eles o tomam em maiores quantidades pelo fato de eles serem mais aguado e adocicado”. (Diário Laís, 17/04/2018)

Até mesmo a noção de estereótipo como uma característica exagerada, mas semelhante às práticas culturais de cada país, aparece por esses processos quando a interagente diz: “Apesar de termos concordado que as ilustrações exageravam alguns aspectos, outros eram bastante semelhantes”. (Diário Laís, 17/04/2018)

Laís explicita a característica musical de vários brasileiros e o faz com ênfase na valorização da cultural do parceiro. Ela relata no seu diário “que é comum para nós brasileiros em termos musicais “ele não saber *que é comum* escutarmos músicas em inglês (dos EUA, Canadá, Reino Unido etc) no Brasil, no que eu falei

que as mais populares são músicas pop, eletrônica e de rap, apesar de *ser muito comum* as pessoas escutarem qualquer tipo de música em inglês aqui”.

Na sequência analisamos o quadro-diário completo de Renata.

Trecho do diário de Renata de 03/04/18

Não houve preconceitos nem estereótipos. Falamos sobre spring break americano, sobre as férias e o fim da interação, sobre o ano letivo americano e sobre o clima.

Trecho do diário de Renata de 10/04/18

Não houve preconceitos nem estereótipos. Falamos sobre o festival da lagosta que a parceira participaria, sobre os testes de cheerleader, falamos sobre os jogos intercursos da faculdade. A parceira explicou que a lagosta é parte importante da cultura, que os estudantes se voluntariam para esse festival e eles têm orgulho disso.

Trecho do diário de Renata de 17/04/18

Foi feita a atividade com tiras. 1) escolhi a charge american stereotypes e a charge do brasileiro na visão americana porque mostravam mais explicitamente os estereótipos. A parceira achou engraçada a charge brasileira – disse que eles acham mesmo que brasileiros jogam futebol a todo momento, que são entusiastas sobre tudo e o que mais amamos fazer é jogar futebol. Ela acha que feijoada é muito tradicional, acha que a charge é verdadeira e que jogamos futebol e comemos feijoada todos os dias. Comentamos sobre a palavra “ferrando” que foi apresentada na charge. A parceira comentou que seus amigos franceses brincam com ela dizendo que depois que ela se mudou para os EUA, ela come Mc Donald’s todo dia, a parceira disse que eles realmente comem muito fast food mas não Mc Donald’s. Disse que tudo nos EUA é realmente muito grande e isso a impressionou. A amiga a ajudou a entender a questão dos “trailers parks” porque ela é francesa e não conhecia esse estereótipo americano, que é verdadeiro. Comentou que realmente quase tudo é comprado no Walmart. Disse que na França a questão das armas americanas também são um estereótipo, o sul possui muitas armas mas não o país todo. A parceira crê que todos os estereótipos americanos são verdadeiros.

Trecho do diário de Renata de 24/04/18

Conversamos sobre vídeos do Youtube, sobre as férias, música, trocamos rede social.

Quadro 25: Questões culturais nos diários de Renata. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 22/08/18.

No relato do diário de Renata, o que chama atenção para a pesquisa é o dia 17/04, quando ela menciona a discussão das charges trazidas pela atividade da pesquisadora. Renata diz quais charges escolheu para mostrar e discutir com a parceira que afirmou que os americanos (a parceira Cris não se coloca junto aos americanos nessa fala porque é francesa e fez diferenciação entre americanos, franceses e brasileiros) pensam “mesmo” que brasileiro:

- a) joga e ama futebol a todo momento;
- b) é entusiasta sobre tudo;
- c) come feijoada todo dia.

Também destacou que Cris faz essa referência a estereótipos entre França e Estados Unidos com seus amigos franceses que dizem que o estadunidense :

- a) come fast food (Ms Donald's) todo dia;
- b) tudo é muito grande;
- c) quase tudo é comprado no Walmart;
- d) o sul dos Estados Unidos possui muitas armas.

Além dos exemplos de estereótipos elencados por Renata e sua parceira Cris, elas dimensionam o valor de verdade ou não dos estereótipos vistos nas charges, todos eles resvalam na identidade nacional como pode ser visto no Apêndice 2. Essa sensação de verdade reitera a força performática da iterabilidade e citacionalidade convergentes para a noção de país, ou seja, um lugar com sujeitos que têm mesmos hábitos, costumes, línguas. Tal sensação é esperada da constituição da identidade nacional.

Segundo Rodrigues,

A cultura (como representação de hábitos) é entendida como a aprendizagem de informações culturais acerca de um povo, informações estas engessadas e que simplificam os múltiplos componentes culturais de um povo, dando espaço à criação de estereótipos que, mesmo sendo positivo, tem o caráter de limitar a vivência de uma cultura específica, dificultada por meio de generalizações. (p. 60-61, 2013)

Ao apreender informações e, conseqüentemente, cultura de outros países por um falante, morador dele podemos confirmar a imagem que já havia sido construída performaticamente entre nós, sujeitos linguísticos e culturais e os aparelhos de poder que pulverizam as noções, hábitos e costumes para sedimentá-los em generalizações.

O que percebemos é que o teletandem, principalmente a mediação conduzida pelo professor-mediador, tem o caráter de não limitar a vivência transcultural. Esta mediação estimula (ou deve estimular) a abertura de fronteiras, o questionamento das culturas e o respeito pelas diferenças dos hábitos (estereótipos) culturais-nacionais.

O próximo quadro-diário é de Julia que trouxe uma ponderação acadêmica além do objetivo da pesquisa.

Trecho do diário de Julia de 03/04/18

Não houve nenhum tipo de preconceito. E o que me chamou atenção a diferença no significado de alguns gestos.

Trecho do diário de Julia de 10/04/18

Não houve devido aos meus problemas de saúde.

Trecho do diário de Julia de 17/04/18

Abordamos estereótipos e questões culturais através da atividade da tirinha que havia sido proposta.

Trecho do diário de Julia de 24/04/18

Finalizamos de maneira tranquila.

Quadro 26: Questões culturais nos diários de Julia. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 22/08/18.

O quadro diário completo de Julia mostra sua rápida síntese (pleonasma para evidenciar seus relatos) e dizer que um dos problemas da linguagem informal do espaço do teletandem produz essa superficialidade de informações. Mesmo com o enunciado carregado de 5 perguntas, Julia não se ateve a respondê-las.

Um ponto importante para a pesquisa é prever isso (a superficialidade de respostas) tal como elencado por Souza (2016) e termos mais dados para conseguir analisar Julia como participante desse espaço telecolaborativo de pesquisa.

O próximo diário é o de Tati.

Trecho do diário de Tati de 03/04/18

Nessa parte ainda continuamos discutindo sobre a vinda dele ao Brasil, insisti ao dizer para ele que o país não é só festa e mil maravilhas, concordei com a beleza natural do Brasil, e não pude negar que os brasileiros são mais felizes e animados do que certos povos, porém não 24 h por dia. Percebi que ele não sabe os lados negativos do país, e parece não saber muito bem a realidade na qual estamos. Para ele aparenta ser festa o tempo todo, tanto que está muito animado para ir para São Paulo nos bares e assistir os jogos na Copa do Mundo e ir para o Rio de Janeiro visitar as praias. Discutimos também um pouco sobre a culinária brasileira e expliquei para ele sobre os ovos de chocolate.

Trecho do diário de Tati de 10/04/18

Sobre aspectos culturais falamos um pouco a respeito de filmes, salários, empregos, violência, valorização de pesquisas e manual, algumas comidas, religião e novamente sobre a vinda dela para o Brasil, focamos dessa vez um pouco mais no que ele vai estudar, quais os planos futuros e também ele se interessou em saber se eu gostaria de conhecer o país dele ou pra onde gostaria de ir fora do Brasil, assim como pra onde fui dentro do Brasil. Creio eu que os aspectos de sotaque e expressões se encaixariam no cultural. E para finalizar, algo que me chamou muita atenção foi a “homenagem” que eles fariam na universidade para a ativista Marielle, que foi assassinada. Ele disse que teriam algumas músicas e poesias sobre o acontecimento e lamentou a situação no país e também a dos EUA, pois segundo ele isso também ocorre lá.

Trecho do diário de Tati de 17/04/18

Nessa interação falamos sobre nomes, e suas origens, ele disse que meu nome não é comum nos EUA, e falamos sobre a origem dele do meu sobrenome também, assim como o nome dele e dos seus familiares. Um ponto curioso foi que o nome de algumas pessoas na família se pronunciava de uma forma nos EUA e outra no México, uma vez que sua família é mexicana. Abordamos também um assunto de novelas mexicanas, disse algumas famosas no Brasil, e pra minha surpresa ele não sabia de quase nenhuma, e então expliquei pra ele que aqui no Brasil nós assistimos muitas novelas e em geral adoramos o México. Conversamos também sobre alguns cantores brasileiros e as aulas dele de português, além de falar sobre outros idiomas, como o francês e espanhol.

Trecho do diário de Tati de 24/04/18

Discutimos sobre as charges de estereótipos, falamos sobre basicamente sobre a visão das

peças de um país sobre o outro, sua população e sua cultura, foi bem interessante saber a opinião dele sobre o Brasil e poder dizer a minha sobre os EUA, e também falamos sobre alguns países da Europa e México, chegamos a conclusão que a visão de pessoas mais velhas é mais ultrapassada e exagerada, e pessoas mais novas tem uma visão um pouco mais “correta”, até mesmo pela facilidade da comunicação e acesso as informações.

Trecho do diário de Tati de 26/04/18

Falamos como funciona o dormitório na universidade dele, sobre a apresentação que ele teve em português e sobre o que fizemos durante a semana. Uma questão muito interessante que conversamos foi sobre a cor de pele, ele disse que nos EUA ele não é considerado branco por ser de família mexicana, e disse que provavelmente eu também não seria considerada. Apenas americanos e europeus são considerados brancos. Eu disse que no Brasil ele seria considerado branco e eu também sou. Discordamos com esse fato dos americanos não considerarem tais pessoas brancas, e se autoneomarem “americanos” uma vez que não há só eles no continente americano. Depois nos despedimos e encerramos as interações.

Quadro 27: Questões culturais nos diários de Tati. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 22/08/18.

O cenário político do Brasil e dos EUA fica em evidência nas interações. A circulação midiática das políticas de cada país e entre si está recheada de estereótipos para o fortalecimento de quem está na política atualmente. No Brasil, o fortalecimento da direita cria e resvala em estereótipos do branco como o rico e intelectual, portador de armas em detrimento do negro, pobre, desfavorecido intelectualmente e vítima de muita violência.

A citacionalidade dessa pesquisa de doutoramento aparece explicada no relato da interagente Tati, quando ela explica o que fizeram na interação, ao discutirem as charges selecionadas para discussão.

“falamos sobre basicamente a *visão das pessoas de um país sobre o outro*, sua população e sua cultura, foi bem interessante saber a opinião dele sobre o Brasil e poder dizer a minha sobre os EUA”. (Diário Tati, 24/04/2018)

Nos diários, instrumentos geradores de dados feitos somente pelos interagentes brasileiros, costuramos ideias, estereótipos, interpelação e ideologias expostos, enunciados nos outros instrumentos geradores de dados como os questionários (Q1 e Q2) e a mediação após a interação do dia 10/04/18, única mediação gravada pela questão do cronograma.

Tati e seu parceiro concordam e evidenciam um estereótipo que ainda não tinha ganhado fala, a diferença entre pessoas mais velhas e novas e suas valorações culturais. Isso aparece em “chegamos a conclusão que a visão de pessoas mais velhas é mais ultrapassada e exagerada, e pessoas mais novas tem

uma visão um pouco mais “correta”, até mesmo pela facilidade da comunicação e acesso as informações”. Percebemos nessa fala comum aos dois que eles percebem um tom desrespeitoso nas pessoas mais velhas que são exageradas e ultrapassadas na sua maneira de enxergar a cultura. Conseqüentemente, o uso de estereótipos por eles pode indicar desrespeito, exclusão.

De modo sintético e global, compartilhamos da perspectiva de Salih (2015), leitora de Butler, quando ela diz

Ao viver dentro de uma dada cultura, não há possibilidade de nossa escolha ser inteiramente “livre”, e é bem possível que a escolha de nossas roupas metafóricas se ajuste às expectativas ou talvez às demandas de nossos amigos ou colegas, mesmo sem se dar conta. A cultura disponibiliza o conjunto de roupas, o trabalho, status, origem social. (SALIH, 2015)

A citação de Salih (2015) dialoga fortemente com o que vemos nos dados: a cultura na sua amplitude e complexidade disponibiliza a cada sujeito inserido num determinado contexto sua formação ideológica. Tal formação o faz repetir estereótipos com a característica de respeitá-lo ou não diante da marcação de diferença com outras culturas em contato.

Após a apresentação dos diários dos nossos quatro estudos de caso, passamos à transcrição da mediação coletiva, mediação que aconteceu com esta mediadora-pesquisadora, com os alunos estrangeiros e sua professora.

4.5 Estereótipos na mediação com os estrangeiros

Este último instrumento gerador de dado aconteceu no dia 01/05/2018, feriado aqui no Brasil. Como explicado no capítulo 3, Metodologia de análise dos dados, a intenção ao criar este instrumento era colocar frente a frente os interagentes brasileiros e estrangeiros para confrontar a percepção de estereótipos através das interações que acabavam de finalizar.

Uma vez que a data para a última interação foi cumprida com despedidas e fechamentos, a mediação coletiva, chamada assim por abarcar os dois blocos de interagentes, aconteceria numa data combinada.

No dia 01/05/2018, terça-feira, dia que ocorria as interações, foi feriado no Brasil. O feriado provocou a confirmação da mediação para o dia 30/04, mas a professora de lá não se conectou. Entrei pelo link do Zoom que já havia enviado aos interagentes daqui e para a professora e aguardamos. Como não havia mensagem dela pelo Skype, pelo WhatsApp e não respondia às ligações, realizei a última mediação com os brasileiros que puderam se conectar, já que a véspera do feriado proporcionou viagens para vários dos alunos.

Essa mediação não foi utilizada para esta tese porque não houve novos dados. O que os interagentes responderam acerca de estereótipos já estava demarcado nos outros instrumentos geradores de dados.

No mesmo dia 30/04, a professora de lá entrou em contato, uma hora depois do horário combinado, desculpando-se por não ter acessado o link. Diante disso, marcamos a mediação coletiva para o dia seguinte, 01/05/2018, dia de aula deles.

Enviei mensagem para os interagentes brasileiros, convidando-os, mas nenhum acessou o link.

No dia 01/05/18, às 17h30, iniciamos a mediação. Pudemos aproveitar por cerca de 56 minutos. Eles estavam na sala de aula e conseguiram me ouvir bem.

Iniciei agradecendo a presença e contextualizando a pesquisa. Esta contextualização já havia acontecido pela professora deles no momento de assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), mas agora ouviam por minha voz, com meus objetivos e argumentos.

Abaixo, seguem trechos selecionados para ressaltar as características dos estereótipos na comunicação transcultural.

No início da mediação acordamos o uso da língua portuguesa para esta atividade e que eles deveriam falar o nome antes de discorrer o que foi perguntado.

Med.: Queria que vocês me dissessem quão útil foi o teletandem. Como foram as conversas em relação à cultura. E se vocês acham que há estereótipos que são fortes e recorrentes na conversa de vocês com os brasileiros. Queria ouvir cada um, se possível, falando dessa vivência.

Gustavo	Não é algo novo, mas nos EUA eu vi que muita gente vai fora de sua casa com uns dezoito anos até oportunidades muito longe de suas casas. Não sei se é cultural ou . Eu vi que há muita similaridade entre as duas culturas (brasileira e de El Salvador).
----------------	--

Quadro 28: Fala de Gustavo, mediação com os estrangeiros. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 10/2019.

Nesse primeiro momento de contato com os interagentes estadunidenses, houve uma contextualização da minha parte explicando o porquê de estarmos reunidos online. Após isso, certo silêncio perdurou por alguns poucos minutos, fato que pediu que eu reelabora-se a pergunta para as que descrevi acima.

Era o momento de aproximação também, como visto nas interações iniciais. Então, confirmava ou refutava, contextualizando, as falas que vinham dos interagentes.

Professora estrangeira	Eu acabei de pensar em outra possibilidade. Uma coisa que eu sempre trabalhei foi dois programas de Simpsons. Quando os Simpsons viaja para o Brasil. Você lembra? Você não lembra?! Então eles vivem cada estereotipo possível sobre o americano ignorante e sobre o brasileiro erótico que só pensa em futebol e praia. Isso é muito interessante. A gente podia trocar clipes com os alunos pra ver até onde chegam esses estereótipos
-------------------------------	---

Quadro 29: Fala da Professora, mediação com os estrangeiros. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 10/2019.

A fala da professora é diretiva para o tema desta tese. Ela exemplifica estereótipos pela visão do americano quando viaja para o Brasil. Ao trazer esse exemplo precisa da confirmação que a pesquisa o conhece, o que não acontece. Prontamente, isso a faz contextualizar duas grandes imagens entre Brasil e Estados Unidos: o americano ignorante e o brasileiro erótico, do futebol e da praia.

Lançar esses dois estereótipos era a possibilidade de pensar outros que foram elencados ou não nas interações, mas não deixavam de estampar as visões culturais entre esses países, novamente, em comparação.

Na função de professora, ela elabora uma provável atividade entre os interagentes para ver “até onde chegam esses estereótipos”, ou seja, as características que definiram seu uso e efeitos.

Na sequência, Ruby toma a palavra para definir estereótipo e retoma a ideia do estadunidense ignorante, estúpido.

Ruby	Penso que em relação aos estereótipos as pessoas tem uma ideia sobre as pessoas de outros países antes de é ... (incompreensível). Por exemplo, meu parceiro e me falar como nós pensamos que o brasileiro ia pensar sobre mi. Eu pensei que os brasileiros pensar que o americano é estúpido (riso), ignorante, ignorante?, que não teria respeito pela idade. Mas penso que não é como nós pensamos. Eu penso que para nós é mais fácil que viajar para outro país. Pareceria que eu sou mais sofisticada, mais civilizada que os outros. Se viesse para cá, talvez achassem que ele é aculturalizado.
-------------	--

Quadro 30: Fala de Ruby, mediação com os estrangeiros. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 10/2019.

O riso ao falar estúpido é sua forma de cuidado ao adjetivar, de forma generalizada, os “americanos” diante de vários deles.

Ruby ressalta que estereótipo é “ter uma ideia sobre as pessoas de outros países antes de”, a expressão antes de incita a pensar uma concessão, um estar generalizado do estereótipo nacional-cultural antes, possivelmente, do contato real com um representante da cultura da qual se pensou, se imaginou via estereótipos.

Outro aspecto singular é a quebra, constatada, desse estereótipo do americano estúpido, ignorante, mas que viaja facilmente e, por isso, é mais sofisticado, mais civilizado levando à comparação que “talvez achassem que ele é aculturalizado” por não viajar tão facilmente.

A expressão aculturalizado é valorativa e interpelativa para indicar a maneira de comparar as culturas nacionais na parceria. Cabe indicar que o termo aculturalizado tem uma definição distinta da que parece empregada por Ruby. Para Coelho (2004), aculturação é

(...) resultante de uma pluralidade de formas de intercâmbio entre diversos modos culturais – cultura erudita, popular, empresarial, etc. – que geram processos de adaptação, assimilação, empréstimo, sincretismo, interpretação, resistência (reação contra-cultural), ou rejeição de componentes de um sistema identitário por um outro sistema identitário. Modos culturais compósitos, como operas

montadas em estádios de futebol, espetáculos de dança moderna apoiados em manifestações de origem popular, como jazz, exemplificam processos de aculturação ou de culturas híbridas (p. 36)

Na fala de Ruby, aculturalizado parece indicar que o parceiro não tem a cultura “prevista”, imaginada, vivida pelo espaço onde ele estará, caso viaje. Mesmo que Ruby tenha usado o termo aculturalizado dentro da definição de Coelho (2004), essa cultura plural, híbrida do parceiro seria diferente da cultura local, nacional onde ele se inscreveria via viagem.

Prof.	Eu vou falar do Jack que não tá aqui hoje. Pra ele foi impossível imaginar uma pizza que fosse doce. (risos). Aí isso virou tema de todas as semanas, rodízio de pizza, pizza doce e não sei o quê.
--------------	---

Quadro 31: Fala da Professora, mediação com os estrangeiros. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 10/2019.

Mais uma vez¹³ a pizza é tematizada como um elemento cultural em comparação. A dificuldade de Jack imaginar uma pizza doce indica que esse elemento ainda não foi estereotipado, sedimentado culturalmente a fim de circular, via globalização, como um índice de brasilidade como acontece com o futebol, a praia e o erotismo dos brasileiros, como salientou a professora, em seu excerto acima.

Gustavo	O que eu não sabia é que os brasileiros assistem novelas mexicanas, que as novelas mexicanas são muito populares no Brasil. Eu não sabia (risos).
Med.	Olha é interessante porque não é todo mundo que assiste né?! Mas tem uma emissora, um canal de TV que coloca as novelas pra passar durante a tarde, principalmente, então essas novelas fizeram muito sucesso aqui no Brasil e hoje não tem tanta novidade mais, já tem um tempinho que elas entraram na TV brasileira. (...) Tem outra emissora que produz as novelas. É acho que nós gostamos de novelas. Eu to

¹³ Mais uma vez porque ela foi tema de uma das transcrições de interação estudadas na dissertação de mestrado. A partir disso, elencamos que a pizza é um elemento cultural híbrido. (BUVOLINI-FREITAS, 2015).

	tentando não generalizar mas a gente tem um número significativo de pessoas que assistem novelas. Vocês assistem? Já assistiram alguma nossa?
Gustavo	Sim, é eu assisti o 3%
Med.	Uh, é uma série.
Gustavo	Eu empecé assistir a segunda temporada ontem. Muito boa.
Med.	A gente, to falando a gente as pessoas que são próximas a mim, assistem muitas séries americanas.

Quadro 32: Fala de Gustavo e mediadora, mediação com os estrangeiros. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 10/2019.

Nesse momento da mediação com os estrangeiros, há uma contextualização através da mediadora acerca da generalização que “os brasileiros assistem novelas mexicanas”, “que as novelas mexicanas são muito populares no Brasil”.

A fala sobre as novelas mexicanas vem com sorrisos indicativos de surpresa e possível categorização com a produção vasta desse gênero melodramático no México. A categorização pode ser o povo brasileiro se assemelha com o mexicano a partir da representação social e cultural deste último em relação ao gênero telenovela.

Gustavo, esse interagente, expressa diante da pergunta da mediadora, que assiste à série brasileira 3%, distanciando-se do gênero telenovela, e das temáticas melodramáticas que as envolve, uma vez que essa série expõe a temática de ficção científica com o fim do mundo e a possibilidade de 3% da população viver em outro planeta.

A próxima participação é de Cormac.

Cormac	Já lembrei umas coisas. Lembrei de uma conversa que nós tínhamos ah dos países conservadores e liberais. A Roberta achava que os EUA era um país bem conservador e nós falávamos porque ela achava isso. era algo que eu não tinha considerado antes porque para mim é como se você fica tem uma ideia dos outros países mas não tem uma ideia comparativa da sua país necessariamente. Foi interessante como ela falava sobre o machismo do Brasil, o sexismo, o racismo. Mas isso foi como ela definava o liberalismo, o conservadorismo. Ela estava falando mais de uma forma econômica que foi diferente de como eu percebia o conservadorismo, o liberalismo
---------------	---

	que foi mais social.
Cormac	Antes das nossas conversas um conceito do Brasil, de raça no Brasil que percebia que era diferente a definição da raça entre os EUA e o Brasil, mas as conversas que eu tinha com ela me faziam pensar que a noção da raça era mais singular que pensava antes. Porque na literatura ética enfocam nas diferenças entre os conceitos das raças dos dois países. Mas quando eu falei com ela eu pensei que eram mais semelhanças que diferenças.
Med	Você percebeu algum estereótipo negativo?
Cormac	Eu não percebe um estereótipo que ela tinha sobre os EUA que eu achava que foi ruim ou errado. Mais que política ela não falava muito sobre as suas estereótipos frente dos EUA.

Quadro 33: Fala de Cormac e mediadora, mediação com os estrangeiros. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 10/2019.

A participação de Cormac é balizada com a recordação das interações feitas com a parceira Roberta.

Há em sua fala o binarismo com os temas postos em cheque pela comparação: conservadorismo x liberalismo; a política brasileira x a política estadunidense; a raça vista por aqui x a raça vista por lá.

A questão da raça é a que traz uma quebra de estereótipo. Cormac deixa claro que, ao conversar com uma brasileira negra, sua noção de raça no Brasil se altera, ele troca as ideias tidas na literatura ética para ficar com a fala real de uma representante da raça negra.

Sua participação elenca o fator positivo da interação síncrona do teletandem. Nesse contexto, as questões culturais estereotipadas ficam em foco para ser revistas, apropriadas, menos sedimentadas só pela ideia. Há pela fala do outro uma constatação. Pela aproximação da parceria, pelo espaço do teletandem é muito provável, inclusive pela fala dele “eu pensei que eram mais semelhanças que diferenças”, que Roberta tenha-o interpelado, fazendo-o aceitar sua fala.

A participação de Alex também esbarra na questão da raça. Ele confirma que sua parceira Taís ficou com a ideia ou nomeou sua cor como branca, sendo que ele não se considera assim por ser mexicano. Há aqui um forte estereótipo nacional: ser mexicano é não ser branco, como exposto no quadro abaixo. O fato da parceira vê-

lo como branco, mesmo sendo mexicano, pode indicar a pluralidade racial na qual ela está inserida, o Brasil múltiplo em cores.

Alex	Uma coisa sobre minha parceira. Ela pensava que eu era da cor branca e aqui nos EUA eu sou moreno, eu sou mexicano e (levanta o ombro). Ela era interessante para falar dessas coisas
Med.	E vocês conseguiram conversar sobre isso mais a fundo?
Alex	Sim, mas eu ... ela ainda pensava que eu era branco (faz o sinal de aspas com a mão ao falar branco). (Risos dele, dos outros e da mediadora)

Quadro 34: Fala de Alex e mediadora, mediação com os estrangeiros. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 10/2019.

Após a pergunta da mediadora para Alex, há uma constatação de que para ele ela ainda o achava branco, destoando de como ele se identificava e também como o meio poderia tê-lo interpelado a pensar assim.

A terminação de Alex termina com sorrisos dele e de todos os participantes indicando como a mediação coletiva é um instrumento necessário para que essas questões possam ser mais problematizadas. Faltava nesse momento a parceira que poderia confirmar sua visão racial sobre ele.

A próxima participação é de Rhys, parceiro de Laís.

Rhys	Minha parceira foi Laís e Laís conhecia estereótipos de Texas e não sobre o Sul da América, dos EUA, porque eu sou de estado do Sul, mas quando eu é essas pessoas são considerados “Termo em inglês”, ela disse que achou que todas as coisas que eu tenho ensinado foi sobre o Texas. Aparentemente, é de Netflix e TV.
-------------	---

Quadro 35: Fala de Rhys, mediação com os estrangeiros. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 10/2019.

Rhys é direto ao responder minha pergunta sobre como o estereótipo apareceu nas interações. Ele apresenta sua visão/impressão sobre a parceira achar que tudo que ele falava provinha do Texas, conseqüentemente, ele acredita que o conhecimento dela sobre o Texas adveio de programas da Netflix e TV.

Essa fala demonstra que, no final do processo de interação, ele não ficou satisfeito com o fato da referência a “achou que todas as coisas que eu tenho ensinado foi sobre o Texas”. Sua fala pode ter acontecido pelo contexto da mediação com todos reunidos e a mediadora lançando questões pontuais sobre estereótipos ou porque foi sua sensação durante as interações com Laís. Laís não identificou esse regionalismo em seus dados (mediação, diário e questionários).

Diante desse exposto, esse dado com o parceiro estrangeiro se constrói inovador e muito necessário a fim de comparar, ajustar os enunciados, as compreensões sobre o outro.

Cris	Também semestre passado eu tive uma amiga que mora comigo. Ela é francês mas come MC'Donalds todo dia (risos). penso que é engraçado, mas também eu penso já é alguma coisa interessante. algumas comunidades alternativas como os mormons e eu pensei que é engraçado pq os mormons no Brasil (interferência).
Med	Os mórmons? Numa relação com a religião, né? Aqui vemos jovens, a maioria, homens, que vem dos EUA para passar de casa em casa falando sobre a religião que acho que tem um nome, não lembro agora. Religião dos mórmons parece mais informal.
Cris	Penso que aqui eles são mais extremistas do que você descreveu.
Prof.	Quem quiser saber mais dos mórmons podemos fazer outra sessão de Zoom porque sou expert. Posso falar por horas e horas e horas. (riso)

Quadro 36: Fala de Cris e mediadora, mediação com os estrangeiros. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 10/2019.

A fala de Cris ressalta o estereótipo do MC'Donalds representar diretamente os estadunidenses. Ela acrescenta uma vivência importante na globalização dessa marca alimentícia, ou seja, conhecido globalmente, não só os estadunidenses comem muito seus lanches, até a amiga francesa comia todos os dias. Esse fato é trazido como engraçado por Cris. Ser engraçado pode representar a cultura se hibridizando, saindo dos contornos de ilhas nacionais e a interpelando para novos olhares.

A próxima e última fala é de Gustavo, que fala para responder as perguntas feitas pela mediadora no início da mediação. Sua fala é conclusiva do nosso momento/tempo de mediação.

Gustavo	Não vi estereótipos, mas vi que a cultura é muito mais parecida porque nossa geração está muito mais conectada pela rede social, a internet, então, estamos vendo tudo por todo mundo. Então é muito parecida.
Med	Entendo, a gente sente isso também. Acho que por conta da globalização.

Quadro 37: Fala de Gustavo e mediadora, mediação com os estrangeiros. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 10/2019.

A percepção de Gustavo sobre estereótipo e cultura é muito pertinente ao que esta tese foca: não há percepção clara de estereótipos e há uma consideração generalizante pela maioria dos interagentes, corpus desta pesquisa, de que as culturas são mais parecidas entre si devido à rede social, à internet que mostra os índices culturais para todo mundo. A questão é como recebemos essas informações e o que fazemos com elas, deflagrando o quanto a ideologia e a interpelação estão envolvidas na recepção, apropriação e propagação de culturas.

Finalizei a sessão agradecendo a contribuição de todos, convidando-os a participar do próximo teletandem, no próximo semestre.

Os estereótipos listados por essa outra parcela de interagentes, os estrangeiros, foram:

1. os americanos saem de casa aos 18 anos;
2. o americano ignorante x o brasileiro erótico, do futebol e da praia;
3. a que tem facilidade de viajar x o acultural;
4. popularidade das novelas mexicanas no Brasil x popularidade das séries americanas no Brasil;
5. EUA conservador x Brasil liberal/
6. Branco nos EUA x moreno mexicano;

Dessas imagens do outro, o estereótipo do americano ser grande consumidor de MC'Donalds, na fala "Ela é francês, mas come MC'Donalds todo dia (risos)", confirma a amplitude e efeito da globalização: o MC tem sua origem nos EUA, mas ganhou muitos consumidores de outras nacionalidades. Essa mistura simbiótica externaliza a interpelação por ser via linguagem e hábitos nacionais.

ANTROPOFAGIA DO DIZER - RESULTADOS

Desde a escrita da dissertação de mestrado, tratar das subjetividades dos sujeitos que praticavam/participavam do teletandem ficou como um questionamento implícito ao que era mais visível naquele momento. O mais visível para esta pesquisadora era a composição de uma parceria transnacional com uma finalidade específica para essa junção: aprimorar a língua estrangeira pelo uso com o parceiro estrangeiro. Ao observar como essas interações aconteciam, percebi que os interagentes começavam as interações elucidando as características de seu país ou para responder à curiosidade do parceiro diante dessa nacionalidade ou para se apresentar como diferente dele. Portanto, nesse cenário, o que ficava visível era a expressão, por meio do discurso, das identidades marcadas pelas diferenças culturais.

Após analisar os dados de interações de teletandem no mestrado, percebemos que dois movimentos engendraram a constituição identitária e subjetiva de tais participantes: esses pertenciam a sua nacionalidade ao falar de “verdades nacionais” vividas e também se deslocavam para somar a sua nacionalidade marcas, formas de ser, costumes, valores da nacionalidade do parceiro.

Por isso, na própria dissertação do mestrado elencamos estudos da psicóloga Suely Rolnik capazes de demarcar a porosidade subjetiva dos sujeitos diante das referências, das falas, das vivências do outro. Essa constituição subjetiva via alteridade no teletandem é possível pelo processo antropofágico, ou seja, consciente ou não o sujeito interagente escolhe o que quer que pertença a si como característica, ideologias, valor do outro, por isso, ele também escolhe, usando do princípio de autonomia do teletandem (TELLES & VASSALLO, 2009), como discutir determinados assuntos nas interações.

No momento da mediação, momento que acontece com os grupos de interagentes brasileiros, há novamente um momento para discussão e escolha de conceitos, ideias, práticas que formam e/ou formarão esses sujeitos que falam e ouvem os demais interagentes e o mediador que tende a tratar de assuntos linguísticos e culturais de maneira pedagógica e respeitosa.

Os dados da mediação gravada só com os brasileiros demonstram como a função do mediador é capaz de alertar e discutir posturas e posições que, muitas vezes, não são percebidas pelo interagente.

Segue o quadro abaixo com as falas da mediadora-pesquisadora na mediação só com os brasileiros. Essa mediação aconteceu após a interação, no laboratório do teletandem junto ao CLDP da Unesp de Assis.

Com quem e quando	Falas do mediador
Fonte 10/04/2018 - Tati	Med.: E você estranhou alguma coisa que ele disse além da Marielle?
Fonte 10/04/2018 - Tati	Med.: Quando ele falou que lá também tem violência, você estranhou ou não, já era algo que você imaginava?
Fonte 10/04/2018 - Laís	Med.: e como vc acha que ve o mundo de outra forma?
Fonte 01/05/2018 – Med. Coletiva	Med.: Queria que vocês me dissessem quão útil foi o teletandem. Como foram as conversas em relação à cultura. E se vocês acham que há estereótipos que são fortes e recorrentes na conversa de vocês com os brasileiros. Queria ouvir cada um, se possível, falando dessa vivência.
	Vocês usam a língua falando de cultura. A gente percebe, por exemplo, no meu caso que tô pesquisando sobre estereótipo, que é muito comum usar os estereótipos no começo das interações para apresentar o país onde moram, onde tá estudando. Então eu queria ver com vocês se vocês acham que tem um tom positivo ou um tom preconceituoso, se vocês sentiram em algum momento que foram ahhh que a cultura de certa forma foi desvalorizada ou não. Os interagentes daqui eles não sentiram isso. Eles acham que não acontece um estereótipo preconceituoso. Mas a ideia é ver como vocês sentiram isso.
	Você achou que aquela atividade com as tiras, as charges representou seu país?
Med. coletiva, 01/05/18, 16'24	Se vocês descobrirem alguma coisa sobre o Brasil que foi legal ou que causou um estranhamento, Nossa! né?! Talvez em relação à comida ou alguma prática do dia a dia, ah, não sei, alguma coisa sobre cidades, as nossas questões políticas. O que acharam estranho e conversaram durante essas interações

Quadro 38: Falas da mediadora. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 10/ 2019.

Há também um quadro com a fala da professora estrangeira, no momento da mediação com os alunos estrangeiros, a mediadora daqui e ela. Essa professora, também mediadora de questões linguísticas principalmente, sugere ações pertinentes para a temática da tese e para a prática do teletandem, inclusive é uma forma para lidar com o que foi dito por Alex na p. 160.

Prof.	Eu já pensei como seria interessante explorar esses estereótipos de uma sessão de tt para outra, de um semestre para outro para encontrar até que ponto nós temos estereótipos nós mesmos, de nossa cultura
-------	---

	<p>e acabamos passando isso para nossos parceiros. Eu nasci em , que é o MG daqui dos EUA. Vamos dizer eu falo para meu parceiro: Todas as pessoas de Uni são assim, assim, assim que é o meu estereotipo. Daí essa pessoa brasileira vai ficar isso pro futuro. Seria interessante revisitar o conteúdo das conversas pra ver se um parceiro futuro de tt poderia ensinar uma pessoa de Boston “Ah não, uma pessoa de Uni tararara...” pra ter diferentes perspectivas.</p>
--	--

Quadro 39: Fala da Professora, mediação com os estrangeiros. Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 10/2019.

Por isso, é pela interpelação do mediador que a falta de percepção do interagente sobre suas ideologias e a do parceiro torna-se referência para que possamos pensar questões como o uso dos estereótipos na comunicação transcultural.

É na mediação que podemos discutir, com mais tempo, percepções dos outros, como podemos dizer determinados assuntos que são complexos sem demarcar uma única forma de ser, dizer, fazer. É também com o mediador que as estranhezas sentidas na interação podem ser desfeitas e a autonomia pode ser conquistada, uma vez que pela formação dada ao mediador através de cursos além de sua vivência no contexto do teletandem, ele se equipara didaticamente de suportes teóricos e pedagógicos para auxiliar o interagente na sua prática de duplo sentido: auxiliar o outro e a si mesmo.

Rolnik assevera que

Assumir e reafirmar a ética antropofágica como legado da tradição brasileira, é descartar qualquer ideia de identidade nacional. À primeira vista, isto pode parecer paradoxal, mas não o é se entendermos que, pensando nestes termos, o que rege a formação das obras de cultura e de existência no país, é exatamente a mistura. Não uma mistura que faria nascer novas identidades, agora mestiças, mas uma incansável e variada mistura, que implica sempre em devir-outro. Assim, regidos por aquilo que tenho chamado de “princípio antropofágico de individuação”¹, os brasileiros tenderiam a não caracterizar-se por qualquer espécie de representação substancializada de si, para serem, ao contrário, aquilo que constantemente os separa de si mesmos, seja qual for o contorno da autoimagem em funcionamento e por mais sedutora que ela se apresente (s.p)

Ainda com as ideias de Rolnik (2009), contornamos o efeito da interpelação pedagógica e crítica do mediador preocupado com questões culturais complexas e marcadoras de identidades nacionais como percebemos com os estereótipos culturais-nacionais, elemento de representação.

Antes de mais nada, expondo-se verdadeiramente ao outro, até para avaliar quem é que se vai comer (antropofagia). Mas expor-se de modo a poder fazer esta avaliação é muito mais do que o respeito bem educado pela alteridade. É preciso deixar-se afetar pelo outro, até para saber se degluti-lo tenderá a nos trazer força ou o risco de murchar. E se este outro revela-se como promessa de iguaria e decidimos tragá-lo, impossível sairmos desta excêntrica refeição idênticos a como chegamos. (...) Para que esta postura face ao outro seja possível é preciso desejar a diversidade, encantar-se com o desconhecido. É preciso suportar a turbulência que a sopa antropofágica promove na alma, até que o outro seja digerido e um novo contorno de si ganhe consistência. É preciso ter jogo de cintura para improvisar este novo contorno com qualquer linguagem que se tiver ao alcance, sem preconceitos (ROLNIK, s.p.)

Com esse arcabouço teórico, Rolnik explicita o possível efeito da mediação interrelativa através da performance de um mediador que vise uma alteridade realmente afetada pelas culturas diferentes em contato no teletandem.

Nessa excêntrica refeição de diferenças, o mediador será o garçom apresentando a diversidade e provocando cada cliente a degustar de determinada comida/cultura. O cardápio será representado, analogamente, com a ideia de cartografia de Rolnik (1989) que a fez baseada em Foucault (1987) e Deleuze (1995). Essa cartografia será explicada na próxima seção porque responde à segunda pergunta desta tese e à proposta de uma nova teoria em Charmaz (2009). Não será uma nova teoria, mas uma forma de trabalhar no contexto de telecolaboração transcultural.

A partir dos instrumentos geradores de dados analisados na seção anterior, pudemos, de fato, evidenciar o que se pretendia e se esboçou no início dessa tese. A escolha das teorias Teoria Fundamentada dos Dados (Charmaz, 2009) e da Teoria da Performatividade (Butler, 1991,2004) e seus elos teóricos puderam evidenciar:

- a) que o teletandem inova como espaço de uso das línguas ao sustentar uma prática linguística permeada pela autonomia, separação de

línguas e reciprocidade capazes de tornar o falante responsável pela aprendizagem para si e para o outro mais atraente e significativo no seu processo subjetivo de alteridade. Nossa subjetividade é construída pelo contato com o outro (ROLNIK, 1997).

- b) a forma de propor aprendizagem e ensino como complementos do uso e aprofundamento nas línguas materna e estrangeira acontece com eficiência quando olhamos a prática da interação e mediação no teletandem como atos performativos, por isso, podem trazer o tipo de discussão que realizamos nessa tese. Uma vez que as interações tematizam as culturas em contato, as formas de ver, compreender essas culturas são trazidas pelos performativos, pelo uso do verbo ser, pela característica identitária que perfaz a marcação das diferenças de nacionalidades em contato.
- c) a constituição do interagente pelo trânsito e confluência de língua e subjetividade do outro os quais tendem a exercer poder enunciativo de verdade, ou seja, participa das práticas propostas pelo teletandem fomenta a discussão de ideologias mostradas no dizer, no uso da língua. Ao discutir com o parceiro certas ideologias ou mesmo signos ideológicos, há a possibilidade de ressignificar sua maneira de ver – noção básica do estereótipo – os países/nações em contato- contraste já que tomamos como alicerçante a noção de identidade calcada na diferença (WOODWARD, 2013).

Através desses objetivos concretizados na prática do teletandem, o grupo participante dessa pesquisa teve, ao discutir acerca do uso dos estereótipos na comunicação transcultural online nas mediações, diários e questionários, uma vivência mais atenciosa à valoração das culturas. Essas discussões feitas pelo dizer, pela fala podem seguir sedimentando características culturais-nacionais como características sociais representantes de determinada nação sem esbarrar, necessariamente, em características (estereótipos) que pretendem, no ato linguístico, desrespeitar, desvalorizar, desprestigiar. Essa análise se deu a partir dos efeitos e qualidades dos dados analisados.

Os estereótipos são resultados de performances repetitivas sobre identidades culturais como visto na recorrência de estereótipos nos dados. Na mediação, os estereótipos podem ganhar novas características e funcionar como um quadro regulatório não excludente da comunicação transcultural.

Para isso, o mediador precisa contextualizar a recorrência dos estereótipos culturais-nacionais após a primeira interação. Isso deve acontecer através de exemplos obtidos desta tese e de outras seções de teletandem.

Tornar visível esse índice cultural (estereótipo) é chamar atenção do interagente para as culturas em diálogo e possibilitar que esse esteja mais reflexivo ao como dizer sobre sua cultura e como receberá a cultura do outro.

Por isso, no tocante à interação do teletandem, a maioria dos interagentes analisados usa de estereótipos como **índice da identidade nacional**, como apresentação metonímica de si e do seu país, não como forma de se des/supervalorizar diante do outro. Nessa performance expositiva nem sempre consciente, os estereótipos ganham maior valor diante das trocas de línguas e culturas transnacionais.

Diante dessa outra constatação, indica-se que mediador questione o interagente a respeito das suas imagens sobre sua cultura e sobre a do parceiro e, na sequência das interações, estimule o interagente a problematizar através da expressão “por quê?” as imagens culturais ditas, percebidas, pensadas. O questionamento realizado pelo mediador pode começar com a pergunta “O que você achou estranho na fala do seu(sua) parceiro(a)?”

Explicitando a primeira parte do título desta tese, podemos destacar que o estereótipo se apresenta de acordo com os dados analisados da seguinte maneira:

O estereótipo é:

- ✓ uma generalização em relação às práticas sociais;
- ✓ uma sedimentação em relação às práticas culturais e nacionais;
- ✓ um índice e um símbolo em relação a seu efeito semiótico e pragmático;
- ✓ um elemento de aproximação linguístico-cultural em relação ao teletandem.

Ao estudar a comunicação transcultural, a partir mesmo da noção de transculturalidade e não só interculturalidade, situamos nossa pesquisa no trânsito cada vez mais aberto entre países, práticas econômicas, linguísticas e sociais que tendem a hibridizar os sujeitos na confluência de informações e fazeres sociais, mas não é possível se diferenciar, assumindo uma identidade singular, diante do outro.

Diante do que as características dos estereótipos trazem para o contexto da telecolaboração, especificamente, o teletandem, o valor pedagógico da mediação é o que pode garantir que a quebra de binarismos, a (re)criação de imagens sobre o outro, a criticidade no ambiente transcultural e telecolaborativo e a formação humana e também de professores em pré-serviço que são interagentes aconteçam e

sejam aspectos ampliados e vivificados com o que se espera de um contato eu – outro: aprendizagem profícua, respeitosa e ampliadora em relação à língua (real, por isso, mais informal) e à cultura, o que sintetizamos como uma aprendizagem antropofágica.

Isso pode se dar, seguindo o exposto nesta tese, a partir do que podemos chamar de Cartografia das Identidades no Teletandem. Esta será um material com várias tarefas com o objetivo de despertar no interagente dimensões culturais que serão evidenciadas no teletandem e formas de problematizá-las.

Diferentemente da cartografia tradicional, que traça mapas de territórios e distribuição populacional, nossa cartografia sobre identidades nacionais-culturais faz diagrama sobre nacionalidades, enfrentamentos através de dados do interagente brasileiro e estrangeiro, jogos de poder, agenciamentos via problematização de estranhamentos, enunciados de si mesmo, práticas de reflexão, resistência e transnacionalidade (sua nacionalidade em trânsito global híbrido) e modos de subjetivação.

Por isso, a Cartografia é um efeito desta tese porque é:

- a) suporte à mediação crítica;
- b) consequência teórico-prática como elencado por Charmaz (2009);
- c) tarefas de visualização e reflexão sobre identidades transculturais em contato online.

Para isso, reforçamos a definição de tarefa de Nunam (1989, p. 10), “tarefa é um trabalho de sala de aula que envolve os alunos na compreensão, manipulação, produção ou interação na língua-alvo, enquanto o seu foco de atenção está voltado, principalmente, para o significado ao invés da forma”. São essas noções de tarefa como atividade elaborada pelo professor mediador que propicia uma resposta, a partir da interação, que gere significado não só para a aprendizagem de línguas, mas também para a aprendizagem da cultura e do sujeito que enuncia a língua-alvo.

Na Cartografia teremos um índice de tarefas a partir de situações fornecidas pelo mediador para problematizar estereótipos. A sugestão da Cartografia de Identidades no Teletandem começa com a exposição das charges usadas na atividade do Questionário 2 - Estereótipos em charges e com excertos temáticos extraídos daqui. Essa exposição acontecerá na sessão de orientação e antes da interação, se não presencialmente, através do grupo do WatsApp, no qual os

interagentes poderão opinar sobre cultura, estereótipos, sua nacionalidade e a do outro.

Essa ação pautada na Cartografia de Identidades no Teletandem também inclui a sugestão de expor os dados desta tese para professores mediadores através de oficinas com o intuito de conscientizá-los acerca do uso de estereótipos na comunicação transcultural e promover problematização desse uso e das consequências disso para a Pedagogia de línguas estrangeiras no contexto virtual.

Assim, o mediador pode contribuir, e muito, para a formação crítica dos interagentes. Isso se este mediador abrir o espaço deflagrador de uma discussão mais ampla e profunda acerca das ideologias que levam os sujeitos a dizerem o que dizem no processo de interpelação solicitado pela interação oral. O segundo objetivo desta tese objetiva expor, através de tarefas expostas na Cartografia de Identidades no Teletandem, essa abertura para um mediador e mediação críticos.

É fato que o efeito da globalização já incita um participante das práticas de teletandem muito mais híbrido (BUVOLINI-FREITAS, 2015), mas comprovou-se que o uso de estereótipos nacionais perpassa as interações como um elemento que difere e, por isso, singulariza para que o sujeito possa ter o que falar no movimento constante de comparação estabelecido pelo binarismo do par: eu e minhas características e o tu com suas características, que devido à região geográfica determina que serão outras características, diferentes, singulares como apontou Woodward (2013).

Nesse caminho explicativo-analítico, o que inquietava a pesquisadora “o que fica das práticas de teletandem para quem as pratica?” foi esmiuçado com a relação de antropofagia trazida por Suely Rolnick. É o processo antropofágico, via Teoria da performatividade, somado à Cartografia das Identidades no Teletandem (produto-convite desta tese) que assinalarão aprendizagem crítica a cada indivíduo.

Como esse processo é implicitamente subjetivo, é através da sessão de mediação que podemos problematizar as subjetividades¹⁴ e convidar os participantes a pensar além das imagens culturais sedimentadas que tinham, além das paredes do coliseu, além das noções culturais simbólicas circulantes em materiais didáticos e festas de nacionalidades.

¹⁴ Sobre a subjetividade no teletandem há a tese interessante de Gerson Rossi “A aprendizagem de línguas sob a perspectiva da intersubjetividade em contexto de teletandem”, disponível no site da Unesp: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154306>

Os efeitos dessa pesquisa para a pesquisadora e mediadora desse grupo de interagentes foram pensar sobre:

- como sujeito posto em uma cultura, quais minhas ideias sobre a cultura do outro? Ela é abrangente e se apresenta com um índice de elementos culturais = estereótipos;
- como valido minha cultura diante do que expõe para o outro/parceiro como interagente e mediadora? Inicialmente, como submissa a culturas melhores pela construção econômica e social de países tidos como desenvolvidos e estáveis. Ao interagir com participantes da América Central e do México, essa sensação não foi igual, parece que estávamos semelhantes pelo processo de colonização sofrido.
- como propor reflexão sobre os estereótipos e assim tirá-los (essa é a intenção) da síndrome do colonizado, menor e submisso? Através do diálogo, exemplos de excertos reais, comparações em que quem parece mais dominante culturalmente, assemelha-se conosco.
- Como ser crítico na função de mediador? Entendendo bem o conceito que Derrida lançou e Butler se apropriou da *differance*. Com esse conceito não há cultura hierarquicamente dominante, estamos em comparação linear de culturas e tendem a ser diferentes mesmo para constituir-se como esta ou aquela.
- Qual o efeito da mediação crítica para a Pedagogia de línguas estrangeiras diante do exposto nesta tese? Considerar a constituição subjetiva e identitária de si mesmo, em confronto com outro, para exercer a colaboração no ensino e aprendizagem de línguas com autonomia, reflexão pela diferença e o conhecimento da língua estrangeira em uso, em suas variações e adequações. É norteado pelos usos culturais através da língua que teremos os princípios de reciprocidade e autonomia significados via diálogo.

Assim, essas são as contribuições desta tese para o fazer docente desta pesquisadora e da atuação como mediadora no teletandem, que ultrapassa este espaço, nos deixa em alerta para entender a cultura do outro (entendendo toda a cultura, não só nacional e qualquer que seja o outro) em suas formas de ser, de

dizer sobre si, de constituir-se. Atentar-se para essas formas é buscar compreender a ideologia abarcante dos sujeitos que nos rodeiam e sua historicidade para instaurar o diálogo.

As limitações desta tese são mais dados com os interagentes estrangeiros, a ocorrência da mediação coletiva com os interagentes brasileiros e estrangeiros, mais duas mediações gravadas para acompanhar as impressões sobre os estereótipos nas três primeiras interações. As questões abertas propiciam respostas superficiais, por isso, torna-se necessário melhorar a qualidade das perguntas, contextualizando-as bem para evitar a superficialidade e generalizações nas respostas.

Será importante para validar o estudo sobre estereótipos no teletandem realizar uma pesquisa longitudinal com a experimentação da Cartografia de Identidades no teletandem, apurando os efeitos do uso de estereótipos nos participantes. Longitudinal para mensurar o efeito da contextualização dos estereótipos na prática de mediação crítica e na formação crítica de interagentes, conseqüentemente.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. A transformação da filosofia. In: **A transformação da filosofia seguido de Marx e Lênin perante Hegel**. São Paulo: Edições Mandacaru, 1989.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

ANDREU-FUNO, L. B. A. **Teletandem**: um estudo sobre identidades culturais e sessões de mediação da aprendizagem. Tese de Doutorado. P.P.G em Estudos Linguísticos, UNESP – Universidade Estadual Paulista, 2015.

ARANHA, S.; CAVALARI, S. M. S. Institutional Integrated Teletandem: What have we been learning about writing and peer feedback? **DELTA – Revista de Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, 31(3), 763-780, 2015.

ARANHA, S.; CAVALARI, S. M. S. Teletandem: do Institucional ao Institucional-Integrado. A trajetória do projeto teletandem brasil: da modalidade institucional não-integrada à institucional integrada. **The Specialist**, 35(2), 70-88, 2014.

ARANHA, S.; [LEONE, P. The development of DOTI \(Data of oral teletandem interaction\)](#). In: Darja Fiser; Michael Beißwenger. (Org.). [Investigating computer-mediated communication: corpus-based approaches to language in the digital world](#). 1ed. Ljubljana: University of Ljubljana, Faculty of Arts, 2017, v. 1, p. 172-192.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas: 1990.

BACCEGA, M. A. **Comunicação e Linguagem**: discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELZ, J. A. Linguistic perspectives on the development of intercultural competence in telecollaboration. **Language Learning & Technology**, v. 7, n. 2, p. 68-99, 2003.

BENEDETTI, A.M.; CONSOLO, D.A.; VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. (Org.). **Pesquisas em ensino e aprendizagem no Teletandem Brasil**: línguas estrangeiras para todos. Campinas: Pontes, 2010.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOLOGNESI, R. Da filosofia à educação. **Filosofia, ciência e vida**. Entrevista feita por Fábio Antônio Gabriel, Ano VII, nº 94, maio de 2014, 5-13.

BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu** (43), p. 441-463, julho – dezembro de 2014. ISSN 0104-8333

BORBA, R. Linguística Queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas** – Vol. 9, n. 1 (jan./jun. 2015) ISSN 1806-9509.

BOSI, E. A opinião e o estereótipo. **Revista Contexto**, nº2, março, 1977:97-104.

BRAMMERTS, H.; KLEPPIN, K. Supporting face-to-face tandem learning. IN: LEWIS, T; WALKER, L. (Eds.) **Autonomous Language Learning in Tandem**. Sheffield (UK): Academy Electronic Publications Limited, 2003.

BRAMMERTS, H.; CALVERT, M.; KLEPPIN, K. Objectivos e formas de aconselhamento individual. In: Delille, K. H.; Chichorro, A. F. **Aprendizagem autónoma de línguas em tandem**. Lisboa: Colibri, 2002, p. 69-79.

BRITO, L. T. **A noção de performatividade para pensar os sentidos atribuídos ao masculino no espaço da Educação Física escolar**. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/Trabalho-Enla%C3%A7ando-Sexualidades-1-2015.pdf>. Acessado em: Out, 2018.

BUTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York. Routledge, 1990.

BUTLER, J. **Lenguaje, poder e identidad**. Trad. Javier Sáez y Beatriz Preciado. Madrid: Editora Síntesis, 2004.

BUTLER, J. (1993). **Bodies That Matter**. Londres: Routledge, [o capítulo introdutório deste livro foi publicado, em português, em Guacira Lopes Louro (org.). (1999). *O corpo educado- Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, p.151-172, com o título “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BRANDÃO, H.H.N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora UNICAMP, 2012.

CABECINHAS, R. Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais. In: **ACTAS DO II CONGRESSO IBÉRICO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 2004, Universidade da Beira Interior, Covilhã. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/1650>. Acesso em: 29 maio, 2017.

CAVALARI, S. M. S. **A auto-avaliação em um contexto de ensino-aprendizagem de línguas em tandem via chat**. Tese de Doutorado. P.P.G em Estudos Linguísticos, UNESP – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

CHARMAZ, K. **A Construção da Teoria Fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Porto Alegre: Artmed; 2009.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**. 3. ed. São Paulo: FAPESP/ Iluminuras, 2004.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.I. São Paulo: Ed.34, 1995.

DERRIDA, J. **Limited Inc**. Campinas: Papyrus, 1991.

DIVAN L. M. F. e OLIVEIRA, R. P. A pesquisa qualitativa e o paradigma da ciência pós-moderna: uma reflexão epistemológica e metodológica sobre o fazer científico. **Gragoatá**: Niterói, n. 25, p. 185-202, 2. sem. 2008.

ELHAJJI, M. Comunicação Intercultural: apontamentos analíticos. **Revista Contemporânea**. UERJ, N.4. 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

FILHO, K. P. F.; TETI, M. M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. Santa Cruz do Sul: **Barbaroi**, n.38, jun. 2013.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCO, G.R.; RAMPAZZO, L. Estereótipos como sedimentadores de ideias de hegemonia em parcerias de teletandem institucional semi-integrado. **Domínios de Lingu@gem**, v.10, n.4, p.1302-1325, 2016.

GERRING, J. **Pesquisa de estudo de caso**. Princípios e práticas. Tradução de Caesar Souza. Editora Vozes: Petrópolis, 2017.

GIVEN, L. M. **The sage encyclopedia of qualitative research methods**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2008.

GONZALEZ-LLORET, M. & ORTEGA, L. (Eds.) **Technology and tasks**: Exploring technology-mediated TBLT (pp. 1-21). Amsterdam/Philadelphia. John Benjamins, 2014.

KOHLBACHER, F. The use of qualitative content analysis in case study research [89 paragraphs]. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, [On-line Journal], v. 7, n. 1, Art. 21, Dec. 2005.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

LEMOS, L. M. P.; KARHAWI, I.; SUZUKI, H. E. N. Estereótipos e comicidade: a série As brasileiras em paródias nas redes sociais. **Revista Parágrafo**, v. 2, n.1, p. 116 - 132. Jan a Jun de 2014.

LIPPMANN, W. **Opinião pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LOURO, G. L. Uma sequência de atos. Dossiê. **Cult**, nº. 185, p. 31-37. <http://revistacult.uol.com.br/home/tag/judith-butler/>. Publicado dia 08/01/2014, às 18h15.

MAZZARA, B. M. **Estereotipos y prejuicios**. Madrid: Acento Editorial, 1999.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 167-176.

MOITA LOPES, L. P. da; BASTOS, L.C. (Orgs.) **Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2010.

MOTTA, L. E.; SERRA, C. H. A. A ideologia em Althusser e Laclau: diálogos (im)pertinentes. **Revista de Sociologia e Política**. Vol. 22, nº 50, Curitiba, Apr/June, 2014.

NOOR, K. B. M. Case Study: A Strategic Research Methodology. **American Journal of Applied Sciences**. Volume 5, Issue 11, p. 1602-1604, 2008.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PENNYCOOK, A. **Language as Local Practice**. London: Routledge, 2010.

PENNYCOOK, A. Por uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L.P. da (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p.67-84.

PEREIRA, M. E. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo: EPU, 2002.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2011.

PONZIO, A. **No círculo com Mikhail Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

RAMPAZZO, L. **Gêneros textuais e telecolaboração**: uma investigação da sessão oral de teletandem inicial. Dissertação de Mestrado. P.P.G em Estudos Linguísticos, UNESP – Universidade Estadual Paulista, 2017.

RAMPAZZO, L.; ARANHA, S. A sessão oral de teletandem inicial: a estrutura retórica do gênero. **DELTA**. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 34, p. 449-473, 2018.

REES, D. K. Algumas considerações sobre a pesquisa qualitativa. **SIGNÓTICA**, v. 20, n. 2, p. 253-274, jul./dez. 2008.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (org.). **Lingua(gem) e identidade**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998, p. 213-230.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas: Papirus, 1997.

ROLNIK, S. Instauração de mundos. 15 pp. **Revista MAM**, São Paulo. 1998. pp. 7-10. Disponível em: <https://revistausina.com/pensamento/instauracoes-de-mundos/>. Acessado em: junho de 2019.

ROLNIK, S. **Narciso no Espelho do Século XXI**: Diálogos entre a Psicanálise, as Ciências Sociais e a Comunicação. Disponível em: <http://www.narciso21.com>. Acessado em: maio de 2017.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

SACCOL, A. Z. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Rev. Adm. UFSM**, Santa Maria, v. 2, n. 2, p. 250-269, maio/ago. 2008.

SALIH, S. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. 1ª ed. 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SALOMÃO, A.C.B. O componente cultural no ensino e aprendizagem de línguas: desenvolvimento histórico e perspectivas na contemporaneidade. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, 54(2), 361-392, jul./set. 2015.

SANTOS, H. S. O papel de estereótipos e preconceitos na aprendizagem de LE. In: **Anales del Congreso Brasileño de Hispanistas**, São Paulo, Brasil. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php>. 2002.

SCORSOLINI-COMIN, F., SANTOS, M. A. Bakhtin e os processos de desenvolvimento humano. **Pepsico**. Rev. Bras. Crescimento Desenvolvimento Humano, vol.20, nº.3, São Paulo, 2010.

SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SIMÕES, A. k. G. Representações e estereótipos sobre a tradução português/espanhol. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n(53.1): 243-257, jan./jun. 2014.

SOUZA, L. M. T. M. de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA JÚNIOR, B. (org). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. P. 113-133.

TELLES, J. A. **Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI**. Campinas: Pontes Editores, 2009.

TELLES, J. A. **Projeto Teletandem Brasil: Línguas Estrangeiras para Todos – Ensinando e Aprendendo línguas estrangeiras in-tandem via MSN Messenger**. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP. 2006. Disponível em: <http://www.teletandembrasil.org/site/docs/TELETANDEM_BRASIL_completo.pdf>. Acesso em 07/01/2015.

TELLES, J. A. **Teletandem e Transculturalidade na interação on-line em línguas estrangeiras por webcam**. Projeto de pesquisa financiado pela FAPESP, 2011.

TELLES, J. A. Teletandem and Performativity. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 1-30, 2015.

TELLES, J. A. **Being a language teacher: Stories of critical reflection on language and pedagogy**. Tese de Doutorado. University of Toronto, OISE - Ontario Institute for Studies in Education, Department of Curriculum, Center for Teacher Development, 1995.

TELLES, J.A.; ZAKIR, M.A.; FUNO, L.B.A. Teletandem e episódios relacionados a cultura. **DELTA - Revista de Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, 31(2), 359-389, 2015.

VASSALO, M.L. e TELLES, J.A. Aprendendo línguas estrangeiras in-tandem:

histórias de identidades. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, p.341-81, 2008.

WOLCOTT, H.F. **Transforming Qualitative Data: Description, analysis and interpretation**. Thousand Oaks, Ca.: Sage Publications, 1994.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

YIN, R. K. (2014) *Case Study Research: Design and methods*. Thousand Oaks: Sage Publications. (5th edition)

GLOSSÁRIO

Glossário de termos

1. Citacionalidade:

Para Derrida, ao invés de funcionar devido às intenções de um/a falante, os atos performativos funcionam porque encarnam formas linguísticas convencionais que já existiam antes da/o falante usá-las. Dessa forma, os performativos funcionam, e a linguagem em geral funciona, porque podemos (re)citá-los/a. A citacionalidade é, então, um dos mecanismos que fazem com que os performativos sejam inteligíveis e que, destarte, façam o que dizem (BORBA, 2014, p.464)

2. Interpelação: é o mecanismo de funcionamento da performatividade.

Para Althusser, a interpelação é a identificação com o discurso do outro, fazendo-o sujeito. Ele coloca ideologia e interpelação como a mesma coisa que recruta e transforma indivíduos em sujeitos. (ALTHUSSER, 1992).

“Nossa ‘incoerência’ (incompletude) define o modo como somos constituídos na relacionalidade: implicados, obrigados, derivados, sustentados por um mundo social além de nós e anterior a nós” (BUTLER, 2015, p. 87)

3. Iterabilidade:

Iterabilidade, termo derivado do Sânscrito itara que significa “outro”, refere-se ao fato de que em nossa vida linguística e social repetimos incansavelmente os recursos semióticos a nós disponíveis, mas tal repetição nunca é uma simples réplica: iterabilidade implica repetir e mudar ao mesmo tempo. É na dinâmica das repetições que a iterabilidade produz o que Derrida denomina de *force de rupture*: ao serem retirados de um contexto e repetidos em outro os signos linguísticos carregam consigo traços do contexto anterior e os expõem ao novo contexto produzindo assim ruptura e continuidade simultâneas. A possibilidade de mudança está nesse processo de sair de um e ir para outro contexto: já que repetir nunca é simplesmente copiar tal e qual, temos aí possibilidades de repetições subversivas. É do encontro de Butler com a preocupação derridiana com repetições e suas forças de ruptura que se vai do performativo à performatividade (BORBA, 2014, p. 464-5). Portanto, quando usarmos repetição, repetir, estamos, nessa tese, usando a ideia de iterabilidade.

4. Performance:

Segundo Borba (2014), performance é a ação, atuação do sujeito que acontece dentro de uma cena discursiva e é regulada por estrutura rígida que delimita suas possibilidades. O gênero, sexo, sexualidade e estereótipo (acrécimo nosso) são performativos porque são produzidos na/pela/durante a performance sem uma essência motivadora.

5. Performatividade:

Segundo Borba, são os códigos de significação que possibilitam, potencializam e limitam a performance (Sullivan, 2003; Cameron & Kulick, 2003; Pennycook, 2007)

APÊNDICES

APÊNDICE A: Questionário pessoal.

QUESTIONÁRIO PARA INTERAGENTES

Segundo Lippmann (2008), quando nos aproximamos da realidade, não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos. Aí está o estereótipo: são "os tipos aceitos, os padrões correntes, as versões padronizadas". Eles interferem na nossa percepção da realidade, levando-nos a "ver" de um modo pré-construído pela cultura e transmitido pela linguagem. O estereótipo é a visibilidade/exemplo do valor cultural.

A partir desta visão sobre estereótipos, pesquisamos os modos de uso dos estereótipos na interação e mediação do teletandem e a qualidade dos mesmos para entender a comunicação transcultural do teletandem. Nestas trocas de falas, as noções de estereótipo e referência podem ser formadoras e/ou indicadoras de identidades nacionais-culturais que se confrontam.

As perguntas seguintes pretendem que você reflita sobre sua experiência na educação transcultural vivenciada no teletandem. Por isso, conte o que vivenciou em relação à temática exposta, respondendo às questões.

1. Nas suas sessões de teletandem, vocês (você e seu parceiro), certamente, falaram muito sobre a cultura de seus países. Vamos lembrar e refletir sobre isso, inicialmente.

a) Quando isso aconteceu? e

b) Como isso aconteceu? (Dê exemplos, conte uma ou duas das histórias trocadas).

2. Como você discutiria com seu parceiro falas como as exemplificadas abaixo:

a) "Nós não somos tão pontuais como ingleses".

b) "Então todo mundo vai ao shopping pra passear, né, tomar sorvete e depois compram, né? Já nos Estados Unidos, as pessoas vão, compram e voltam. Aqui (Brasil) as pessoas são mais Free".

APÊNDICE B: Atividade com as charges.

Caro interagente,

(a) escolha uma ou duas charges. Mostre ao seu parceiro de interação e (b) discuta com ele as noções de estereótipo que vocês têm ao visualizarem os textos. Após a discussão e interação, (c) relate no formulário (1) o porquê de sua escolha, (2) como discutiram sobre estereótipo mostrado na(s) charge(s) e (3) como esta temática aparece no teletandem.



Todas retiradas <https://www.google.com.br> em 04/11/2017.

APÊNDICE C: Questionário “Estereótipos em charges”

Identifique-se e coloque a data de realização desse forms.

Explique a escolha de cada charge

Como vocês discutiram os estereótipos mostrados nas charges? Concordaram, discordaram, por quê? Em que aspectos?

APÊNDICE D: Quadro diário

Dia da interação	Relate questões linguísticas que discutiram. Das habilidades linguísticas (escrever, ler, falar e ouvir) qual você tem mais dificuldade? Como usará o teletandem para melhorá-la? E seu parceiro, qual a maior dificuldade? Como você pode ajudá-lo?	Relate como questões culturais foram conversadas. Houve algum preconceito? Houve algum estereótipo? Como foi o uso? A forma do parceiro ver sua cultura chamou sua atenção positiva ou negativamente? Por quê?
06/Março		
12/Março		
20/Março		
03/Abril		
10/Abril		
17/Abril		
24/Abril		

ANEXO

ANEXO A - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

Eu, PAOLA DE CARVALHO BUVOLINI FREITAS (RG 35.180.151-0), doutoranda do programa de Estudos Linguísticos da UNESP/São José do Rio Preto, orientanda do Prof, Dr. João Antônio Telles, convido você a participar do Projeto *Teletandem: Transculturalidade na comunicação on-line em língua estrangeira por webcam*. Sua participação gerará dados para estudos no âmbito do referido projeto.

Antes de assinar este termo de consentimento livre e esclarecido, gostaria de explicitar os detalhes de sua participação:

	Rubrica de consentimento
<p>1 Apresentação da pesquisa</p> <p>Você participará de até 15 sessões de teletandem, sendo 1 hora de interação (meia hora na língua portuguesa e meia hora na língua estrangeira).</p>	
<p>2 Ao final de cada interação ocorrem as mediações (duração de até 30 minutos cada) a fim de tornar a experiência do teletandem ainda mais positiva. As mediações são coordenadas por alunos da graduação/da pós-graduação/professores da UNESP envolvidos no projeto teletandem e responsáveis pela turma na qual você está inserido. Qualquer problema ou dúvida, você pode recorrer ao mediador.</p>	
<p>3 Os dados por você gerados serão submetidos à análise do pesquisador com os seguintes objetivos: (a) os modos de usar os estereótipos no teletandem, (b) verificar as consequências da utilização de estereótipos para a qualidade da comunicação intercultural em teletandem e (c) as maneiras de fazer a mediação no teletandem para discutir questões culturais como os estereótipos. Os objetivos da pesquisa em questão fazem parte do objetivo maior do projeto atual do teletandem que é levantar os modos pelos quais você compreende a cultura do seu parceiro de teletandem e seus impactos sobre sua aprendizagem e sobre a sua relação com seu parceiro estrangeiro;</p>	
<p>4 Serão feitas gravações em áudio/vídeo das sessões de teletandem com o seu parceiro, assim como de entrevistas por você concedidas, de acordo com a sua vontade e tempo disponíveis;</p>	
<p>5 Darei, antes e durante a pesquisa, explicações acerca da metodologia e o método de análise dos dados. As atividades podem, por algum motivo, lhe causar algum desconforto ou constrangimento, mas que serão, ao máximo, evitados pelo pesquisador;</p>	
<p>6 Caso, por qualquer motivo, você se sinta desconfortável, pode não participar do estudo. Participará das interações e mediações sem ser participante da pesquisa;</p>	

7	Para garantir seu anonimato e assegurar sua privacidade, os dados por você gerados serão considerados confidenciais e os seguintes procedimentos de anonimato serão utilizados para garantir o sigilo e confidencialidade de sua pessoa: (a) terão acesso aos dados somente os professores pesquisadores, doutorandos, mestrandos e alunos de iniciação científica participantes do projeto; (b) seus dados serão armazenados em discos rígidos, protegidos por senha conhecida somente pelo pesquisador e orientador;	
8	Você não será pago por sua participação no projeto, sendo que os ganhos decorrentes da mesma serão no âmbito de sua aprendizagem e de sua experiência de participação;	
9	No caso de aplicação de questionários ou de entrevistas, você terá o direito de não responder às perguntas que lhe causem constrangimentos de qualquer natureza;	
10	Você autoriza a publicação dos seus dados, desde que sejam mantidos os procedimentos de anonimato, acima descritos? () Sim () Não	
11	Sua imagem poderá aparecer, por meio de vídeos ou fotos, em demonstrações públicas de gravações de teletandem, pela televisão, vídeos de divulgação do projeto, ou em publicações dos trabalhos da pesquisa. Você autoriza a divulgação de sua imagem por esses meios e canais? () Sim () Não () Autorizo com uma tarja preta ou desfocalização do meu rosto.	

Nome: _____ RG: _____
 Endereço: _____ Fone: _____
 _____, _____ de _____ de _____

Assinatura do Participante

DADOS DO PESQUISADOR	
Nome:	PAOLA DE CARVALHO BUVOLINI FREITAS Doutoranda no Programa de Estudos Linguísticos
Endereço:	UNESP/IBILCE - Rua Cristóvão Colombo, 2265. Bairro Jardim Nazareth. São José do Rio Preto/SP Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do IBILCE/UNESP
Telefone para contato:	(17) 3221 2545 Pós graduação e (14) 997255876 pesquisadora
E-mail:	paolabuvolini@gmail.com , jtelles@assis.unesp.br (orientador)